



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CARIRI-UFCA
CENTRO DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO DO SEMIÁRIDO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO REGIONAL
SUSTENTÁVEL - PRODER**

ADELIA ALENCAR BRASIL

**SUSTENTABILIDADE E PROTAGONISMO FEMININO NO SEMIÁRIDO:
UM ESTUDO DE CASO DA COMUNIDADE RURAL
BAIXIO GRANDE, ASSARÉ-CEARÁ**

JUAZEIRO DO NORTE

2015

ADELIA ALENCAR BRASIL

**SUSTENTABILIDADE E PROTAGONISMO FEMININO NO SEMIÁRIDO:
UM ESTUDO DE CASO DA COMUNIDADE RURAL
BAIXIO GRANDE, ASSARÉ-CEARÁ**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional Sustentável, da Universidade Federal do Cariri, como requisito parcial para obtenção do Título de Mestre em Desenvolvimento Regional Sustentável.

Área de concentração: Desenvolvimento Regional Sustentável.

Orientadora: Profa. Dra. Suely Salgueiro Chacon.

JUAZEIRO DO NORTE

2015

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Cariri
Sistema de Bibliotecas

A368s

Alencar Brasil, Adelia.

Sustentabilidade e protagonismo feminino no semiárido: um estudo de caso da comunidade rural Baixo Grande, Assaré – Ceará / Adelia Alencar Brasil. – 2015.

163f.: il. color., enc.; 30 cm.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Cariri, Mestrado em Desenvolvimento Regional Sustentável, Juazeiro do Norte, 2015.

Orientação: Profa. Dra. Suely Salgueiro Chacon.

1. Sustentabilidade. 2. Protagonismo feminino. 3. Semiárido brasileiro. I. Título.

CDD 305.48

ADELIA ALENCAR BRASIL

**SUSTENTABILIDADE E PROTAGONISMO FEMININO NO SEMIÁRIDO:
UM ESTUDO DE CASO DA COMUNIDADE RURAL
BAIXIO GRANDE, ASSARÉ-CEARÁ**

Dissertação de Mestrado em Desenvolvimento Regional Sustentável da Universidade Federal do Cariri, como requisito parcial para obtenção do Título de Mestre em Desenvolvimento Regional Sustentável. Área de concentração: Desenvolvimento Regional Sustentável.

Aprovada em: ____ / ____ / ____.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Suely Salgueiro Chacon (Orientadora)
Universidade Federal do Cariri (UFCA)

Profa. Dra. Verônica Salgueiro do Nascimento
Universidade Federal do Cariri (UFCA)

Profa. Dra. Francisca Laudeci Martins Souza
Universidade Regional do Cariri (URCA)

Profa. Dra. Maria Odete Alves
Banco do Nordeste do Brasil (BNB)

A Deus,

Por me conduzir com muita maestria, força, paciência, sabedoria e determinação para percorrer esse caminho e concretizar esse sonho.

Em especial, a meu irmão Renato Alencar Brasil, que me deixou uma lição de superação diante do momento vivido para chegar até aqui (*In memoriam*, 28/09/2012).

AGRADECIMENTOS

A Deus, por ter me dado força e saúde para enfrentar todas as dificuldades que surgiram ao longo do caminho.

Aos meus pais Cícera Brasil de Alencar e Acácio Alencar Brasil, pelo amor, incentivo e apoio incondicional, que apesar da distância e de todas as dificuldades me ensinaram a valorizar a vida independente de qualquer coisa, a respeitar, a amar as pessoas e ser honesta. Porque, tudo que precisamos ter na vida é paz e viver bem. Valores estes que me acompanham e fortalecem a minha caminhada aonde quer que eu vá. Só tenho a agradecer pelo apoio, pelo incentivo nas horas difíceis, de desânimo e cansaço e pela minha ausência dedicada aos estudos por tanto tempo.

À minha avó Jacinta Brasil de Alencar, que sendo a minha segunda mãe, me ensinou que o tempo se encarrega de colocar as coisas no lugar, que a paciência e o amor são os ingredientes para viver bem.

Aos meus irmãos Alberto, Roberto e Fábio. Às minhas cunhadas, Selma Maria e Antônia Alcântara, e aos meus sobrinhos, Felipe e João Victor, que mesmo à distância souberam respeitar os momentos ausentes quando aqui estavam, sempre me apoiando e me fazendo entender que o futuro é feito a partir da constante dedicação no presente.

À minha irmã Adriana Brasil de Alencar, que está sempre presente em minha vida em todos os momentos não poderia deixar de mencionar como sujeito principal desta pesquisa por ter me provocado tamanha curiosidade para a realização deste trabalho, por me fazer reconhecer que também sou protagonista dessa história. Por aguçar a minha visão a reconhecer o potencial e as possibilidades do nosso lugar, da nossa comunidade, por termos sido protagonistas de uma nova visão sobre o Semiárido.

Ao meu irmão Renato Alencar Brasil (*in memoriam*), este me ensinou por meio da sua passagem tão rápida na terra, o poder e a força da fé, a determinação e a coragem para superar as adversidades que a vida nos apresenta. Sua morte prematura aos 26 anos depois de tudo que passamos juntos foi para mim um momento único. Dedico este trabalho a ele, por ter me oportunizado no momento de profunda dor me concentrar, pensar e fazer este projeto para chegar até aqui.

Aos primos, primas, tios e tias, que contribuíram de maneira valiosa nessa construção de forma direta e indireta.

À professora Dra. Suely Salgueiro Chacon, pelas orientações fundamentais em todos os momentos de encontro, pelo apoio e por acreditar na minha capacidade de

desenvolver este trabalho que sem a sua contribuição seria impossível. Pelo seu carisma e pelo acolhimento em todos os momentos que precisei. Muito grata pela sua disponibilidade e pela ajuda, para que eu conseguisse chegar até aqui, assim como sua preocupação com todos nós que fazemos esta Universidade.

À professora Dra. Laudeci Martins, que durante todo esse tempo me acompanhou, orientou, cuidou de mim, em todos os momentos, dentro e fora do mestrado. Muito grata pelas contribuições valiosas neste percurso que trilhei.

À professora Dra. Verônica Salgueiro do Nascimento por contribuir e estar presente desde o início dessa jornada e à professora Dra. Maria Odete Alves, que vem compor a banca e colaborar com este trabalho.

Quero dizer que todas vocês professoras me fizeram enxergar que existe mais que pesquisadores e resultados por trás de uma dissertação, pois há além de tudo vidas humanas. Vocês não foram somente professoras e orientadoras, foram muito além dessa relação professor/aluno, em muitos momentos foram conselheiras, confidentes, mães e amigas. Vocês foram e são referências profissionais e pessoais para meu crescimento. Obrigada por estarem ao meu lado e acreditarem tanto em mim!

Um agradecimento especial a todos os professores do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional Sustentável (PRODER), por me proporcionarem o conhecimento que possui a manifestação do caráter e da afetividade, por me fazerem entender que o conhecimento é constante e, pela dedicação de cada um em contribuir com a concretização deste trabalho, não somente por me ensinar, mas por terem me proporcionado o real significado de aprender.

A todas as pessoas da comunidade rural Baixio Grande, em Assaré-Ceará, que se disponibilizaram a participar, proporcionando-me tamanha responsabilidade, pois sem vocês a realização deste trabalho não seria possível. Vocês merecem meu eterno agradecimento.

Aos colegas e amigos de mestrado pelos momentos vividos com muito companheirismo, dedicação, alegrias e pela convivência que estabelecemos com base no respeito e no amor. Momentos de muitas partilhas, em especial com os (as) amigos (as) Eva Regina, Milanya Ribeiro, Aila Maria, Neiliane Bezerra, Marcelo Bezerra, Jorge Ishimaru, Sergio Gonzalez, Adriana Correia, Divlândia, Altamira e Yure, estes representam os demais da turma e das outras turmas das quais tive o prazer de compartilhar tantas coisas, principalmente, pelos momentos de construção de saberes no coletivo, pelos congressos, pelos momentos de conversas, de encontros, de apoio nas dificuldades e pela compreensão durante

todo esse processo de construção do trabalho. Muito grata, pelo elo de amizade que será eterna.

Ao grupo de estudo Laboratório de Estudos em Economia Solidária (ECOS), que desde 2010 faz parte desse processo de aprendizagem, pelo apoio de todos os colegas, que compõem esse grupo e que fizeram parte também dessa caminhada nos momentos de produção, de discussão e de ajuda mútua.

À secretária do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional Sustentável (PRODER), Iza Leite que sempre esteve presente resolvendo todas as nossas necessidades. Muito obrigada, você também tem um papel importante neste trabalho.

À coordenação, amigos e colegas da Escola SESI Padre Azaria Sobreira pelo apoio, em especial, aos professores José Ribeiro Lôbo e Joselia Maria Feitosa Bezerra pelos esforços para atender às minhas necessidades após a aprovação no mestrado. Muito grata.

À Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico (FUNCAP), pelo incentivo financeiro por meio da concessão de bolsa para a efetivação deste trabalho.

A todos que contribuíram direta ou indiretamente para o êxito deste trabalho.

Que bom que é

Viver, a deslumbrante experiência do aprender

Sonhar, a contagiante vivência do pesquisar

Despertar para a beleza do conhecimento múltiplo

Acordar e caminhar para a diversidade que hora me encanta diariamente

Assim defino essa caminhada

Com uma força motriz que acelera e desacelera

Na imensidão do desconhecido

Vejo-me...

Represento-me diante dessa etapa que apenas inicia um novo ciclo

Estou diante apenas de mais um ponto de partida

Ponto de partida que criou alternativas para ir além

Ponto de partida que estabeleceu uma rede de relações infinitas

Ponto de partida que criou elos de amizade, de afeto, de novas possibilidades e desafios

Sinto-me agora diante do trabalho árduo o qual me propus desenvolver

Descrevo-me na elaboração desse trabalho com uma palavra plural:

PERSISTÊNCIAS!

Sinto-me agora apenas um pontinho no emaranhado de vida que se apresenta

Sinto-me feliz e realizada, mesmo sabendo que não acabou...

Porque a vida continua...

Sinto-me muito GRATA!!!” (Adelia Alencar Brasil, 2015)

RESUMO

O presente trabalho se concentra no fenômeno do protagonismo feminino no Semiárido brasileiro, com o objetivo de analisar o protagonismo feminino no Semiárido e as práticas de sustentabilidade a partir do estudo de caso na comunidade rural Baixio Grande, Assaré, ao Sul do estado do Ceará. Optou-se pela pesquisa qualitativa, a partir do estudo de caso, como recorte empírico a experiência da comunidade rural Baixio Grande. Para seu desenvolvimento a pesquisa de campo foi realizada do mês de julho de 2013 a setembro de 2014. Inicialmente, foi realizado o levantamento bibliográfico, a observação participante, o mapa da comunidade, a entrevista aberta ou em profundidade, utilizando o Diagnóstico Rural Participativo (DRP) e a análise de dados pela triangulação. Como resultados, observou-se que a comunidade rural Baixio Grande vivencia a prática do associativismo com a participação das mulheres e que o envolvimento feminino nas associações lhes possibilitou mais autonomia profissional, financeira e, principalmente, pessoal. Neste sentido, evidencia-se a batalha diária dessas mulheres para sobreviver e se afirmar como protagonistas de sua própria história, revelando-se como mulheres que se potencializam cada vez mais diante dos desafios que acometem seu dia a dia. Por fim, a importância de conquistar sua autonomia e autoestima passando a assumir o papel de agente modificadora no processo de desenvolvimento local a partir da participação nas associações e ao acessar as políticas públicas. Tudo isso causou mudanças significativas em suas vidas, mas especificamente nas relações familiares e no ambiente dos grupos dos quais participam. Essas são as principais questões percebidas em relação à comunidade e de como ela consegue desenvolver as práticas de sustentabilidade de forma espontânea, com um efeito extremamente impactante.

Palavras-chave: Sustentabilidade. Protagonismo Feminino. Semiárido. Comunidade Rural Baixio Grande.

ABSTRACT

This paper focuses on the phenomenon of female leadership in the Brazilian semi-arid region, with the aim of analyzing the female role in the semi-arid and sustainability practices from the case study in the rural community Baixo Grande, Assaré, south of Ceará. We opted for the qualitative research from the case study, as empirical clipping the experience of the rural community Baixo Grande. For its development the fieldwork was carried out from July 2013 to September 2014. Initially, the literature was conducted participant observation, the community map, the open or in-depth interviews using the Participatory Rural Appraisal (DRP) and data analysis by triangulation. As a result, it was observed that the rural community Baixo Grande experiences the practice of association with the participation of women and that women's involvement in associations, brought them more professional and financial autonomy and, above all, personal. In this regard, highlights the daily battle these women to survive and assert itself as protagonists of their own history, revealing itself to be women who leverage increasingly facing the challenges that affect their daily lives. Finally, the importance of gaining autonomy and self-esteem through thus to assume its role as a modifying agent in the local development process from the participation in associations and when accessing public policy. All this has caused significant changes in their lives, but specifically in family relations and the environment of the groups in which they participate. These are the main issues perceived in relation to the community and how it can develop sustainability practices spontaneously, but has an extremely impressive effect.

Keywords: Sustainability. Female Protagonists. Semi-arid. of Great Bog Community.

LISTA DE FOTOS

Foto 01	- Construção do mapa da comunidade rural Baixio Grande	52
Foto 02	- Momento de discussão e construção do mapa da comunidade	52
Foto 03/04	- Curso de ovinocaprinocultura com a participação feminina	66
Foto 05	- Capacitação das mulheres para artesanato em palha de milho	67
Foto 06/07	- Implementação do projeto de Energia Solar no Assentamento Irmãos Brasil. Estufa e Placas Solares	69
Foto 08	- Projeto de Energia Solar em funcionamento, comunidade Baixio Grande....	69
Foto 09	- Exposição do artesanato de palha de milho na Expocrato	83
Foto 10	- Exposição do artesanato de palha de milho na comunidade na inauguração do projeto de Energia Solar	83
Foto 11/12	- Programa Brasil sem Miséria com a produção de galinhas	115
Foto 13	- Programa Água para Todos - Cisternas de Placas	116
Foto 14	- Projeto de aquisição de vacas leiteiras / Assentamento Irmãos Brasil	116
Foto 15/16	- Projeto de Hortifrutas / Assentamento Rural Irmãos Brasil	118
Foto 17/18	- Áreas do Assentamento Rural Irmãos Brasil – Construção de casas para moradia e de um aprisco para criação de ovelhas	118

LISTA DE QUADROS

Quadro 01 - Matriz de organização comunitária da comunidade rural Baixio Grande, Assaré – CE	107
Quadro 02 - Matriz de distribuição das tarefas entre mulheres e homens	110
Quadro 03 - Acesso da comunidade as políticas públicas	119
Quadro 04 - Matriz de controle e acesso.....	121
Quadro 05 - Matriz de tomada de decisão	124
Quadro 06 - Indicadores de sustentabilidade na comunidade rural Baixio Grande	129

LISTA DE MAPAS

Mapa 01 - Mapa da comunidade rural Baixio Grande desenhado pelos jovens	53
Mapa 02 - Mapa de localização do estado do Ceará, do município de Assaré e da comunidade Baixio Grande	58
Mapa 03 - Mapa de localização do Semiárido brasileiro	80
Mapa 04 - Mapa de movimento dos homens	125
Mapa 05 - Mapa de movimento das mulheres	126

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 01 - Distribuição da população da comunidade rural Baixo Grande, por faixa etária, Assaré-Ceará	59
Gráfico 02 - Distribuição da população da comunidade rural Baixo Grande por faixa etária segundo o sexo	60
Gráfico 03 - Perfil de escolaridade da comunidade rural Baixo Grande, Assaré-CE	122
Gráfico 04 - Distribuição profissional da população masculina e feminina da comunidade rural Baixo Grande, Assaré-CE	123
Gráfico 05 – Nível de escolaridade de homens e mulheres associados	135

LISTAS DE SIGLAS

AMRSM	Associação de Mulheres Rurais do Sítio Macaúba
ANA	Agência Nacional de Águas
ASA	Articulação do Semiárido Brasileiro
AVF	Avaliação Final
CENTEC	Instituto Centro de Ensino Tecnológico
CNPJ	Cadastro Nacional de Pessoa Jurídica
CREDE	Coordenadoria Regional de Desenvolvimento da Educação
DAP	Declaração de Aptidão ao Pronaf
DRP	Diagnóstico Rural Participativo
EBEP	Educação Básica e Ensino Profissionalizante
ECOS	Laboratório de Estudos em Economia Solidária
EJA	Educação de Jovens e Adultos
ENEM	Exame Nacional do Ensino Médio
FAO	Organização das Nações Unidas para Alimentação e a Agricultura
FCVSA	Fórum Cearense pela Vida no Semiárido
FOFA	Fortalezas, Oportunidades, Fraquezas e Ameaças
FRT	Fundo Rotativo de Terras
GEF	Global Environment Facility
GTE	Grupo Trançando Esperança
HGF	Hospital Geral de Fortaleza
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
INCRA	Instituto Nacional de Cidadania e Reforma Agrária
IPECE	Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará
MDA	Ministério do Desenvolvimento Agrário
MDS	Ministério de Desenvolvimento Social
MMA	Ministério do Meio Ambiente
MTST	Movimento dos Trabalhadores Sem Terra
ONG	Organização Não Governamental
PAA	Programa de Aquisição de Alimentos
PACS	Programa de Agentes Comunitários de Saúde
PBE	Programa Bolsa-Estiagem
PBF	Programa Bolsa-Família

PBSM	Programa Brasil Sem Miséria
PCF	Programa Crédito Fundiário
PGS	Programa Garantia Safra
PIMC	Programa um Milhão de Cisternas
PMM	Programa Mais Médicos
PNAE	Programa Nacional de Alimentação Escolar
PNMGF	Programa Nacional de Microcrédito do Governo Federal
PNUD	Programa das Nações Unidas
PROEXT	Programa de Extensão Universitária
PRONAF	Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar
PSF	Programa Saúde da Família
SAB	Semiárido Brasileiro
SAT	Subprojetos de Aquisição de Terras
SDA	Secretaria de Desenvolvimento Agrário
SEFAZ	Secretaria da Fazenda
SESI	Serviço Social da Indústria
UFC	Universidade Federal do Ceará
UFCA	Universidade Federal do Cariri
URCA	Universidade Regional do Cariri
UTI	Unidade de Terapia Intensiva

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	18
1	UMA HISTÓRIA, UM CAMINHO	21
1.1	A família como base para a minha trajetória	22
1.2	Experiências que marcaram fases importantes da minha vida	25
1.3	Trajetoária escolar e profissional	31
1.4	A comunidade hoje	40
2	CONSTRUINDO UM CAMINHO PARA A PESQUISA	43
2.1	Caracterização dos sujeitos da pesquisa	43
2.2	Abordagem e método	46
2.3	Técnicas e instrumentos de coleta de dados	48
2.3.1	<i>Memorial</i>	48
2.3.2	<i>Observação participante</i>	48
2.3.3	<i>Diagnóstico Rural Participativo (DRP)</i>	50
2.3.4	<i>Análise de gênero</i>	53
2.3.5	<i>Entrevista aberta ou em profundidade</i>	55
2.4	Análises de dados e informações	55
3	PERSPECTIVA HISTÓRICA DA COMUNIDADE BAIXIO GRANDE: A PRÁTICA DO ASSOCIATIVISMO COMO ESTRATÉGIA DE CONVIVÊNCIA COM O SEMIÁRIDO	57
3.1	Caracterização da comunidade e dos sujeitos da pesquisa	57
3.2	Caracterização geral da área de pesquisa: o surgimento da comunidade rural Baixio Grande e suas particularidades	60
3.3	A relação da comunidade com a prática do associativismo	63
3.4	A comunidade e suas saídas para conviver com o Semiárido	79
4	UM ENCONTRO COM O PROTAGONISMO FEMININO NO SEMIÁRIDO: A COMUNIDADE DE BAIXIO GRANDE	88
4.1	O protagonismo feminino	88
4.2	As relações familiares, o papel das mulheres e onde elas estão?	90
5	ANÁLISE DO PROTAGONISMO FEMININO NO DESENVOLVIMENTO DO SEMIÁRIDO NORDESTINO A PARTIR DAS DIMENSÕES DA SUSTENTABILIDADE	106
5.1	Matriz de organização comunitária da comunidade rural Baixio Grande,	

	Assaré-CE	106
5.2	Matriz: Distribuição das tarefas entre mulheres e homens	107
5.2.1	<i>As mulheres e o acesso às políticas públicas. O que mudou na sua vida e na relação familiar?</i>	<i>113</i>
5.3	Matriz de controle e acesso	120
5.4	A matriz de tomada de decisão	124
5.4.1	<i>Mapa de movimentos de homens e mulheres</i>	<i>125</i>
5.5	As dimensões da sustentabilidade como elementos no desenvolvimento da comunidade rural Baixio Grande, Assaré-CE	127
5.5.1	<i>Dimensão econômica</i>	<i>129</i>
5.5.2	<i>Dimensão ambiental</i>	<i>131</i>
5.5.3	<i>Dimensão político-institucional</i>	<i>133</i>
5.5.3.1	<i>Associação dos Pequenos Produtores Rurais do Baixio Grande</i>	<i>133</i>
5.5.3.2	<i>Associação das Artesãs de Palha de Milho do Sítio Baixio Grande</i>	<i>135</i>
5.5.3.3	<i>Associação Assentamento Irmãos Brasil</i>	<i>136</i>
5.5.4	<i>Dimensão sociocultural</i>	<i>138</i>
5.5.5	<i>Dimensão afetiva</i>	<i>142</i>
	CONSIDERAÇÕES FINAIS: A CONTINUIDADE	145
	REFERÊNCIAS	150
	APÊNDICES	158

INTRODUÇÃO

As discussões que aqui apresento surgiram da minha inquietação e, ao mesmo tempo, das indignações com a invisibilidade das mulheres no contexto do Semiárido. Ao reconhecer que se trata de um território detentor de potencialidades e especificidades que o torna diferente dos demais territórios diante o mundo científico, percebo que precisa ser destacado a partir de suas singularidades.

Um Semiárido que segundo Malvezzi (2007, p. 10) “é impossível de ser comparado com as outras regiões do Brasil, pela sua própria condição natural de ser”. Portanto, a minha discussão parte da ideia da sustentabilidade e do protagonismo feminino no Semiárido como uma questão que precisa ser discutida.

Os debates acerca da sustentabilidade do Semiárido e do protagonismo, já geram definição de conceitos bem estruturados, mesmo diante de sua complexidade, enquanto que sobre o protagonismo feminino no Semiárido, não. Este aspecto continua invisível, mesmo sendo algo tão real em sua conjuntura.

Diante disso, formulei a seguinte questão: em que medida o protagonismo feminino vem contribuir para o desenvolvimento do Semiárido?

O esforço de realizar este trabalho está vinculado ao objetivo de analisar o protagonismo feminino no Semiárido e as práticas de sustentabilidade a partir do estudo de caso na comunidade rural Baixio Grande, Assaré, ao sul do estado do Ceará. Para alcançar tal objetivo perseguiram-se os seguintes objetivos específicos: Descrever, numa perspectiva histórica, o envolvimento da comunidade na prática do associativismo como estratégia de convivência com o Semiárido; compreender a dinâmica familiar, as relações de gênero e a participação feminina nas associações existentes na comunidade e sua influência para além desse território; e, por fim, analisar o protagonismo feminino no desenvolvimento do Semiárido brasileiro a partir das dimensões da sustentabilidade.

Assim, a partir do cumprimento dos objetivos venho corroborar com o grande potencial que existe em um dos lugares mais longínquos dos grandes centros urbanos em relação ao município de Assaré, onde se localiza a zona rural do Baixio Grande, fazendo-me visualizar e me reconhecer nesta realidade por ser do lugar e da comunidade. Aqui vejo como é marcante na vida de todas nós mulheres sertanejas a dura realidade de viver no anonimato, perante a diversidade do Semiárido.

Esta justifica-se a partir de três argumentos: a invisibilidade das mulheres sertanejas no desenvolvimento do Semiárido; o protagonismo dessas mulheres como agentes modificadoras do território em que vivem e, por fim, a relevância deste estudo, haja vista a pouca exploração do tema nos espaços das universidades.

Adotei uma abordagem de natureza qualitativa a partir do estudo de caso, tendo como recorte empírico experiências na comunidade rural Baixio Grande, no município de Assaré, Ceará no sul do estado.

Para tanto, a estrutura metodológica da referida pesquisa se dá pela definição de suas etapas e natureza, a partir de um estudo de caso único, utilizando o Diagnóstico Rural Participativo (DRP).

O DRP é composto de um conjunto de técnicas e ferramentas que permitiu a coleta de dados a partir da Análise de Gênero, de acordo com as matrizes de análise: Matriz de organização comunitária (baseada na “FOFA” = Fortalezas, Oportunidades, Fraquezas e Ameaças), Matriz de distribuição das tarefas entre homens e mulheres, Matriz de controle e acesso, Matriz de tomada de decisão e o Mapa de movimento, ferramentas estas que viabilizaram os resultados da pesquisa.

A pesquisa foi realizada em etapas, com a pesquisa bibliográfica, a observação participante, o mapa da comunidade, a entrevista aberta ou em profundidade, caracterização da comunidade, caracterização dos sujeitos da pesquisa e, por fim, a análise de dados pela triangulação.

As discussões estabelecidas nesta pesquisa e as análises realizadas foram estruturadas e divididas em cinco capítulos, cada um com suas respectivas subdivisões. Em cada capítulo há o delineamento do referencial teórico dialogando com os resultados encontrados de acordo com os temas e suas particularidades.

No **Capítulo 1** expus a minha história de vida alinhada à justificativa por desenvolver essa temática em forma de memorial dialogando com diversos autores;

No **Capítulo 2** abordo a metodologia do trabalho a partir do seu detalhamento pelo método de investigação, pelas técnicas e os instrumentos de coleta de dados para o alcance dos objetivos da pesquisa;

No **Capítulo 3** caracterizo a perspectiva histórica da comunidade rural Baixio Grande e a prática do associativismo como alternativa de convivência com o Semiárido, vinculando a participação feminina nesses espaços de diálogos. Nesse sentido há uma contextualização

com a realidade do Semiárido e de outros espaços como: as visitas a outras comunidades que comungam das mesmas práticas, os chamados intercâmbios, participação em feiras, exposições, nas capacitações e nos cursos;

No **Capítulo 4** discorro sobre o protagonismo feminino no Semiárido a partir da comunidade Baixio Grande, esclarecendo os conceitos do protagonismo feminino, das relações familiares e do papel da mulher nas circunstâncias do contexto do Semiárido;

No **Capítulo 5** apresento uma análise mais profunda sobre o protagonismo feminino no desenvolvimento do Semiárido, com ênfase na Matriz de organização comunitária, na Matriz de distribuição de tarefas entre homens e mulheres, nesta ressaltando o acesso das mulheres às políticas públicas. Outra é a Matriz de controle e acesso aos recursos para o desenvolvimento das atividades produtivas, a Matriz de tomada de decisões e o mapa de movimento de homens e mulheres dentro e fora da comunidade. Finalizo este capítulo elencando as dimensões da sustentabilidade como elemento no desenvolvimento da comunidade Baixio Grande, Assaré-Ceará.

Por fim, as *Considerações Finais: a continuidade*, onde apresento algumas dificuldades mostrando a dificuldade do trabalho feminino no Semiárido ser reconhecido por ela mesma e pelos outros. Porém, de maneira sucinta, foi possível perceber que há uma organização comunitária apesar dos desafios; que há elementos estruturantes que sustenta essa organização pautada na união e na solidariedade entre as pessoas que ali vivem; que há um diferencial na comunidade, no que se refere ao trabalho produtivo, após a mulher provar que é capaz; que as mulheres conseguiram determinar seus espaços a partir de uma inquietação, e que hoje, conquistaram um grau de confiança que move ainda mais suas ações. Por isso, a ideia de continuidade pela complexidade da pesquisa.

1 UMA HISTÓRIA, UM CAMINHO

Este capítulo tem como premissa a minha relação com esta pesquisa, por fazer parte desse protagonismo que apresento ao longo de todo o trabalho. Foi um grande desafio iniciar a escrita sobre si mesma. No entanto, fluiu levemente por estar relacionada às minhas experiências e vivências.

O fato de me perceber no mundo, com o mundo e com os outros, me põe numa posição em face do mundo que não é de quem nada tem a ver com ele. Afinal, minha presença no mundo não é de quem a ele se adapta, mas a de quem nele se insere. É a posição de quem luta para não ser apenas objeto, mas *sujeito* também da história (FREIRE, 2011, p. 53).

É com essa citação de Paulo Freire que inicio esta parte do trabalho discorrendo sobre a minha trajetória de vida, como sujeito ativo da pesquisa a qual me propus desenvolver ao longo de dois anos. A minha relação com a temática sobre o protagonismo feminino no Semiárido é uma relação de vivência e de muito aprendizado entre teoria e prática que compõem este trabalho.

Compartilho o meu envolvimento e minhas percepções sobre o Semiárido, sobre o meio rural e sobre a minha pessoa como mulher que passa a protagonizar sua própria história na arena da vida, considerando que aproveitei as oportunidades que surgiram de maneira proativa. A busca pelo conhecimento foi o caminho para melhorar a minha qualidade de vida, ao mesmo tempo em que o mesmo transforma o ser humano, possibilitando mudanças significativas na minha percepção de mundo, conseqüentemente, na vida daqueles que estão ao meu redor.

Ao longo do texto ficam evidentes as mudanças ocorridas na minha vida pessoal, profissional e acadêmica, assim como na vida das pessoas que estiveram ao meu lado para construir comigo o caminho a ser trilhado e que contribuíram na minha formação como ser humano.

Estabeleço aqui relações entre as fases marcantes da minha trajetória de vida, desde a infância até os dias atuais e saliento que todas foram vivenciadas com muito entusiasmo, mesmo diante das dificuldades, acreditando na dedicação, cuidado e perseverança como elementos que me guiaram na construção dessa caminhada, presentes na edificação deste trabalho como companhia diante da imensidão da vida.

1.1 A família como base para a minha trajetória

Nasci no ano de 1977, na comunidade rural Baixio Grande no município de Assaré, Ceará, de um parto normal e em casa, por conta da dificuldade de acesso à cidade, pois na década de 70 o meio rural era desprovido principalmente, do acesso aos serviços de saúde, além da falta de estradas para chegar a sede municipal distante à 24 km.

Meus pais chegaram à comunidade Baixio Grande ainda criança, e, por terem vínculos familiares, acabaram se envolvendo e casando-. Prática esta muito comum no meio rural as relações conjugais entre primos. Tiveram apoio dos meus avós paternos Joaquim Celestino Brasil (Quinco) e Jacinta Alencar Brasil (Jausa) e meus avós maternos Francisco de Sousa Brasil (Chico) e Francisca Brasil de Alencar (Chica). Quando nasci, minha avó materna Chica já havia falecido. Ela morreu aos 36 anos de idade de uma doença até então desconhecida.

Nas décadas de 50 a 80 as condições de saúde na zona rural eram muito precárias e as mulheres se tornavam as mais vulneráveis pela sua própria condição. Em um estudo sobre as condições de vida da mulher cearense na zona rural Esmeraldo (2003, p. 50) retrata a fragilidade da saúde dessas mulheres mostrando na pesquisa que 64,1% nunca realizaram a prevenção de câncer. Portanto, se essa era a realidade de 2003, na década de 1960, as consequências da morte prematura de muitas pessoas na zona rural por doenças desconhecidas eram bem piores.

Meus avós paternos ajudaram muito meus avôs maternos após a morte da minha avó Chica, pois a mesma deixou cinco filhos, o mais novo com seis meses de vida. A mais velha era minha mãe Cícera Brasil de Alencar (Selma). Todos os parentes mais próximos ajudaram meu avô Chico a criar seus filhos, muitos de seus irmãos moravam no município de Crato, e meus avôs paternos com dez filhos já não tinham condições de ajudar a cria-los.

Mamãe aos nove anos de idade começou a viver a separação dos seus quatro irmãos devido às condições de vida daquela época. Ela foi morar no Crato na casa de seus tios para estudar. Meu avô Chico casou-se pela segunda vez, logo, minha mãe e mais dois irmãos voltaram para casa. No entanto, ele não passou muito tempo casado e se separou saindo dessa relação sem filhos. Porém, minha mãe continuou morando com ele e cuidando dos irmãos mais novos. Começou a namorar meu pai, Acácio Alencar Brasil, e com pouco tempo se casaram. Fui à primeira filha de uma família constituída por seis filhos e como filha de pequenos agricultores tive uma vida feliz. Sempre escutei meus pais: “Só queremos que vocês sejam bons filhos e, acima de tudo, honestos e trabalhadores”.

Em relação à minha infância, tenho boas lembranças de uma vida no meio rural, apesar das dificuldades materiais vivia muito bem. Aprendi muito cedo a ter responsabilidade. Meus pais são exemplos na minha vida, ensinaram-me a cuidar dos meus irmãos, da casa, a fazer comida, ir para a roça, brincar e estudar. Pois apesar de não ter como ajudar muito nas atividades escolares por não ter muito estudo, meu pai fez até a terceira série e minha mãe até a oitava série, eles acreditavam que a educação era um caminho de possibilidades.

Minha formação inicial começou em casa, apesar das dificuldades dos meus pais em relação ao baixo grau de instrução que possuía. Meu pai, mesmo sem estudos, soube educar a todos nós com muita sabedoria, ensinando valores que, sem eles, jamais chegaria aonde cheguei. Esses valores sempre estiveram presentes em minha vida; mesmo sem compreender tantas coisas meus pais me deixaram a lição de que a educação inicia nas relações familiares, a partir da relação de respeito consigo mesmo e com os outros.

Segundo Dessen (2007), a família é vista como a primeira instituição que realiza o processo de mediadora do indivíduo com a sociedade, promovendo a socialização do mesmo. Esta se torna responsável “pela transmissão de valores, crenças, ideias e significados presentes na sociedade”. O papel da família na educação dos filhos, de acordo com Dessen (2007, p. 22), ocorre com “as vivências que interagem a experiência coletiva e individual que organizam, interferem e a tornam uma unidade dinâmica estruturando as formas de subjetivação e interação social [...]”.

Para tanto, o cuidado dos meus pais em relação aos estudos e a preocupação que tinha o meu avô Quinco em educar e catequizar as crianças na comunidade demonstra tamanha responsabilidade com a educação. Mesmo diante das dificuldades meu avô buscava uma maneira de ajudar as pessoas da comunidade e aos seus.

Na década de 60/70 a educação era algo muito precário, principalmente, na zona rural, mas essa realidade não impediu que ele (meu avô) ajudasse aqueles que ali viviam. Meu pai trabalhava todos os dias com a plantação de milho, feijão, algodão e banana, e lembro que ele sempre dizia que “a gente só tem as coisas se trabalhar, e nenhum trabalho faz vergonha a ninguém, desde que seja digno e honesto, porque a gente só é pra ter aquilo que for fruto de nosso suor”. E todos os dias colocava todos nós para ir à escola e para ajudar na roça.

O contato com a natureza era uma grande fonte de inspiração para mim. Pois, esta era a única visão de mundo que tinha a partir do percurso de casa à escola, apesar de ser curiosa, a leitura, as músicas, o ouvir o rádio sempre aguçaram a minha vontade de aprender e de buscar o conhecimento. Essa realidade é muito bem retratada pelo poeta Patativa do Assaré (2003) na poesia “A estrada da minha vida”:

Trilhei, na infância querida,
 Composta de mil primores,
 A estrada de minha vida,
 Ornamentada de flores.
 E que linda estrada aquela!
 Sempre havia ao lado dela
 Encanto, paz e beleza;
 Desde a terra ao grande espaço,
 Em tudo eu notava um traço
 Do pincel da Natureza.
 (PATATIVA DO ASSARÉ, 2003, p. 203).

E assim, fui trilhando meu caminho, observando a partir da simplicidade a beleza do caminho a ser percorrido. Fui viajando a passos lentos, sem pressa e sem ambição, talvez isso seja a explicação, para chegar até aqui. Sonhei, almejei, dediquei-me, vivi tudo no seu devido tempo, e assim, protagonizei a história de uma filha de pequenos agricultores que chegou à universidade e conquistou seu espaço pelo esforço, dedicação e muita persistência.

E essa história começa com a doença do meu avô Quinco que admiro, precisando ir morar na cidade com minha avó Jausa e seus quatro filhos mais novos. Estes começaram a estudar e, com algum tempo, começaram a conversar com seus outros irmãos para deixar seus filhos ir morar com vovó no Crato, porque no Baixio Grande só tinha escola até a quarta série e quando a gente terminava tinha que parar de estudar, pois não tinha condições de ir morar na cidade.

Quando completei 12 anos de idade meus tios, juntamente com meus pais, decidiram que eu ia morar no Crato para dar continuidade aos estudos, já tinha mais duas primas morando com eles também, isso em 1989, então, passei a morar com minha avó Jausa.

A saída do campo para a cidade foi para mim um momento difícil. Mas, como gostava muito de estudar me adaptei rapidamente, ao dedicar-me aos estudos. Passei nos primeiros meses por fortes lembranças do lugar, da família que deixei. E aqui tomo como referência a Bosi (1994), quando ela fala sobre lembranças de família:

As lembranças do grupo doméstico persistem matizadas em cada um de seus membros e constituem uma memória ao mesmo tempo una e diferenciada. Trocando opiniões, dialogando sobre tudo, suas lembranças guardam vínculos difíceis de separar. Os vínculos podem persistir mesmo quando se desagregou o núcleo onde a história teve origem. Esse enraizamento num solo comum transcende o sentimento individual (BOSI, 1994, p. 423).

E, assim, defino esse momento de transição do campo para a cidade, na lembrança de um ambiente onde o diálogo era constante, pois não tinha outra coisa a fazer senão sentar na

calçada, fazer uma roda e conversar sobre tudo. Tudo o que nos rodeava, pois nosso universo apesar de limitado às informações era rico em brincadeiras e contação de histórias.

Portanto, os vínculos nunca foram deixados para trás, e cada vez mais me afirmava como uma pessoa que mesmo distante não esqueceu suas raízes. A cada experiência vivida, uma afirmação de onde vim, sem temer qualquer desafio, pois tinha comigo a convicção do meu valor enquanto ser humano.

1.2 Experiências que marcaram fases importantes da minha vida

Durante a infância, o que mais me marcou foi a minha relação com o lugar, a convivência familiar, a roça, a escola e os valores do verdadeiro sentido das palavras “família” e “coletividade”.

Lembro que mesmo em terras que não eram nossas, por serem dos meus avós e dos tios dos meus pais, meu avô Quinco costumava organizar tudo para que os seus quatro filhos que ali viviam tivessem um pequeno espaço produtivo, onde cada um ficava com uma área para plantar e, assim, tirar seus alimentos, já que a agricultura era de subsistência, com o objetivo de produzir para garantir a sobrevivência familiar.

Recordo as práticas dos mutirões ainda hoje presente, sendo esta uma iniciativa coletiva para um trabalho não remunerado em que todos se reúnem para ajudar uns aos outros. É um trabalho coletivo de partilha, de conversas, de brincadeiras e de cumplicidade na época da colheita. Lembro-me também dos “adjuntos”¹ para apanhar algodão e arroz. Adorava ir para a roça. Meu pai sempre nos levava, o melhor tempo era o período de plantar e limpar, era só a gente, só na colheita que todo mundo da comunidade ajudava.

Outra coisa em que participava muito era das renovações, do catecismo. Não havia igreja, mas meu avô Quinco preparou minha tia para que ela nos ensinasse o catecismo e nos preparasse para a vida religiosa. Nossas reuniões eram sempre depois das aulas uma vez por semana, e assim, foi minha formação religiosa desde criança envolvida nesse ambiente.

Ao falar sobre a mulher no tempo das catedrais, Pernoud (1980, p. 80) descreve o clima cultural na idade feudal enfatizando a questão religiosa no meio rural dizendo: “[...] a igreja é, ao mesmo tempo, o símbolo tangível da coletividade, do bem-estar frequentemente

¹ Segundo o Pequeno Dicionário da Língua Portuguesa: “*adj.* Unido; contíguo; associado; (*V. Promotor*); s. m. agregado; auxiliar; associado; (Gram.) termo acessório, que modifica outro, principal ou acessório; (prov. port.) ajuntamento reunião; (Bras. Nordeste)”.

muito relativo – dos seus membros e da aspiração de se desembaraçar do cotidiano para se elevar [...]”.

A religiosidade sempre esteve presente no cotidiano da comunidade, e mesmo diante das dificuldades, o que predominava era a fé em Deus e o espírito de união e solidariedade como elementos que mantêm o equilíbrio e o bem-estar das pessoas.

A palavra “falta” era muito presente em nosso cotidiano. As roupas que usávamos eram doações de nossos tios e tias, que moravam no Crato. Mamãe tinha uma tia que morava em São Paulo e uma vez por ano escrevia para ela pedindo roupas e calçados para nós. Depois ela passou a mandar sem minha mãe pedir. Comida, graças a Deus, nunca faltou, era pouca, porém minha mãe dividia direitinho para ninguém ficar sem. O café da manhã era angu de leite (farinha, sal e leite). Meus tios quando vinham do Crato sempre traziam café em caroço e farinha, desta forma a gente ia sobrevivendo.

Na década de 70/80 a situação do agricultor rural no Semiárido era de condições extremas de pobreza, só não passamos fome porque tinha uma família unida e que ajudava uns aos outros.

Quando era período de inverno meu pai colhia o feijão, o arroz e o milho. Quando dava, guardava para termos o que comer até o outro inverno. Graças a Deus esses mantimentos nunca faltaram. No ano de 1983 por conta de uma grande seca, passamos sufoco e vieram as “frentes de emergência” ou “frentes de serviços”² empregando as pessoas, era um programa do governo Federal. Meu pai trabalhava o dia inteiro e com quinze dias recebia uma cesta básica. Na época essa era nossa alimentação, pois sem inverno ele não conseguira colher nada do que plantou.

Com o passar do tempo, meu pai começou a plantar banana-maçã e toda segunda-feira levava para a feira na cidade de Assaré para complementar a nossa renda. Não era fácil estar com seis filhos e sobreviver apenas do que plantava.

Enquanto morei na comunidade Baixio Grande aprendi a conviver com as dificuldades, aprendi com a agricultura, com meus pais, e, principalmente, com o exemplo que eles e outros parentes nos proporcionaram. Os conselhos de meus pais e meus avós me ensinaram o caminho do que era certo e errado, isso carrego sempre na memória, eles sempre diziam: “Faça a coisa certa”.

² “Ação do governo diante o quadriênio de secas consecutivas que durou de 1979 a 1983. A criação de emprego para atender as necessidades mais imediatas, garantir a força de trabalho para os grandes proprietários sem onerá-los [...]” (CHACON *apud* CARVALHO, 2007, p. 167).

Existiram momentos muito marcantes na minha vida pessoal em relação aos meus irmãos. Três momentos, em especial, me deixaram uma lição de vida que jamais vou esquecer no que diz respeito à paciência, à tolerância, ao amor, ao carinho e ao cuidado com o próximo.

O *primeiro* foi o nascimento do meu irmão mais novo, Fábio Alencar Brasil, em julho de 1989. Logo em seguida eu saí de casa para morar no Crato. Lembro-me que minha mãe teve que ir para o Crato para tê-lo. Ao nascer foi uma surpresa para todos nós, inclusive para ela, pois naquela época a saúde pública na zona rural não existia e não tinha condições de ir para a cidade fazer pré-natal.

Ele nasceu com uma fissura labial e fenda palatina profunda³, e nós nunca tínhamos ouvido falar sobre isso. As pessoas ficavam admiradas em ver aquela criança com uma deformação tão grande. Minha mãe chorava muito e a família começou a procurar por médicos que fizessem cirurgias para que ele conseguisse se alimentar.

Eu gostava de cuidar dele e ficava ansiosa que chegasse o dia de ir para casa, nas férias, para vê-lo. Com um ano e meio algumas primas de mamãe em Juazeiro do Norte encontraram um médico que fazia a cirurgia apenas do lábio e um pouco do céu da boca, pois tudo que comia voltava pela via do nariz. As primeiras cirurgias foram apenas uma correção para facilitar a alimentação aos dois anos e meio de idade.

O tempo foi passando e à medida que ia crescendo, as dificuldades também aumentavam, principalmente em relação à comunicação. Apenas nós que convivíamos com ele entendíamos o que falava. Comecei a buscar ajuda na Secretaria de Saúde de Crato, já morando lá, mas era tudo muito difícil, até que uma médica me atendeu, levei-o para a consulta e disse que ele morava comigo.

Consegui cadastrar ele no Projeto Operação Sorriso que estava iniciando uma jornada aqui no Cariri. Foram anos para conseguir as cirurgias, a segunda cirurgia aconteceu aos onze anos de idade através do Projeto Operação Sorriso mesmo com os intervalos de anos para a realização de todas elas foi possível realizar todas até aos vinte e três anos de idade, eu buscava sem cessar as possibilidades existentes, porque via o sofrimento dos meus pais, sem saberem o que fazer, e o dele mesmo, devido às dificuldades com a dicção, com os dentes nascendo no céu da boca, dificuldades na escola, inclusive de comunicação e tudo isso me deixava muito preocupada.

³ A fissura labial e a fenda palatina são malformações congênitas que ocorrem durante o desenvolvimento do embrião. Suas apresentações são variáveis e a incidência é maior na etnia amarela e menor na negra. Popularmente, são conhecidas como lábio leporino e goela de lobo.

Foi um período bastante difícil, mas, de muito aprendizado aonde a cada etapa vencida um novo obstáculo, tudo isso me movia ainda mais em busca de ajuda ao meu irmão e a meus pais. Foi diante dessa problemática que amadureci muito como ser humano.

O Projeto Operação Sorriso foi nossa oportunidade. Foram três anos tentando cadastrá-lo no programa para que iniciasse o tratamento, para que tudo desse certo. Minha mãe já não acreditava mais que isso seria possível e foi a Operação Sorriso (ONG)⁴ que nos trouxe a solução para a problemática física e psicológica do meu irmão.

Friso aqui a força de vontade de Fábio, sem a qual teria desistido frente a tantas dificuldades, principalmente, pelo preconceito das pessoas. A cirurgia principal foi feita aos 11 anos de idade, ele enfrentou 6 horas de cirurgia pela profundidade que tinha a fenda palatina. A equipe médica fez a reconstituição da fissura desde a garganta até o céu da boca, pois seu problema era chamado de “goela de lobo” pela profundidade da fenda.

Depois o tratamento teve continuidade em Fortaleza, e em alguns meses a gente fazia duas viagens no mesmo mês, no carro da Secretaria de Saúde, pois não tinha condições de fazer esse tratamento por nossa conta. Tudo foi feito pelo Sistema Único de Saúde (SUS), e ele nunca reclamou de nada. Acompanhei tudo até seus vinte e quatro anos, quando terminou o tratamento.

Enfrentei momentos difíceis, com muitos “nãos”, que me fazia pensar em desistir, mas pensava nele e em sua dificuldade para se comunicar. Eu precisava trabalhar e ajudar meus pais financeiramente, então comecei a envolver minha irmã, Adriana, no acompanhamento às viagens a Fortaleza. Eles começaram a resolver tudo sozinhos, mesmo assim eu continuava a orientar, marcar exames e conversar com médicos.

Atualmente ele está perfeito e é uma bênção de Deus em nossas vidas, de exemplo de ser humano que nos enche de orgulho. Enfrentei esse período todo trabalhando, estudando e tentando cuidar dele. Hoje em dia, vejo essa experiência como um grande aprendizado e faria tudo novamente caso fosse necessário.

O *segundo* acontecimento foi à doença de Renato, outro irmão, mais velho que Fábio, que aos sete anos de idade, no ano de 1992, adoeceu e passou quatro meses hospitalizado, um mês no Crato e mais três meses em Fortaleza, com uma infecção generalizada.

Nessa época eu estava fazendo a oitava série do ensino fundamental, lembro que estudava à tarde na escola José Alves de Figueiredo e pela manhã todos os dias ia ficar com

⁴ De acordo com o *site* da ONG Operação Sorriso, esta é a maior ONG internacional dedicada a reunir médicos voluntários para operar gratuitamente o sorriso de crianças portadoras de lábio leporino e fenda palatina. A ONG, o trabalho impacta diretamente na esperança das crianças pobres com fissuras no Brasil.

ele na Unidade de Terapia Intensiva (UTI), porque minha mãe ficou doente, e papai em casa, com meus irmãos, tios e tias ajudando a ele. Depois de 28 dias internado foi preciso transferi-lo para Fortaleza. A família inteira se mobilizou para ajudar meus pais, inclusive, o próprio médico, que a minha família jamais esquecerá pela figura humana que foi com meu irmão, ele fez de tudo por ele.

Lembro que eu dizia: “Doutor, ele não vai voltar vivo”, e ele falava: “Você não sabe a força que seu irmão tem, ele virá aqui no hospital rever todos nós que cuidamos dele, você vai ver”. Ele ia visitar Renato em Fortaleza. Durante os três meses que Renato esteve internado em Fortaleza, minha mãe e duas primas, que revezavam com ela, foram as cuidadoras, além de outros parentes que nos ajudaram bastante. Ficaram três meses no Hospital Geral de Fortaleza (HGF), somente lá descobriram a doença chamada **septicemia** (sepsis)⁵, uma infecção generalizada grave no organismo por germes patogênicos.

Ao voltar para casa, uma das coisas que ele me pediu foi para levá-lo ao hospital para ver o pessoal que cuidou dele e, assim fiz. Quando chegamos lá todos se admiraram com sua recuperação, muitos beijos e abraços, e o médico dizia para terem cuidado, pois ele ainda estava muito frágil, “sem apertar, senão ele quebra! (risos)”. De fato, ele estava muito frágil, passei um mês cuidando dele em casa. Toda semana tinha exames e visitas ao médico. Foram muitos cuidados e graças a Deus se recuperou. Tornou-se um homem, logo foi embora para Mato Grosso, constituiu família, teve um filho, mas em setembro de 2012 faleceu em um acidente.

Sendo este o *terceiro* acontecimento que marcou a minha vida, a sua morte prematura aos 26 anos de idade, justamente no dia 28 de setembro de 2012, um dia depois que saiu o edital do Mestrado em Desenvolvimento Regional Sustentável pela Universidade Federal do Ceará/UFC - *Campus Cariri*, o qual estava me preparando para participar da seleção.

Estava com a mala pronta para passar o final de semana em casa porque ia começar a seleção e recebi a triste notícia de um acidente que foi sem explicação. Meu irmão parou na BR para ajudar uma pessoa que ficou sem gasolina, tirou a gasolina da moto para colocar no carro, quando veio uma carreta e o atropelou levando-o a óbito na hora.

Mas o que ficou de lição foi a maneira como Deus o tirou de nós, ajudando uma pessoa, a quem nem ele mesmo o conhecia. O mesmo tinha um coração enorme e somente agora entendemos porque viveu uma vida tão intensa. Não tinha medo de nada e sempre fazia o bem a todos, podia ser a quem fosse.

⁵ É uma infecção geral no organismo, grave, desenvolvida por via sanguínea a partir de outra infecção já existente. Antigamente, uma grande percentagem de pessoas morriam dessa enfermidade.

Lamentei muito, mas meu coração estava em paz. Em junho do mesmo ano ele veio ao aniversário de 90 anos de nossa avó Jausa, foi sua despedida de todos nós que estávamos reunidos para celebrar seu aniversário.

Fiquei tão sem chão que a seleção de mestrado praticamente não existia mais, apesar de ter me dedicado o ano inteiro para passar. A pessoa com quem eu mais me preocupava era com minha mãe. Nunca pensei chegar em casa com essa notícia e ver minha mãe me consolando quando devia ser o contrário.

Lembro que eu dizia: “Mãe e pai, tanto que cuidamos de Renato e ele morrer assim, tão de repente”. Naquele momento passava todo o filme na minha cabeça. Somente quando o corpo chegou, de fato acreditei e já não lamentava, agradecia a Deus por tudo que ele proporcionou a nós e a ele, porque começava a compreender que aquele era o seu tempo, e por isso, ele viveu intensamente, com fé e dignidade. Era um homem bom, um pai, um irmão, um filho abençoado por Deus.

O choro foi e será de muitas saudades, nunca de tristeza, porque ele foi uma lição de vida para todos nós. Na época de sua doença, quando estava na UTI, ele olhava para mim e dizia, “Tá com medo que eu morra? Eu não vou morrer você vai ver! Não se preocupa não, Dela”. Nunca me esqueci dessas palavras, pois existia uma convicção tão grande na sua fala, no seu olhar de que não ia morrer, de maneira inexplicável.

Passei uma semana em casa com meus pais e meus irmãos. Só faltavam duas semanas para terminar as inscrições da seleção do mestrado e, lembro muito bem das palavras da professora Laudeci Martins: “Você não pode desistir dessa seleção, você está preparada” e nisso, decidi enfrentar. Cada etapa, uma conquista e, no final, deu tudo certo. Agradeço muito às pessoas que me incentivaram nesse momento tão difícil.

Contudo, esses três acontecimentos mencionados esteve presente o tempo todo na minha vida pessoal, profissional e acadêmica. Lembro bem que no primeiro acontecimento eu estava iniciando o ensino fundamental, e perdurou até o final da especialização; o segundo eu estava no final do ensino fundamental até o primeiro ano do ensino médio. Houve dias de choro, de angústia, mas contava com os familiares e amigos, pessoas que não mediram esforços para nos ajudar.

Na graduação, estava trabalhando, estudando e preocupada com meus irmãos, principalmente, com o tratamento de Fábio, mas com a ajuda da família, dos colegas e amigos e a compreensão dos professores, consegui superar muitos desafios. Foram noites de estudos, reuniões em finais de semana para dar conta de tudo. Os professores foram para mim guias em conselhos, em cobranças e, acima de tudo, em orientações que jamais esquecerei.

O interesse em escrever sobre a minha terra, minha cidade, a comunidade rural onde nasci e a vontade de desenvolver pesquisa e retornar contribuindo a partir de um estudo é algo gratificante. Foi neste lugar onde a minha relação com o mundo se iniciou. Ali comecei a ver o mundo, as coisas e as pessoas com outro olhar. É a partir de tudo que vivi que começo a enxergar as especificidades e as potencialidades desse lugar. Dedicar-me a descobrir a multiplicidade e a diversidade existente neste lugar em contextos diferentes, foi para mim uma grande responsabilidade, ao mesmo tempo, um compromisso e muitos desafios.

Este texto me permitiu refletir sobre a minha trajetória de vida, percebendo a mim mesma como protagonista de uma série de acontecimentos, a começar pelo acesso à Universidade Regional do Cariri (URCA), em meio às dificuldades. Vejo o tamanho do desafio e da responsabilidade ao me perceber como parte de um processo de desenvolvimento que entusiasma de forma direta e indireta algumas pessoas que ali vivem inclusive os jovens.

Logo, fica perceptível o tamanho da responsabilidade ao divulgar para o mundo o que é a comunidade, o que ela representa e o que caracteriza o protagonismo feminino. Entender suas especificidades e dar visibilidade ao seu potencial torna-se algo desafiador.

No entanto, coloco-me aqui como mulher que vivenciou contextos diferentes e realidades distintas apesar de tudo que existe em relação à imagem de um Semiárido de pobreza e miséria. Percebo agora, com humildade, uma trajetória de vida de muita resistência, ao mesmo tempo, que me permitiu buscar com muito cuidado o conhecimento para que pudesse desenvolver este trabalho que para mim é só o início de uma grande jornada, pois almejo ir muito além, deixando claro que esse almejar é o que me move e me mantém em movimento.

1.3 Trajetória escolar e profissional

Minha formação inicial começa a ser reestruturada a partir da convivência familiar. Mesmo sem muitas condições financeiras, meus pais sempre falavam que a gente tinha que aprender pelo menos a ler e escrever o nome, então tinha que ir para a escola. Meus pais não tinham perspectivas de que pudéssemos ir adiante com os estudos, devido às dificuldades e à distância entre a comunidade e a sede urbana do município.

Lembro quando diziam: “Quer estudar? Estude, porque não podemos dar outra coisa a vocês a não ser os estudos, e nem isso temos condições direito”. A esperança de educação nas comunidades rurais nas décadas de 70/80 ainda era distante da realidade.

Meus avós paternos antes de vir morar no Crato moraram primeiro na zona urbana de Assaré, a fim de que meus tios mais novos pudessem estudar. Tenho lembrança de uma única vez que meus pais me deixaram ir passar uns dias durante as férias na casa de meus avós em Assaré. Lembro bem do meu avô Quinco, lendo a Bíblia sempre, leu por três vezes completa. A imagem que tenho dele sempre foi ele sentado na sala lendo a bíblia.

Essa lembrança é algo muito forte da minha infância, e vejo como uma grande influência na minha vida. Todos os domingos ele nos levava à igreja e todo dia sentava na sala, pedia para que eu e minhas primas ficássemos perto dele para ouvi-lo enquanto fazia a leitura. Encantava-me com ele lendo e explicando. Lia muito bem mesmo sendo semianalfabeto. Então, minha infância sempre foi cercada pelas histórias bíblicas dos meus avós paternos, assim como de meus pais, pois todos os dias antes de dormir rezávamos o terço.

Na comunidade não existia escola na década de 1950. Por insistência de meu avô Quinco, havia uma que funcionava em sua casa. A primeira professora da comunidade foi minha tia Mundinha, sua filha mais velha. Meu avô sempre fez o maior esforço para que houvesse escola na comunidade, pois havia muitas crianças. Ele mesmo foi quem alfabetizou todos os filhos, mesmo sem estudo, mas, como gostava muito de ler a Bíblia, tinha muita sabedoria.

Nesse sentido, Freitas (2011) fala da trajetória da educação rural, mencionando a dificuldade de sua implementação e que ela nasce dos movimentos sociais, sendo que no Brasil a mesma só vem surgir na década de 1930, no mesmo período do início do processo de industrialização, processo este que, estava provocando um intenso êxodo rural, atraindo as pessoas do campo para a cidade por conta do modelo industrial que hora estava sendo implementado.

Contudo, a mesma autora coloca que “Os programas e projetos desenvolvidos ao longo de décadas na perspectiva da educação rural sempre tiveram como premissa o atraso do sujeito do campo, o qual precisava ser educado para se enquadrar no sistema produtivo moderno (...)” (FREITAS 2011, p. 36). Não efetivando assim, o desenvolvimento de uma educação voltada para o campo.

Na comunidade na década de 1950 essa realidade não era diferente, e bem pior pela falta de perspectiva de um sistema educacional que estava longe de chegar até a mesma. A escola só foi oficializada na comunidade em 1985, no mesmo ano da morte do meu avô. Ele fez a doação de um terreno para que fosse construída a escola pela prefeitura e quando foi criada recebeu seu nome, Escola de Ensino Fundamental Joaquim Celestino Brasil. A mesma

passou quase três anos para ser construída passando a funcionar no ano de 1988. Logo, estudei ali por um curto período, pois só existia até a quarta série do ensino fundamental e após a inauguração da escola fui embora, se não tinha que repetir a série novamente ou parava de estudar, não existia outra opção a não ser ir embora para a cidade.

Dona Terezinha foi a minha primeira professora, fui alfabetizada por ela. Tudo era muito precário, nosso material escolar era apenas uma cartilha, uma tabuada, um caderninho e um lápis com uma borracha. Depois, tia Mundinha e tia Socorro foram minhas professoras na terceira e quarta séries, das quais relembro com saudades. Era uma sala única, alunos em séries diferentes, todos misturados. Esse sistema era chamado na época de multisseriado. Adorava chegar da escola e ficar tentando ler a cartilha, e minha mãe me chamando para ajudá-la ou então para ir à roça, lugar que preferia ir a ficar em casa cuidando das atividades domésticas.

O caminho para a escola também fazia parte do meu encantamento. Eu o percorria a pé, junto com meus primos e irmãos. Nós nos divertíamos muito, principalmente quando chovia e podíamos tomar banho de chuva. Estudava à tarde, porém acordava muitas vezes às quatro ou cinco horas da manhã para estudar, utilizando um candeeiro a gás, pois não tinha energia.

Estudava até amanhecer o dia quando era hora de ajudar minha mãe, lavando roupa, carregando água na cabeça, pilando arroz no pilão e moendo milho no moinho para fazer o pão. Eu pilava café, arroz, ia deixar comida na roça e ainda cuidava dos meus irmãos mais novos. Porém, esse período foi a melhor parte da minha infância e início da adolescência. Na escola eu pulava as cercas, brincava muito de peteca, pião, amarelinha, pula corda e a melhor hora era a da merenda.

Logo, na comunidade as expectativas das pessoas em dar continuidade aos estudos na década de 70/80 eram praticamente, inexistentes. Pois para dar continuidade aos estudos só se fosse morar na cidade, por que na zona rural não existia escola. E foi neste contexto que fui morar no Crato, no ano de 1989 fui morar no Crato. Chegando lá comecei o ensino fundamental, continuando os estudos na Escola de Ensino Fundamental José Alves de Figueiredo, no bairro Vila Alta. A casa da minha avó era em frente à escola. Comecei a estudar junto com mais duas primas que também vieram morar com minha avó e meus tios.

Nessa escola estudei todo o meu ensino fundamental. Foi uma época difícil, lembro que queria repetir a quarta série e meus tios falavam: “Não, você vai logo para o quinto ano. Você acompanha. Você é inteligente”. Assim comecei a estudar, tinha muita dificuldade em matemática, mas nunca fiquei em recuperação, estudava muito para não ficar. Nas férias,

quando eu ia para casa, meu pai falava: “Se eu souber que saiu reprovada você volta pra casa, e nem quero saber de você com namoro”. Eu me dedicava muito.

Quando eu e os colegas chegamos à sétima série tínhamos um problema, pois a escola não tinha o oitavo ano, último ano para que terminássemos o ensino fundamental, então nos reunimos com a coordenação e eles falaram que tentariam abrir a série, mas precisavam de pelo menos vinte e cinco alunos. Apenas os alunos da nossa turma não eram suficientes para completar o quantitativo exigido.

Começamos então a ir às casas das pessoas e conseguimos o número de alunos. Fomos a primeira turma de oitava série da escola. Ali fiz muitas amizades, aprendi muito e passei a ter um carinho imenso pela escola. Começamos o ano letivo, tudo funcionando bem, e no ano seguinte, tivemos que sair para fazer ensino médio em outra escola.

Assim, cursei o ensino médio no Colégio Estadual Wilson Gonçalves, no Crato. Passei a estudar à noite, porque também nesse período comecei a trabalhar no comércio. Foram três anos de muito aprendizado, e, como sempre, esforçando-me ao máximo para não ficar em recuperação e muito menos reprovada.

Foi um período difícil, diante de tantas responsabilidades já adquiridas. Enfim, aproveitei ao máximo, comecei a me identificar pelas disciplinas de humanas, e já pensando em prestar vestibular, no ano de 1999. Na época, a URCA era a única instituição de ensino superior gratuita, pois eu só poderia estudar em uma Universidade pública.

Ao sair do ensino médio, tentei o vestibular e não passei. Comecei a fazer cursinho à noite, porque durante o dia continuava trabalhando. Fiz um ano de cursinho e acabei não passando novamente. Parei de fazer cursinho e comecei a estudar sozinha. No ano seguinte passei para Geografia em vigésimo quarto lugar.

No ano de 2003 passei no vestibular da URCA para cursar Licenciatura Plena em Geografia, iniciando um novo sonho, que era cursar o ensino superior, até então, almejado por muitos, mas poucos alcançaram a vaga que sonhava.

Pois, neste período, o acesso à educação superior público ainda era muito limitada na região do cariri, apesar de está começando a abrir as universidades particulares. Mas, no meu caso não teria condições financeiras de pagar uma universidade, mesmo trabalhando desde os 16 anos.

A minha *experiência profissional no comércio* tem início aos 16 anos, ainda cursando o 8º ano do ensino fundamental quando fui trabalhar em um ateliê de costuras. Passei seis meses e assim que terminei o ensino fundamental, já no ensino médio fui procurar emprego no comércio. Mas, como era menor de idade não podia trabalhar de carteira assinada. Mesmo

assim, comecei a trabalhar em uma loja de calçados, onde permaneci por oito meses. Pedi para sair, pois estava sem conseguir conciliar colégio e esse trabalho, sempre chegava à escola atrasada.

Quando completei dezoito anos, fiz meu currículo, fui para o comércio em busca de trabalho, não tinha outra opção. Depois de semanas de idas e vindas comecei a trabalhar em outra loja de calçados como vendedora. Passei três anos e meio e saí porque a loja fechou. Foi uma experiência muito boa, conheci muita gente e gostava muito de trabalhar com atendimento.

Depois procurei outro emprego e com a experiência já adquirida foi bem mais fácil. Comecei a trabalhar em outra loja de calçados como vendedora, só que essa loja era filial de outra que estava acabando de abrir e o dono pediu que eu ficasse responsável em abrir e fechar a loja, assim como também responsável pelo financeiro.

Nessa mesma loja, havia outra vendedora, e assim trabalhamos juntas durante quatro anos. Nesse período comecei a tentar o vestibular e passei para Geografia só que pela manhã, então, tinha que escolher, ou pedia as contas ou perdia a faculdade. Pensei e fiz o seguinte cálculo: “Bom, não vou perder muita coisa, fico recebendo seis meses de seguro desemprego, tempo esse que termino o primeiro semestre e peço transferência para noite”, assim fiz e deu tudo certo. Quando consegui a transferência comecei a procurar emprego, pois não podia ficar sem trabalhar diante da necessidade de me sustentar e ajudar aos meus pais.

Logo comecei a trabalhar em um supermercado só que como vendedora nos frios. Passei três meses e o patrão me chamou e pediu que eu assumisse o financeiro do supermercado. Aceitei.

Trabalhava de segunda a sábado, saía direto para a faculdade, (Algum texto sobre trabalho noturno, escola noturna, a classe trabalhadora e o estudo) ao chegar em casa ia estudar até de madrugada, e assim passaram-se quatro anos. No período dos estágios, já decidi que ia sair do comércio e iniciar minha carreira como professora, não sabia como, mas decidi isso. Terminei minha licenciatura em abril/2007, devido a uma greve, e em junho daquele ano pedi demissão, por que tinha vontade de começar a atuar na educação, mas só foi dada baixa na minha carteira de trabalho dois meses depois. Logo, em Agosto de 2007 começo a trabalhar como professora temporária na rede Municipal de ensino na cidade de Crato Ceará, e assim, inicio a profissão na educação.

A Graduação, especialização e o envolvimento com a pesquisa, ingresso na Universidade Regional do Cariri – URCA. Instituição pública que segundo Souza (2010, p.28), atua como lugar da academia, da política e da vida, que se “constitui como uma

universidade estadual cearense, criada formalmente no ano de 1986, pela Lei nº 11.191, de 09 de junho de 1986 e autorizada a funcionar mediante o Decreto Presidencial nº 94.016, de 11 de fevereiro de 1987”.

Para tanto é nesse lugar que continuo a minha caminhada cursando Geografia, muito feliz com o ambiente novo, apesar de ter que pedir demissão do trabalho para continuar na faculdade. Fiquei preocupada porque eu ajudava aos meus pais, principalmente, com o tratamento do meu irmão. Enfim, comecei a fazer a faculdade, os primeiros contatos com os professores, os colegas, o ambiente, era tudo muito diferente.

A princípio era tudo muito novo, precisava de um tempo para me adaptar, sem falar na preocupação com o nível de exigência que se apresentava, mas com o tempo as coisas foram se encaixando.

Comecei a estudar pela manhã, apesar da preocupação em relação a não poder ficar sem trabalhar, pois ajudava aos meus pais e meus irmãos que continuavam morando no sítio. Conseguir me organizar durante seis meses, enquanto recebia o seguro-desemprego. Cursei por um semestre no turno da manhã e no semestre seguinte consegui transferência para a noite. Comecei a buscar outro emprego, precisava trabalhar, e apareceu uma oportunidade para trabalharem um supermercado. Continuei trabalhando e estudando até o final da graduação conciliando as duas atividades, apesar do cansaço.

Foram três anos e meio de muito sufoco neste trabalho logo, fizeram minha transferência para o setor financeiro do supermercado, e eu trabalhava de segunda a sábado. Sempre fiz o possível para conseguir aprovação em todas as cadeiras sem ir para avaliação final (AVF). Estudava muito de madrugada e em todos os finais de semana, e assim fui vencendo as barreiras. A principal delas era participar dos congressos e simpósios. Nunca conseguia, por causa do trabalho.

Outro grande desafio foram os estágios. Fazia-os nos primeiros horários da manhã, entrava no trabalho às nove horas, e não saía no horário de almoço, pois meu chefe exigia a reposição das horas. Então, fui conciliando mas assim que terminei os estágios vi que era a profissão de professora que eu queria seguir.

Desejava fazer uma especialização, mas não queria na mesma área. Estava iniciando as turmas de Geografia e Meio Ambiente na URCA e vendo meus colegas todos indo para essa especialização fiquei a pensar o que faria nessa área. Peguei o panfleto e fiquei analisando as disciplinas e vendo que ia pagar uma especialização cara, pois para mim era um grande investimento, diante a minha condição financeira naquele momento. Percebi que ia

fazer um investimento alto que tinha basicamente os mesmos conteúdos que vi na graduação e isso não valia a pena.

Na faculdade havia cursado as cadeiras de Geografia Regional I e II, estas me chamaram muita atenção, porém, não havia me aprofundado tanto. Recebi um folder da primeira especialização em Desenvolvimento Regional ofertada pelo curso de Economia da URCA, então, analisando as disciplinas do programa, achei interessante e decidi cursar.

Início um uma nova jornada no curso de Economia da Universidade Regional do Cariri – URCA, sendo esta uma nova realidade por ser em outra área e, assim sigo desafio de apreender a dialogar com outras áreas exercitando a ideia da interdisciplinaridade.

Segundo Japiassu (1976 p. 81) a interdisciplinaridade pode ser compreendida de duas formas. A primeira como *interdisciplinaridade linear ou “cruzada”*, por existir a pluridisciplinaridade, onde as áreas permutam informações. Pois as disciplinas que fornecem informações continuam numa situação de dependência ou de subordinação, se caracterizando como disciplinas auxiliares. A segunda remete a *interdisciplinaridade estrutural* apresentando uma interatividade entre duas disciplinas ou mais estabelecendo um diálogo e minimizando as diferenças entre si.

Diante, dessas particularidades, decidi fazer um investimento visando não somente o valor monetário, mas pelo meu interesse nas disciplinas que ali se apresentavam como novidades, e que ia contribuir muito na minha formação. Apenas eu da turma de Geografia é que fui para essa especialização. Meus colegas faziam as seguintes perguntas: “Por que você vai fazer em uma área diferente? Será que compensa?” E eu falei “Bom, vou fazer, tenho certeza que não vou me arrepender”.

Foi no período da especialização em Desenvolvimento Regional, aonde mais aproveitei em termos de aprendizagem e, principalmente, de envolvimento com a pesquisa. Aqui inicio a minha descoberta para os estudos ao aprofundar as leituras e, assim, caminhar a passos lentos, aprendendo a dar significado ao que estava lendo. Atuando como pesquisadora por está diante de novas descobertas.

A cada disciplina descobria novas possibilidades e novos horizontes, e considerando que as disciplinas mais importantes para o desenvolvimento da pesquisa foi a disciplina de Metodologia da Investigação Científica e Estudos Monográficos com a professora a qual convidei para ser minha orientadora e a mesma aceitou, com a temática: “*A importância do Poeta Patativa para o Desenvolvimento Sociocultural de Assaré*”, temática esta escolhida pela vontade de conhecer e estudar sobre o meu lugar. As demais disciplinas foram fundamentais para subsidiar todo o trabalho desenvolvido.

A disciplina Teoria do Desenvolvimento Econômico foi uma disciplina muito importante para que eu começasse a entender o que é Desenvolvimento Econômico e, principalmente, pensar que tipos de desenvolvimento existem? Assim, essas duas disciplinas, junto a essas duas professoras, foram fundamentais no momento do meu envolvimento com a pesquisa científica.

O meio interdisciplinar o qual escolhi percorrer me trouxe uma nova forma de pensar, agir e valorizar ainda mais a diversidade, provocando inquietações quanto à importância de valorizar as áreas do conhecimento como áreas que se complementam.

A aproximação aconteceu a partir de muitos diálogos e assumindo as minhas dificuldades em relação à produção científica. O meu encantamento pela pesquisa e o envolvimento com a mesma me proporcionou novos desafios. As professoras foram excelentes por terem exigido muito de mim, foram momentos difíceis, mas se elas não tivessem agido dessa forma eu não teria aprendido; portanto, foram pessoas importantes nesse processo ensino-aprendizagem.

Ao reencontrar a professora Laudeci Martins em uma palestra no curso de Educação Ambiental do qual participei como professora temporária pelo Município de Crato Ceará foi uma excelente oportunidade para continuar com a pesquisa científica. Após tê-la conhecido na especialização como professora.

Após a palestra, procurei-a para conversar sobre a possibilidade de fazer a publicação do artigo final da especialização, período este em que estavam abertas as inscrições para trabalhos no I Colóquio de Sociedade, Políticas Públicas, Cultura e Desenvolvimento: economia solidária e sustentabilidade e XII Semana de Economia da URCA. Falei que tinha interesse de participar, mas precisava colocar o trabalho nas normas do evento e foi quando ela e a professora Maria de Lourdes Araújo me apoiaram e, assim, participei. Esse artigo final da especialização foi aceito no colóquio e selecionado para publicação no livro “Sociedade, Políticas Públicas e Desenvolvimento”.

Logo depois, procurei Laudeci para saber se havia algum grupo de estudo, pois gostaria de me envolver para dar continuidade às pesquisas e as publicações. Foi quando ela me lançou a proposta de criar o Grupo ECOS em 2010. Aceitei e começamos a definir uma agenda de estudos sobre Economia Solidária e Sustentabilidade.

Essa jornada me fortaleceu muito, principalmente, pelo fato de me envolver em um grupo que tinha como finalidade dar continuidade às discussões sobre o desenvolvimento e a sustentabilidade, discussão essa em que eu tinha muito interesse.

Logo no ano seguinte chega à Universidade Federal do Ceará (UFC) - *Campus Cariri*, o mestrado em Desenvolvimento Regional Sustentável e foi quando percebi o quanto tinha que estudar e me preparar para concorrer. No primeiro ano não consegui alcançar a pontuação mínima exigida no currículo. No ano seguinte concorri, mas não passei. Preparei-me por mais um ano e, em 2012, passei e iniciei uma nova fase da minha vida acadêmica.

Ao ingressar no *mestrado em Desenvolvimento Regional Sustentável* pela Universidade Federal do Ceará (UFC) - *Campus Cariri* foi para mim uma grande conquista. Assim como, participar do momento de transição de Universidade Federal do Ceará (UFC) Campus Cariri para Universidade Federal do Cariri (UFCA), em junho de 2013 com o processo de institucionalização da mesma.

Foram dois anos de muita dedicação e aprendizado para finalizar o mestrado, dei prioridade a leitura e a produção científica, fazendo publicações e, principalmente, dedicando-me na escrita do trabalho final. Enfim, desde quando ouvi falar no mestrado já sabia que era ele que queria fazer, pela temática e também por ser em uma universidade federal e pública.

Mudanças significativas ocorreram ao longo desse percurso na minha vida pessoal, profissional e, principalmente, acadêmica.

É da convivência com o meio rural, com o Semiárido e com a vida estudantil que construí minha identidade. Tudo isso me moveu a um caminho trilhado por dúvidas, medos, desafios, barreiras, críticas, paciência, perseverança, humildade, e, acima de tudo, coragem para tomar decisões, que graças a Deus foram sempre decisões que me possibilitaram a continuação de um caminho de conquistas, e, a cada etapa vencida, novos sonhos, desafios e novos objetivos.

A turma do mestrado na qual tive o prazer de conviver no período de dois anos foi para mim uma família, com pessoas de diferentes áreas, com um nível de maturidade e sabedoria fora do comum. Diante do sentido que é esse mestrado, não tenho palavras para definir. Chegando aqui encontrei professores, colegas e amigos de sala, que foram mais que tudo isso junto, criando laços jamais desconectados após essa convivência, pela forma como construímos esse nosso momento.

Enfrentei dificuldades, mas, as alegrias vividas foram suficientes para transformar o que era difícil em momentos de muita paz e harmonia. Comemoramos juntos, choramos juntos, fizemos muito “JUNTOS”, pois só quem viveu cada momento sabe a intensidade do que é ter vivido o verdadeiro sentido da palavra “SER”. Tornamo-nos cada vez mais humanos, diante de tudo o que vivemos.

O primeiro contato foi muito marcante, porém no decorrer das aulas os professores me surpreendiam cada vez mais. Havia uma harmonia muito grande entre nós, o cuidado um com o outro. Estabelecemos uma relação muito boa que contagiava a todos que ali chegavam. Foram momentos únicos.

Quando começou a definição sobre as orientações todos buscavam aquele professor que tinha afinidade com seu trabalho, e a figura do professor em si, pois nossos contatos sempre foram muito bons, era uma relação de bem estar e segurança. Então, quando procurei a professora Verônica por conta da minha temática, ela já não podia mais, pois já tinha muitos orientandos da turma, já estava com quatro alunos. Então, fiquei preocupada e lembro que ela falou “não se preocupa, a Suely te orienta em relação a um professor que possa te acompanhar na pesquisa”.

Na verdade gostaria que a professora Suely fosse minha orientadora, porém não sabia se ela ia aceitar o meu convite, e, quando me chamou para conversar, apresentei o projeto inicial da aprovação na seleção do mestrado, coloquei todas as minhas dúvidas.

Ao terminar apresentei outro projeto, o qual havia feito como uma segunda proposta, pois este, eu ficaria mais à vontade para desenvolver pela aproximação com a realidade da pesquisa. Ao me ouvir, ela só pediu que eu escolhesse, eu escolhi o último que apresentei e ela já falando que aceitava me orientar. A mudança do projeto foi total, até porque meu interesse em desenvolver a pesquisa sobre a comunidade rural Baixio Grande era maior. Tudo ficou definido e fui muito feliz nessa escolha.

1.4 A comunidade rural Baixio Grande, hoje

A mídia costuma retratar o Semiárido como lugar de dificuldades, sem perspectivas, nem oportunidades, flagelado pela seca. Entretanto, sempre acreditei na possibilidade de viver bem nesta região. Nunca fui embora para outras regiões porque sempre acreditei que era possível viver bem no Cariri. Assim como minha irmã que permanece morando com meus pais na comunidade rural, enquanto que os outros irmãos homens foram embora em busca de novas oportunidades e melhores condições de vida.

Vivi a necessidade de enfrentar os desafios e aprendi que onde eu estivesse teria que saber conviver com qualquer situação. Então, comecei a ver tudo isso como oportunidade, e não mais como um problema sem solução.

Aprendi que o território do Semiárido tem consigo suas peculiaridades e que tantas mulheres que enfrentam dificuldades por viver no Semiárido nordestino hoje, são capazes de

provocar mudanças significativas na sua vida, e depois na vida dos outros. A começar pelas suas atitudes, o trabalho coletivo, o espírito de solidariedade, sendo esta uma realidade presente na pesquisa realizada. São estes os valores que definem essa comunidade e todas as suas práticas, a partir da presença feminina.

A relevância do tema se dá pelo olhar de uma mulher que acredita nas mulheres como detentoras de competências e habilidades, capazes de transformar o meio em que vivem e o que está ao redor. Percebi a participação feminina na construção de um Semiárido “diferente”, não mais um lugar de sofrimento, historicamente construído pelo paternalismo, clientelismo e pela submissão das pessoas, mas sim, pela redescoberta de si próprio, aonde homens e mulheres começam a se perceber enquanto sujeitos que promovem mudanças e passam a protagonizar sua própria história.

Neste trabalho dou visibilidade ao protagonismo feminino na comunidade rural Baixio Grande, Assaré-Ce, a começar pela minha história, assim como, das seguintes mulheres que ali vivem e são responsáveis por mudanças significativas na vida das pessoas a partir do seu envolvimento, todas elas com uma ligação direta comigo pela relação familiar: Jacinta Alencar Brasil (Jausa, avó – 92 anos), Raimunda Alencar Evangelista (tia Mundinha – 69 anos), Edivânia Alencar Evangelista (prima – 38 anos), Antonia Erivânia Alencar Evangelista (prima – 34 anos) e Adriana Brasil de Alencar (irmã – 29 anos), todas essas mulheres são responsáveis de forma direta e indireta pelo desenvolvimento da comunidade.

Estas são protagonistas de realidades existentes a partir de seu envolvimento, de suas atitudes e ações ao longo do tempo, evidenciado em suas falas. A diversidade e as potencialidades desse lugar que carrega consigo o lamento da “seca”, que expulsa as pessoas do lugar. Afugentando principalmente os homens e os mais jovens, pois a realidade do êxodo rural na comunidade se torna diferente porque quem deixa o campo são os jovens e não os chefes de famílias como é de costume no sertão.

Essa realidade se dá, acredito, pela estrutura familiar constituída. Aqui os homens não participaram desse dinamismo, diferente de outras realidades do Semiárido, caminho este realizado pelos filhos.

Percebi em suas falas, que elas aprenderam a conviver com as dificuldades do Semiárido da melhor forma possível. Essas mulheres carregam consigo uma estrutura familiar que fortalece a união, o respeito mútuo, a ajuda entre eles e todos que ali chegam.

Diante de tudo o que foi exposto, percebe-se que a comunidade vivencia um caminho que associa o desenvolvimento regional sustentável com a participação feminina, protagonizando uma nova forma de conviver com o Semiárido a partir da sua realidade

histórica apresentada, explicando o porquê da sua dinâmica e nos colocando a refletir sobre práticas que podem trazer mudanças significativas, contribuindo para a melhoria na qualidade de vida das pessoas.

Para tanto, este capítulo inicia uma discussão acerca do tema proposto, onde daqui em diante, a dissertação tem continuidade a partir dos principais marcos teórico-metodológicos para uma melhor compreensão e concretização deste trabalho e sua dimensão.

2 CONSTRUINDO UM CAMINHO PARA A PESQUISA

Esta pesquisa teve início no mês de julho de 2013, quando participei da primeira reunião dos pequenos produtores rurais para a observação participante, finalizando a coleta de dados no campo em setembro de 2014.

Construir o caminho da pesquisa para Martins (2008) é fazer uma explicação detalhada das ações desenvolvidas no método (caminho) do trabalho de investigação. É definir e explicar o tipo de pesquisa, os instrumentos e os procedimentos técnicos que foram utilizados (coleta e tratamento dos dados, seleção dos sujeitos etc.), ou seja, tudo que utilizei para responder aos questionamentos sobre fenômenos de interesse.

De acordo com Minayo (2012), o conceito de metodologia da pesquisa se define a partir do momento em que:

Entendemos por metodologia o caminho do pensamento e a prática exercida na abordagem da realidade. Ou seja, a metodologia inclui simultaneamente a teoria da abordagem (o método), os instrumentos de operacionalização do conhecimento (as técnicas) e a criatividade do pesquisador (sua experiência, sua capacidade pessoal e sua sensibilidade). (MINAYO, 2012, p. 14).

Assim, esse trabalho tem início, a partir da realidade da mulher no contexto do Semiárido. No entanto, foi um desafio interagir com os atores da pesquisa. Em especial com as mulheres ao evidenciar suas ações, interesses não distante da relação intrínseca com os homens, desde a questão parental até a relação homem/mulher, diante a perspectiva de suas limitações na comunidade e fora do ambiente doméstico.

2.1. Caracterização dos sujeitos da pesquisa

Os participantes diretos desta pesquisa foram 26 mulheres da comunidade e seus respectivos companheiros, sendo duas separadas e uma viúva. Dessas mulheres, cinco foram escolhidas para as entrevistas sendo duas da terceira idade, uma delas viúva, além de três jovens.

Ao falar sobre o sujeito da pesquisa, Ornellas (2011, p. 28) afirma que ele não é um objeto da pesquisa, mas um sujeito que pensa, sente, fala e escuta. Afirma, também, que os resultados da pesquisa precisam ser socializados com o sujeito.

Com base nesse referencial, ao abordar sobre o protagonismo feminino no Semiárido, a pesquisa de campo optou por priorizar a fala das mulheres como sujeitos que

protagonizaram a história da comunidade, por participar de forma significativa no processo de desenvolvimento da mesma.

É uma mulher de muita sabedoria, mesmo sem o domínio do saber formal da escola (pois seu padrasto nunca a deixou ir para a escola, porque falava que mulher não precisava estudar, mas isso não tirou o seu mérito de mulher que aprendeu muito com a vida). Tal sabedoria é acompanhada de uma série de valores humanos, que transmite até hoje a essas quatro gerações o seu poder quando de fato praticado.

Mulher esta que tem uma importância muito grande na comunidade por ser a pessoa mais experiente, por ter cinco dos seus dez filhos morando na comunidade em estudo, por acolher tantas pessoas que ali chegavam, por cuidar dos outros sem medir esforços, por ter contribuído muito com o desenvolvimento da comunidade, principalmente, pelo respeito que as pessoas têm por ela como matriarca e uma mulher muito generosa.

A mesma soube ensinar a seus filhos, netos, bisnetos e tataranetos, o significado do amor ao próximo, do cuidado, do respeito, da religião, do acolhimento, do real sentido da vida, por ser um ser humano que é exemplo do que é viver em comunidade, por ter sido junto a seu esposo Joaquim de Sousa Brasil (Quinco - *in memoriam*), pessoas que propagavam a sabedoria do bem viver. Hoje, vistos por todos da comunidade e das comunidades vizinhas como exemplos de seres humanos de bom coração, ela com 92 anos hoje, com muita lucidez.

Algumas qualidades norteadoras das gerações que têm se sucedido podem ser observadas no comportamento de Jausa, merecendo destaque: amizade, companheirismo, amor, perseverança, humildade, caráter, compaixão, compreensão, cooperação, esperança, ética, fraternidade, honestidade, humildade, perdão, respeito, sinceridade, verdade, solidariedade e tolerância. Tais qualidades são fundamentais para o fortalecimento da rede de relações da comunidade, na medida em que são valores fundamentais para tornar as pessoas cada vez melhores, tornando-se seres humanos preparados para a vida.

Diante de tudo isso, a figura de Mundinha ser o que é, pois a mesma carrega consigo a garra da mãe, a determinação, o carinho, o respeito passando a representar seus pais nesse lugar, a partir do envolvimento com a educação, com a religião, práticas herdadas de seus pais, a mãe hoje vive na cidade do Crato, porém sempre que pode, retorna a comunidade.

Mundinha de 69 anos, filha de Jausa, casou-se com Francisco Marcos Evangelista (Didi) de 74 anos, tiveram sete filhos, onze netos e sete bisnetos.

A escolha para fazer parte da pesquisa levou em consideração sua experiência na comunidade, as relações familiares, o compromisso com a educação e a questão religiosa. Ela foi a primeira professora na comunidade e quem catequizou as crianças, com a orientação de

seu pai Quinco, homem muito religioso e preocupado com a educação das crianças que ali moravam na década de 50/60.

Edivania Alencar Evangelista é uma de suas filhas mais jovens de Mundinha. Tem 38 anos, é mãe de um filho, vivencia a prática do associativismo na comunidade e tem acesso à política pública a partir do Programa Brasil Sem Miséria, contribuindo de forma direta e indireta para o desenvolvimento da comunidade.

Erivânia Alencar Evangelista tem 34 anos, é também filha de Mundinha. Mãe de um filho, envolvida com o associativismo e, mais fortemente, com a questão religiosa, dando continuidade ao trabalho que iniciou com seus avós e sua mãe. Ao continuar com a missão de catequizar a mesma atua como coordenadora da capela, Erivânia seguiu os ensinamentos dos seus antepassados.

Outra mulher que tem contribuído muito para com o desenvolvimento da comunidade é Adriana Alencar Brasil, 29 anos, solteira, que já vivenciou várias experiências. Filha de agricultores, também saiu da comunidade passando a morar por seis meses em Crato, iniciando o curso de Economia na Universidade Regional do Cariri (URCA) no ano de 2009. Porém, desistiu para retornar à comunidade.

Voltando, ela foi chamada para trabalhar no Memorial Patativa do Assaré, executando o projeto do ponto de cultura “Aqui tem coisa”. Permaneceu por três anos nessa atividade, ao mesmo tempo em que executava o projeto do Assentamento Irmãos Brasil, na comunidade rural Baixio Grande, sendo ela também beneficiária direta no assentamento.

E por fim, eu Adelia Alencar Brasil, 38 anos, irmã de Adriana, sai da comunidade aos 13 anos para morar com minha avó Jausa e meus tios para estudar, por que na década de 80 não havia escola na comunidade para continuar os estudos.

Fui à primeira mulher filha de agricultores da comunidade a chegar ao nível superior na Universidade Pública, logo fiz especialização e cheguei ao mestrado, foi todo um percurso de muitos desafios e compromisso para chegar até aqui e desenvolver esse trabalho final. O contato com a comunidade é permanente, por minha família morar lá.

Diante de toda essa descrição dos sujeitos, a etapa seguinte se constitui pela abordagem e método, assim como, as técnicas e instrumentos de coletas de dados até as análises a partir da triangulação de dados para alcançar os resultados.

2.2. Abordagem e método

Para dar conta da pesquisa, optei pela abordagem qualitativa por ter uma dimensão social, com foco em experiências e interações como parte de um contexto que identifica suas particularidades e compreende situações únicas.

De acordo com Minayo (2012, p. 21), a pesquisa qualitativa possui o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes, sendo estes um conjunto de fenômenos humanos entendidos como um componente da realidade social, a partir de um tipo de investigação em que o processo é tão valorizado quanto o resultado.

O Estudo de Caso foi o método escolhido pela dimensão da pesquisa. Este, definido por Martins (2008, p. 9) como “uma estratégia de pesquisa própria para a construção de uma investigação empírica que pesquisa fenômenos dentro de seu contexto real”, permitindo a busca de explicações sustentadas por uma plataforma teórica, reunindo o maior número possível de informações, em função das questões e proposições orientadoras do estudo, por meio de diferentes técnicas de levantamentos de dados e evidências, dando ênfase àquelas presentes nesta pesquisa.

O Estudo de Caso vem sendo utilizado com mais frequência pelos pesquisadores sociais, visto servir à pesquisa com diferentes propósitos, tais como: a) explorar situações da vida real cujos limites não estão claramente definidos; b) descrever a situação do contexto em que está sendo feita determinada investigação; e c) explicar as variáveis causais de determinado fenômeno em situações muito complexas que não possibilitam a utilização de levantamentos e experimentos (GIL, 2009, p. 101).

A técnica utilizada na coleta de dados para desenvolver essa pesquisa inicia com a observação participante, em seguida com as ferramentas com base no Diagnóstico Rural Participativo (DRP), estas caracterizadas pela Matriz de Organização Comunitária, pelo Mapa da Comunidade e pela Análise de Gênero, todas elas com suas especificidades. Outras ferramentas utilizadas foram as entrevistas em profundidade e a triangulação de dados.

Para tanto, a pesquisa se revela pelo universo da produção humana diante das relações que são estabelecidas ao longo do seu percurso, identificando características comuns e peculiares do caso em estudo. Segundo Gibbs (2009, p. 8) “a abordagem qualitativa permite analisar experiências de indivíduos e grupos, observando as interações e comunicações que estejam se desenvolvendo”.

Contudo, a pesquisa qualitativa busca compreender como as pessoas edificam o mundo à sua volta. Sendo as formas de abordagens e a representação de sentidos, uma

maneira de reconstruir e analisar os diferentes métodos qualitativos permitindo desenvolver modelos, tipologias, teorias, como forma de descrever e explicar as questões sociais.

Escolher essa abordagem vem ao encontro dos efeitos práticos do processo do trabalho científico em pesquisa qualitativa, dividido em três importantes etapas, conforme Minayo (2012, p. 26): fase exploratória, fase trabalho de campo e fase de análise e tratamento do material empírico. Porém, todas as fases foram fundamentais para a elaboração da dissertação.

A fase exploratória inicia com a produção do projeto de pesquisa do objetivo da delimitação do tema, com seus objetivos, com a metodologia, com o desenvolvimento do aporte teórico, com a definição das hipóteses e com a problemática da pesquisa. Enfim, é a fase de preparação para atuar em campo.

A fase de trabalho de campo acontece com a utilização da ferramenta da Análise de Gênero, constituída pela matriz de distribuição das tarefas entre homens e mulheres; pela matriz de controle e acesso; pela matriz de tomada de decisão e, por fim, pelo mapa de movimento de homens e mulheres; pela observação participante; pelas entrevistas abertas em profundidade. Essa fase foi importante para o trabalho no que concerne à sua temática, por identificar as relações de gênero e quais as influências das mesmas no desenvolvimento da comunidade, relacionando também as dimensões: sociais, econômicas, culturais, políticas institucionais, ambientais e afetivas.

Todos os instrumentais de coleta de dados apresentados pela ferramenta da análise de gênero sofreram modificações, para adaptar-se à realidade da pesquisa em estudo, já que o foco é a Sustentabilidade e Protagonismo Feminino no Semiárido.

A realização do DRP proporcionou momentos de muitas descobertas. Ao colocar com clareza para eles o objetivo da pesquisa, valorizando os detalhes, percebi as oportunidades e possibilidades que essas pessoas têm, principalmente, ao compreender-se como sujeitos da pesquisa.

Antes de explicar qual o objetivo da pesquisa e a importância de eles colaborarem para a finalização do trabalho, já se disponibilizavam, aceitando realizar as atividades propostas. A disponibilidade de todos para participar já foi para eles muito importante, pois mesmo acostumados à prática do seu envolvimento com o associativismo e em todos os eventos que acontecem na comunidade, ficou perceptível a satisfação deles em contribuir com este trabalho.

Por fim, a última fase, que é a fase da análise e tratamento do material empírico. Em cada material coletado a análise realizada, utilizando a triangulação de dados para uma melhor compreensão dos resultados apresentados.

Em seguida, são apresentados as técnicas e instrumentos de coleta de dados com o planejamento e a execução dos procedimentos para se construir a pesquisa, com o necessário rigor científico, a partir do estudo de caso.

2.3 Técnicas e instrumentos de coleta de dados

São muitas as técnicas e os instrumentos de coleta de dados que o pesquisador tem à sua disposição. Porém, há necessidade de escolher apenas alguns desses instrumentos, analisando qual deles de fato irá responder a seus objetivos. Por isso, o cuidado com as técnicas e os instrumentos a serem utilizados é um passo muito importante para a pesquisa.

De acordo com Severino (2007, p. 124), “as práticas são os procedimentos operacionais que servem de mediação para a realização das pesquisas”. Estas necessitam estar compatíveis com o método utilizado.

Optei por descrever um memorial, a observação participante e as técnicas do Diagnóstico Rural Participativo (DRP), a entrevista aberta em profundidade, a análise a partir da triangulação de dados, por ter sido estas as técnicas escolhidas para esta pesquisa.

As técnicas do DRP são: a matriz de organização comunitária; mapa da comunidade e a análise de gênero com os instrumentos da matriz de distribuição de tarefas entre homens e mulheres; a matriz de tomada de decisões; a matriz de controle e acesso e o mapa de movimento, além da entrevista aberta em profundidade.

2.3.1 Memorial

A escrita em tom de memorial é uma prática onde o sujeito passa a refletir sobre si, sobre o seu processo de subjetividade e seus saberes em todas as etapas de sua vida. Assim, realizei esse exercício, que foi para mim um desafio. Pois, requer reflexão e humildade para compreender toda uma história de vida.

Segundo Bosi (2003, p. 20), “Lembrar não é reviver, mas refazer. É reflexão, compreensão do agora a partir do outrora, é sentimento, reparação do feito e do ido, não sua mera repetição”.

Para tanto, é reativar a memória e percorrer em detalhes toda uma história de vida pautada em vivências e valores que demonstram uma relação familiar, cultural, econômica, social, ambiental e afetiva que expressam a sua condição de mulher que vive no Semiárido e protagonizou novas possibilidades e desafios mesmo diante os limites.

2.3.2 *Observação participante*

O tratamento empírico acerca do objeto de estudo poderá realizar a coleta de dados pela técnica da observação participante, que consiste na participação real do conhecimento do pesquisador na vida da comunidade.

Neste caso, o observador assume, pelo menos até certo ponto, o papel de um membro do grupo. Daí, porque se pode definir observação participante como a técnica pela qual se chega ao conhecimento da vida de um grupo, a partir do interior dele mesmo. A observação participante pode assumir duas formas distintas: a) natural, quando o observador pertence à mesma comunidade ou grupo que investiga; e b) artificial, quando o observador se integra ao grupo com o objetivo de realizar uma investigação (GIL, 2009, p. 101).

Minayo (2012) define a observação participante:

[...] como um processo pelo qual o pesquisador se coloca como observador de uma situação social, com a finalidade de realizar uma investigação científica. O observador, no caso, fica em relação direta com seus interlocutores no espaço social da pesquisa, na medida do possível, participando da vida social deles, no seu cenário cultural, mas com a finalidade de colher dados e compreender o contexto da pesquisa. Por isso, o observador faz parte do contexto sob sua observação e, sem dúvida, modifica esse contexto, pois interfere nele, assim como é modificado pessoalmente (MINAYO, 2012, p. 70).

Esse momento da pesquisa foi realizado com a minha participação efetiva no cotidiano da comunidade, vivenciando o dia a dia dos sujeitos da pesquisa, estabelecendo uma convivência além do momento da coleta de dados. Por fazer parte da comunidade, essa relação já existente com o ambiente pesquisado me ajudou muito, apesar da dificuldade de compreender que estaria ali como pesquisadora.

A utilização da ferramenta da observação participante teve o objetivo de compreender a realidade da comunidade, a partir do momento em que passei a vivenciar o cotidiano dos sujeitos da pesquisa, participando ativamente de suas atividades diárias, fazendo registros de todos os momentos que considerei relevantes. A observação esteve presente desde a minha relação direta com a comunidade, pois o meu contato com a mesma é constante pela relação de convivência familiar existente.

Como descrito por Minayo (2012), a observação participante pode ser definida como o pesquisador pode se colocar enquanto observador da situação social com a intenção de produzir um estudo científico. Realizar esse trabalho a partir desse prisma foi algo interessante pela dimensão que é o trabalho; ser da comunidade, estar junto à mesma com

outro olhar e se colocar com outra visão, foi algo inicialmente estranho e, ao mesmo tempo desafiador diante da responsabilidade de um trabalho científico.

Contudo, ser parte integrante da comunidade foi algo muito interessante, daí o desafio de atuar como pesquisadora e sujeito da pesquisa. Perceber essa realidade levou tempo, porém foi gratificante.

2.3.3 Diagnóstico Rural Participativo (DRP)

De acordo com Verdejo (2010), o DRP é um conjunto de técnicas e ferramentas que permite que as comunidades façam o seu próprio diagnóstico e, a partir daí, comecem a autogerenciar o seu planejamento e desenvolvimento. Desta maneira, os participantes poderão compartilhar e analisar os seus conhecimentos, a fim de melhorar as suas habilidades de planejamento e ação.

O DRP nos proporcionou uma série de possibilidades para o desenvolvimento de um trabalho que visa à participação efetiva dos sujeitos envolvidos, oportunizando os mesmos a construir sua própria história, ao impulsionar a prática da autoanálise e a autodeterminação de grupos comunitários. Segundo Verdejo (2010, p. 13), “o propósito do DRP é a obtenção direta de informação primária ou de “campo” na comunidade”. Além disso, dá visibilidade ao trabalho que busca fomentar o desenvolvimento sustentável.

Conforme Verdejo (2010), as matrizes descrevem as atividades dos homens e das mulheres, de um grupo social específico, ajudando a evidenciar a sua distribuição, dando visibilidade ao trabalho desempenhado pelos mesmos, permitindo compreender a dinâmica das relações de gênero no âmbito social, cultural, econômico, ambiental, político e afetivo.

Portanto, o uso dessas técnicas e ferramentas como auxílio de pesquisa foi pertinente ao objeto de estudo. Logo, o uso das matrizes (a matriz de organização comunitária), dos mapas (mapa da comunidade) e da análise de gênero (distribuição de tarefas entre homens e mulheres, a tomada de decisões, controle e acesso e o mapa de movimento), foram de fundamental importância para obter os resultados apresentados.

a) Matriz de Organização Comunitária “FOFA” = Fortalezas, Oportunidades, Fraqueza e Ameaças

Segundo Verdejo (2010), a Matriz de Organização Comunitária FOFA, tem como objetivo analisar os grupos organizados na comunidade, visualizando sua situação atual no

que concerne à organização comunitária. Para atingir essa finalidade é que essa técnica foi aplicada neste estudo.

A atividade foi realizada no dia 21 de junho de 2014, a partir de uma reunião no período da tarde com a participação de homens e mulheres da comunidade, a partir de uma conversa inicial explicando o objetivo da pesquisa, deixando claro que durante a pesquisa haveria um momento de visita a cada família para conversar sobre algumas questões relacionadas ao seu cotidiano. E, assim, fui acolhida pela comunidade, também por ser da mesma e por ter uma relação muito próxima com todos os moradores.

b) Mapa participativo da comunidade rural Baixio Grande, Assaré-Ceará

Para Verdejo (2010), o trabalho desenvolvido na comunidade com a realização do mapa construído pelos sujeitos da pesquisa é um trabalho que tem como objetivo o levantamento de informações sobre os aspectos sociais, econômicos e ambientais da mesma. O envolvimento coletivo dos sujeitos na sua construção permitiu compartilhar informações sobre a comunidade, desde a sua origem até a sua realidade atual, evidenciando seus limites territoriais e suas especificidades físicas.

Na opinião de Seemann (2005, p. 131), os “mapas como produtos culturais, podem nos proporcionar reflexões sobre a construção de imagens como apreensão de significados e subjetividades espaciais, sobretudo por refletirem a compreensão social-cultural dos indivíduos que as produzem”.

Assim, o mesmo autor se refere aos mapas mentais dizendo que “cada indivíduo tem sua própria relação com o mundo em que vive e, conseqüentemente, uma visão muito particular dos lugares e territórios” (SEEMANN, 2005, p. 140).

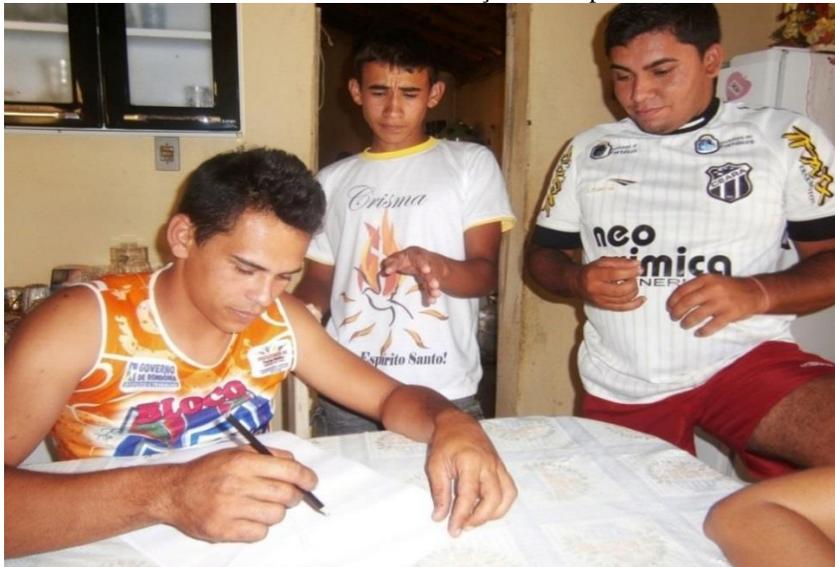
A construção do mapa da comunidade aconteceu no dia 01 de janeiro de 2014, com dois momentos muito importantes: o primeiro, pela participação dos sujeitos na construção, valorizando os indivíduos e a sua capacidade de dar significado às coisas e ao mundo em que vivem, aproximando ainda mais a relação do pesquisador e o seu ambiente de pesquisa, apesar da sua proximidade. O segundo foi a riqueza de detalhes em relação à troca de informações e ao dinamismo entre as pessoas de faixas etárias diferentes na construção do mapa para a delimitação do território (Fotos 01 e 02).

Foto 01 – Construção do mapa da comunidade rural Baixio Grande



Fonte: Elaboração própria a partir da pesquisa de campo. Janeiro, 2014.

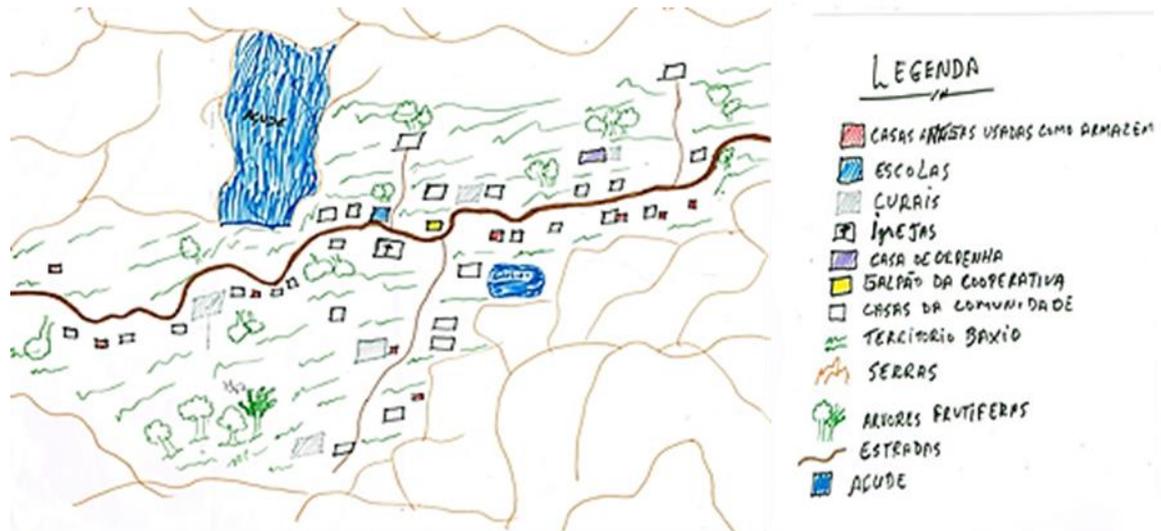
Foto 02 – Momento de discussão na construção do mapa da comunidade Rural Baixio Grande



Fonte: Elaboração própria a partir da pesquisa de campo. Janeiro, 2014.

Essa construção coletiva foi um momento interessante, pelas discussões que aconteceram em relação a como começar o mapa. Então, surgiu a ideia de começar pela estrada, como ponto de partida. Depois foi a delimitação do território, onde começa e termina a comunidade. Em seguida, quais as casas e tudo o que existe do lado direito e esquerdo da estrada, desde casas, currais, área produtiva, igreja, escola, casa de ordenha, associação, área de vegetação, serras, baixios etc.

Mapa 01 – Mapa da comunidade rural Baixio Grande desenhado pelos jovens



Fonte: Elaboração própria a partir da pesquisa de campo, janeiro de 2014.

A construção do mapa foi um momento muito rico de detalhes e discussões entre jovens, adultos e idosos, ocasião em que pude identificar o que existe no local. Não foi uma tarefa muito fácil, contudo as descobertas a partir de questionamentos foram essenciais para a construção, a começar pelo questionamento de como iniciar o mapa. Uns falavam pelas casas, outros pela estrada e outros diziam: “Vamos começar definindo onde começa e termina a comunidade”.

A discussão dos limites territoriais em relação a outras comunidades foi um momento tenso. Nesse momento foi decisiva a participação de Mundinha (70 anos), contribuindo com a discussão e definindo os limites territoriais da comunidade por conhecê-la tão bem.

Essa atividade foi bastante interativa e dinâmica pela relação entre os jovens, constituindo uma riqueza de detalhes e discutindo algo tão simples, mas que até então não surgira oportunidade para colocar no papel, deixando o trabalho ainda mais interessante.

2.3.4 *Análise de gênero*

A análise de gênero foi realizada com o uso de algumas ferramentas, conforme descrito abaixo. A observação em campo foi realizada a partir da convivência com o cotidiano dos moradores da comunidade, interagindo e coletando informações principalmente com as mulheres.

a) *A matriz de distribuição de tarefas entre homens e mulheres*

De acordo com o DRP, essa matriz tem o objetivo de ressaltar as diferenças de carga de trabalho dos homens e das mulheres e criar uma consciência sobre os diferentes papéis designados para ambos. Esse trabalho foi realizado com o acompanhamento dessas tarefas por homens e mulheres, verificando as principais diferenças na carga de trabalho entre eles.

Observou-se a dinâmica das relações de gênero, o apoio mútuo, os esforços de um e de outro e também os conflitos. Verificaram-se as diferenças existentes, para dar visibilidade às suas ações e criar uma consciência sobre a atuação da mulher nesse território. Todas as matrizes foram realizadas no mesmo dia de visita.

b) *A matriz de tomada de decisões*

Segundo o DRP, o objetivo dessa matriz é demonstrar como estão envolvidos mulheres e homens na tomada de decisões nos diferentes âmbitos da vida familiar.

A realização da atividade ocorreu naturalmente, conversando sobre o cotidiano das mesmas e de seus companheiros. Discutiu-se sobre a tomada de decisões em relação à compra de objetos (roupas, sapatos, móveis e outros), compra da propriedade, compra e venda de animais, estudo dos filhos, tarefas domésticas, participação em grupos de associação e igreja. O intuito era mostrar quem decide sobre como satisfazer as necessidades familiares em relação ao contexto interno e externo.

c) *A matriz de controle e acesso*

Adotando a mesma estratégia das demais, pela relação de aproximação com os sujeitos da pesquisa, essa matriz foi fundamental, porém, com o objetivo de visualizar a gestão dos recursos e benefícios de maneira diferenciada entre mulheres e homens dentro do âmbito familiar e fora dele.

A fala dos sujeitos viabilizou descobrir como acontecem as decisões no ambiente familiar em relação a gastos da casa, educação dos filhos, terra, renda, água, produção agrícola, participação comunitária e acesso às políticas públicas e questionar quais são essas políticas. Além disso, forneceu subsídios para refletir sobre os resultados e, assim, dar um retorno a essas famílias. Essa matriz nos permitiu identificar os recursos que essas famílias possuem para realizar suas atividades, os benefícios e o controle sobre elas, medindo, assim, o seu poder econômico.

d) *Mapa de movimentos de homens e mulheres*

Essa ferramenta segundo o DRP (VERDEJO, 2010, p. 57) é caracterizada por identificar os deslocamentos de homens e mulheres da comunidade, fora de suas casas e de suas propriedades. Além disso, permite uma análise diferenciada de papéis e responsabilidades por gênero. Porém, alguns elementos do mapa foram alterados para adequar à realidade da comunidade.

A conversa parte do princípio das necessidades básicas dessas famílias no seu território e além dele, visualizando o mapa pelas suas falas, percebendo como homens e mulheres se deslocam e resolvem suas necessidades básicas.

2.3.5 Entrevista aberta ou em profundidade

Outra técnica utilizada na pesquisa foi a entrevista não estruturada, classificada por Minayo (2012, p. 64) como entrevista aberta ou em profundidade, “em que o informante é convidado a falar livremente sobre um tema e as perguntas do investigador, quando são feitas, buscam dar mais profundidade às reflexões”.

A entrevista aberta foi realizada para obter informações atendendo a um dos objetivos da pesquisa. Nessa etapa foram selecionadas quatro mulheres, por suas atuações e importância dentro da comunidade. Buscou-se compreender sobre o protagonismo feminino no Semiárido e das mulheres da comunidade rural Baixio Grande, a partir de suas ações e de suas decisões diante do que era posto à sua volta, ações e decisões estas que interferem diretamente na vida das pessoas que ali vivem.

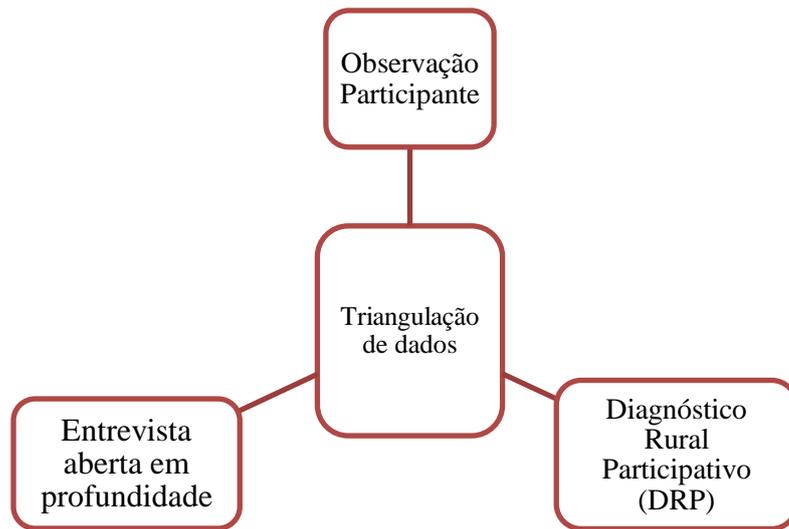
2.4 Análises de dados e informações

A triangulação é a ferramenta utilizada para analisar os dados e informações coletados com o uso das diversas ferramentas mencionadas acima.

De acordo com Souza (2003, p.78), a “análise desses dados conforme a estratégia metodológica da triangulação permite, concomitantemente, uma maior validade dos dados e uma inserção mais aprofundada dos pesquisadores no contexto de onde emergem os fatos, as falas e as ações dos sujeitos”.

Portanto, optei em utilizar a triangulação de dados, como uma ferramenta para as análises dos dados e informações coletadas. Essa ferramenta combina o uso das técnicas como: a observação participante, o diagnóstico rural participativo - DRP e a entrevista aberta em profundidade para ajudar na compreensão dos resultados. Por meio dela, foi possível cruzar as informações coletadas, observar as inconsistências e também as carências.

Figura 1– Esquema de análise de dados



Fonte: Elaboração própria, Novembro 2014.

Nesse contexto, a análise dos resultados segue essa sequência uma vez que as informações cruzadas vêm contribuir para a efetivação do trabalho. Segundo Figaro (2014), define que:

[...] há quatro tipos de triangulação: de dados, de investigador, de teoria e de métodos. A triangulação de dados trata das diferentes dimensões de tempo, de espaço e de nível analítico a partir dos quais o pesquisador busca as informações para sua pesquisa. A triangulação de pesquisadores é a construção de equipe composta por investigadores de diferentes áreas do saber. A triangulação de teoria pressupõe a abordagem do objeto empírico por perspectivas conceituais e teóricas diferentes. A triangulação metodológica é adotada quando se utilizam diferentes métodos de investigação para a escolha de dados e a análise do objeto em estudo. (FIGARO 2014 *apud* JENSEN E JANKOWSKI 1993, p. 128).

Portanto, o tipo de triangulação realizado nesse trabalho foi à triangulação de dados, por se tratar de um estudo de caso que envolve um conjunto de ferramentas para obter dados a partir de informações coletadas articulando dados empíricos, dados da observação participante, narrativas dos entrevistados e análise a partir da triangulação.

Nesta perspectiva, o trabalho faz toda uma discussão acerca dos principais conceitos, que se apresentam em toda a sua estrutura, a fim de atender aos objetivos propostos.

3 PERSPECTIVA HISTÓRICA DA COMUNIDADE BAIXIO GRANDE: A PRÁTICA DO ASSOCIATIVISMO COMO ESTRATÉGIA DE CONVIVÊNCIA COM O SEMIÁRIDO

Neste capítulo é apresentada a história da comunidade Baixio Grande e a prática do associativismo como alternativa de convivência com o Semiárido cearense.

É feita uma caracterização geral do local da pesquisa, apresentando a localização, a origem das famílias e informações sobre a estrutura fundiária da comunidade, da prática do associativismo, da sua organização produtiva e da implementação de projetos na perspectiva de convivência com o Semiárido, contextualizando com a realidade atual.

Dois aspectos, em particular, foram levados em consideração neste resgate. O primeiro diz respeito à dinâmica do espaço a partir das relações estabelecidas além do meio físico, pois o mesmo é o resultado da apropriação social e histórica que se dá a partir dessas relações, envolvendo os aspectos sociais, econômicos, ambientais, culturais, político-institucionais e afetivos. O segundo trata da organização da comunidade na busca de alternativas para conviver com o Semiárido.

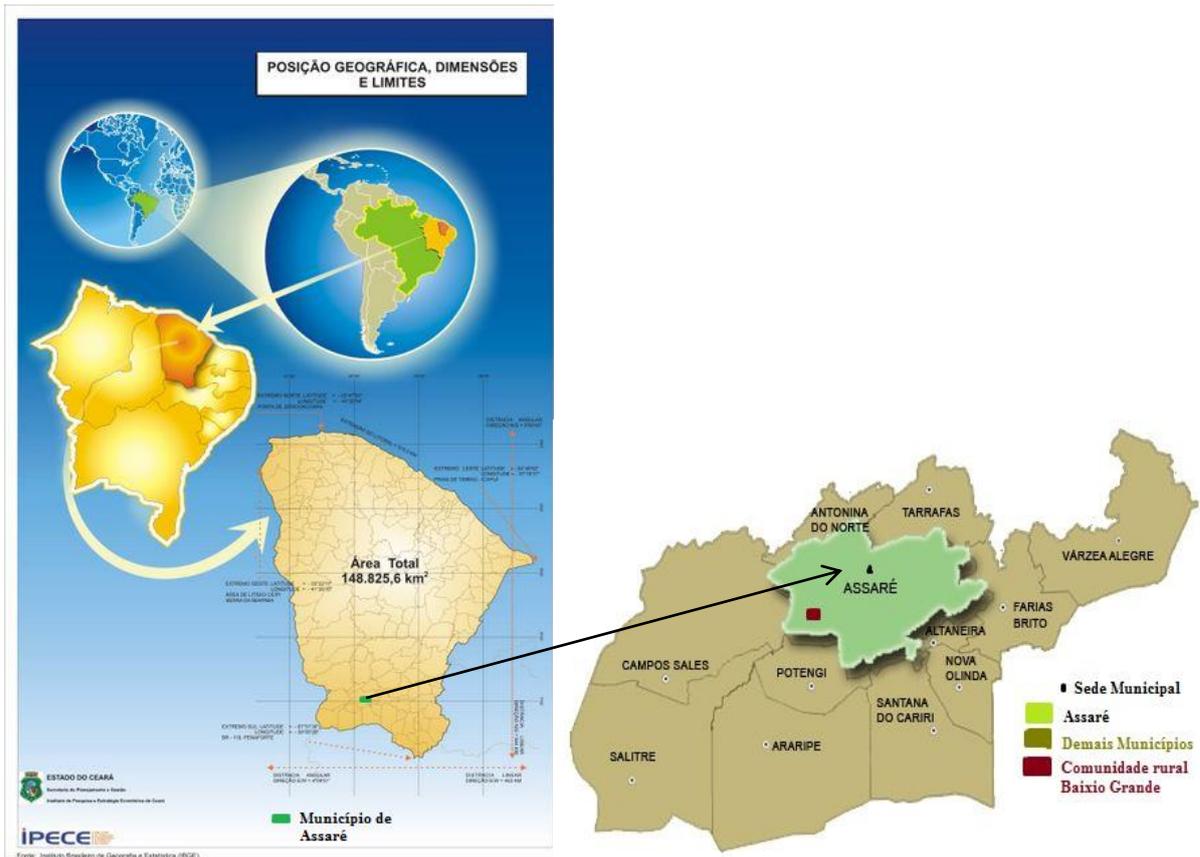
3.1 Caracterização da comunidade e dos sujeitos da pesquisa

Municípios limítrofes: Altaneira, Antonina do Norte, Campos Sales, Nova Olinda, Potengi, Santana do Cariri e Tarrafas. (Ver mapa 02). Distante da capital 520 km é um município com uma população estimada em 2010 de 22.445 habitantes (IPECE, 2010).

A comunidade Baixio Grande se localiza na região do Cariri, no sertão do Semiárido cearense, a 22 quilômetros da sede do município de Assaré, distante 520 km de Fortaleza. Comunidade esta, que diante da investigação empírica deu corpo a esta dissertação, a partir dos elementos que constituem sua trajetória.

A comunidade tem em sua formação 30 famílias no total, porém, a realização de toda a pesquisa contemplou um número de 26 famílias, por meio de um planejamento articulado aos objetivos da pesquisa para alcançar melhores resultados.

Mapa 02 – Mapa de localização do estado do Ceará, município de Assaré e comunidade rural Baixio Grande



Fonte: IPECE, 2010 e CPSMC - Consórcio Público de Saúde da Microrregião de Crato, 2015.

Na comunidade são trinta famílias no total, porém, a realização de toda a pesquisa contemplou um número de 26 famílias, por meio de um planejamento articulado aos objetivos da pesquisa para alcançar um melhor resultado.

Deste modo, foram levados em consideração todos os aspectos da comunidade em estudo, buscando descrever com maior precisão suas características locais, as relações entre os sujeitos e analisar, principalmente, a participação feminina na condição de protagonista no Semiárido, a partir de métodos e técnicas que viabilizaram os dados aqui elencados de acordo com os objetivos propostos.

Além disso, foi efetuado um levantamento feito pelos dados das fichas cadastrais da agente de saúde da comunidade, utilizados como base na construção do perfil socioeconômico da comunidade, pela sua precisão com informações para os indicadores de sustentabilidade, dando origem aos seguintes resultados.

A comunidade rural do Baixio Grande está localizada a 23 km da sede do município, é vista como um exemplo, a partir da sua importância no que diz respeito à sua organização, ao seu envolvimento com associações comunitárias e desenvolvimento compartilhando projetos

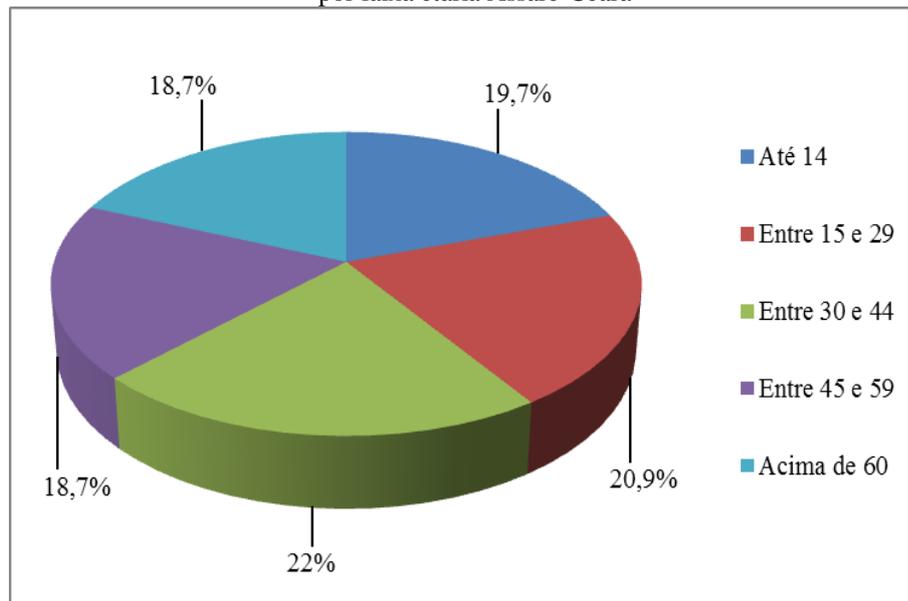
produtivos, constituindo a prática do associativismo possível pelo envolvimento dos laços de parentesco, vizinhança e amizade, além de certa independência socioeconômica.

Quanto à população, segundo dados do IPECE (2010), a população total do município de Assaré é de 22.445 habitantes, sendo 11.952 na zona urbana e 10.493 na zona rural. Observa-se, assim, uma distribuição populacional equitativa entre as zonas rural e urbana.

Para tanto, o gráfico 01 apresenta a distribuição da população da comunidade rural Baixio Grande por faixa etária, permitindo observar que a maior representação se encontra na faixa etária de adultos a idosos (59,4%), superando a população jovem (40,6%). Tal diferença pode ser explicada pela migração de jovens à procura de novas alternativas.

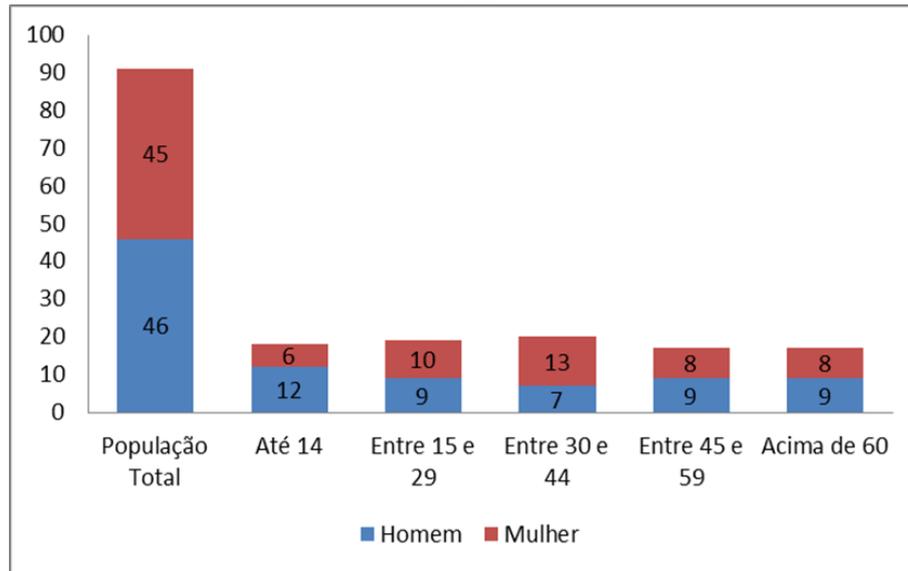
Já o gráfico 02 mostra a distribuição da população por sexo, sendo em sua maioria do sexo masculino com 50,5%. As mulheres só são maioria nas faixas etárias entre 15 e 44 anos. Após observar essa distribuição, faz-se necessário compreender como se constituem as relações entre homens e mulheres na comunidade, a começar pela caracterização dos atores da pesquisa.

Gráfico 01 - Distribuição da população da comunidade rural Baixio Grande, por faixa etária Assaré-Ceará



Fonte: Elaboração própria a partir da pesquisa de campo. Julho de 2014.

Gráfico 02 – Distribuição da população Baixio Grande por faixa etária segundo o sexo



Fonte: Elaboração própria a partir da pesquisa de campo. Julho de 2014.

3.2 Caracterização geral da área de pesquisa: o surgimento da comunidade rural Baixio Grande e suas particularidades

Buscando nesta pesquisa uma interação com os sujeitos, foi realizado junto às pessoas da comunidade o mapa da mesma. O mapa 02 retrata o mapa elaborado pelas pessoas da comunidade, sob a orientação de Raimunda Alencar Evangelista (Mundinha) que aos 69 anos interagiu com seus sobrinhos e netos na construção do mesmo. Ela possui vasto conhecimento sobre os limites territoriais da comunidade por ser a filha mais velha de Jacinta Alencar Brasil (Jausa), 92 anos.

A construção do mapa foi um momento muito rico de detalhes e discussões entre os participantes, quando identificar o que existe no local não foi uma tarefa muito fácil. Contudo, as descobertas a partir de questionamentos foram essenciais para a construção, a começar pelo questionamento de como iniciar o mapa. Uns falavam pelas casas, outros pela estrada e outros por definir onde começa e termina a comunidade. A discussão dos limites territoriais em relação a outras comunidades foi um momento tenso, com a participação de jovens, adultos e idosos. Daí a contribuição de uma mulher de 69 anos, na discussão e definição dos limites territoriais da comunidade.

A representação simbólica construída no mapa desenhado pelas pessoas da comunidade nos dá uma real compreensão das especificidades do local a partir da maneira como representam o território que está sendo objeto de reflexão. Portanto, representar e refletir o seu próprio ambiente utilizando a linguagem simbólica foi para elas um desafio.

Na medida em que os componentes da realidade apareciam, construía-se também a sua representação utilizando as cores e os desenhos como símbolos para a finalização do mapa. A cor vermelha representa as casas antigas; a cor azul, a escola e o açude; a cor cinza, os currais; a cor lilás, a casa de ordenha; a cor amarela, o galpão da cooperativa, galpão da associação de Produtores Rurais da Comunidade Baixio Grande; a cor branca, as casas das famílias da comunidade. Há, também, a representação por desenhos, das serras, das árvores frutíferas, da área de baixio e da estrada como referência principal do mapa, por ter sido ela o ponto de partida para a elaboração do trabalho.

A ocupação desse território começou com a chegada de pessoas da zona rural do município do Crato, distrito de Ponta da Serra (distante 132 km da comunidade Baixio Grande) e da zona rural do município de Caririaçu, distrito de Miragem (distância de 103 km).

O processo de formação da comunidade rural Baixio Grande iniciou com a chegada da família Brasil em meados de 1959. A primeira família veio do distrito de Dom Quintino (Sítio Bréa) a 144 km de distância da comunidade Baixio Grande, Francisco de Souza Brasil (Chico) e Francisca Brasil de Alencar (Chica) eram casados e tinham apenas uma filha nascida. Já na comunidade Baixio Grande, nasceram mais quatro filhos. Joaquim de Sousa Brasil, como proprietário da terra, ao comprar pediu para que o casal mudasse para lá, a fim de cuidar das terras. Depois chegou o casal Joaquim Celestino Brasil (Quinco) e Jacinta Brasil de Alencar (Jausa), com seus sete filhos. Posteriormente o casal teve mais três filhos.

Jausa, aos 92 anos, relata as principais dificuldades encontradas ao chegar à comunidade. A primeira delas era falta de estrada, de acesso da comunidade para a sede municipal de Assaré, distante 24 km. Ela diz: “Ir à cidade só se fosse por uma grande necessidade, porque tinha que ir a cavalo. Quando uma criança adoecia era preciso levar a cavalo”. (Fragmentos da entrevista com Jausa, 2014).

Jausa relatou que na comunidade quase não existia ninguém e era tudo muito distante. Somente depois é que começaram a aparecer alguns moradores. Vieram duas famílias de Caririaçu, a família Ferreira de Moraes e a família Pereira Botelho, cada uma com dez filhos, o grande número de filhos é típico das famílias nordestinas.

De acordo com Moura e Teixeira (1997, p. 105), no Nordeste a taxa de fecundidade esteve até 1970, entre 7 e 7,5 filhos por mulher, desde então, esta taxa vem reduzindo

chegando em 1991 a 3,5 por mulher. A realidade do meio rural se caracteriza com uma taxa em 1970 de 8,45, reduzindo em 1993 para 4,49 filhos por mulher.

Segundo Esmeraldo et al. (2003, p. 18), o número de filhos por mulheres no estado do Ceará no ano de 1993 a 1996, em sua pesquisa apresenta que “[...] 90% das mulheres possuem filhos vivos, sendo que 25,4% das mulheres possuem 1 a 2 filhos, 35,5% de mulheres possuem entre 3 e 5 filhos e 29,6% possuem mais de 6 filhos e 11,7% acima de 8 filhos”.

Contudo, fica evidente que mesmo diante a redução do número de filhos, o estado do Ceará ainda possui uma alta taxa de fecundidade comparando-se à região Nordeste. Um dos fatores que determina essa realidade é a ideia da maternidade ser vista como destino natural para as mulheres. Pois, é atribuída à mulher que ser mãe é um papel social.

Na comunidade, essa ideia já não é tão forte assim, houve também, redução do número de filhos por mulheres. Há vínculos familiares muito fortes e o casamento entre parentes fica bem evidente. As relações entre as pessoas na comunidade hoje pode ser entendida principalmente a partir de uma base estrutural familiar que vem se fortalecendo ao longo do tempo, ganhando espaço e sendo respeitada a partir das relações construídas, principalmente, a afetiva.

O sentimento afetivo é presente na comunidade, pois, tudo que foi construído passa de geração em geração e se perpetua pelos laços de fraternidade, carinho, amor, cumplicidade, cuidado com o próximo e pelo espírito de solidariedade, apesar dos desafios.

A comunidade possui um diferencial no que se refere às suas características físicas. Ela apresenta um alto potencial hídrico, uma vegetação de caatinga bem preservada, terras férteis, área de baixio e riachos, assim como uma organização social muito bem articulada.

O nome Baixio Grande surgiu pela sua extensa área de terras baixas, com bons solos e áreas produtivas, vista como um lugar de prosperidade. Os moradores que ali viviam antes de nossos familiares plantavam somente o milho e o feijão. Com a chegada da família Brasil, teve início a plantação de arroz nestas terras. As pessoas que passavam olhavam e diziam: “Quem é esse doido que está plantando arroz? Aqui não dá.” Na medida em que os resultados apareciam na colheita, todos perceberam que era viável plantar arroz e começaram a plantar também.

Contudo, na base das mudanças ocorridas na comunidade, está a sua forma de organização, que permitiu aos moradores vivenciar novos desafios e possibilidades a partir da prática do associativismo.

3.3 A relação da comunidade com a prática do associativismo

A prática do associativismo aparece como uma alternativa democrática por desempenhar funções de cooperação com vários segmentos da sociedade a partir dos governos que ampliam espaços de representação política e/ou de contestação de padrões culturais e institucionais. Os conceitos de capital social, sociedade civil e de movimentos sociais podem ser apontados como referências centrais nessas diferentes visões teóricas que relacionam o associativismo com os processos de ampliação e de aprofundamento da democracia.

De acordo com Lüchmann (2013), a prática do associativismo passa a ser uma contribuição na promoção de indivíduos “mais cidadãos”, potencializando o seu senso político, desenvolvendo valores cívicos e servindo como escolas de cidadania. Então, essa união de pessoas em busca de algo em comum acontece para melhoria das condições de vida desses grupos e da comunidade envolvida. Assim, a participação da comunidade, a solidariedade e a cooperação em torno de objetivos comuns, têm sido fundamentais para garantir melhores condições de vida. Assim, mais do que uma forma de organização, é também uma construção e uma conquista social.

Dessa forma, para representar os seus interesses, principalmente no espaço político e nas demais esferas de poder, os produtores e trabalhadores rurais necessitam se organizar. A comunidade rural Baixio Grande iniciou na década de 90 a prática do associativismo e já tem conseguido resolver problemas de diversas ordens. Por meio do associativismo foi possível a aquisição de equipamentos, o aumento da renda familiar e a realização de projetos que viabilizaram uma melhoria na qualidade de vida das pessoas da comunidade.

As mudanças representam certa independência pela estrutura familiar existente na comunidade como um elo que fortalece a prática de ações em conjunto. Um exemplo dos mutirões de ajuda mútua, momento em que o problema de um agricultor passa a ser de todos.

A prática dos mutirões para cortar arroz, cavar cacimbão, levantar uma casa, construir o colégio, construir a igreja, foi a melhor maneira de materializar os sonhos da população local. A comunidade conta hoje com toda essa estrutura devido, em grande parte, a esse espírito de coletividade que as pessoas que ali vivem possuem.

A primeira oportunidade de Desenvolvimento Local na comunidade rural do Baixio Grande começou com o Projeto São José, com o objetivo de apoiar os pequenos produtores e grupos comunitários por meio de suas associações representativas, criando oportunidades de geração de emprego e renda no meio rural.

Contudo, o resultado da prática associativista na comunidade acontece a partir das relações estabelecidas. Pois não existe um poder centralizador, e sim, a tomada de decisões de forma coletiva de acordo com a necessidade de todos os envolvidos.

Ao discutir sobre a relação de sociabilidade Abdalla (2002) diz:

Submetida a esse processo produtivo, que só é possível com uma mudança global do eixo fundamentador da nossa racionalidade, as relações de sociabilidade seriam também banalizadas pela ética da cooperação. Ao invés de conceber o outro ser humano como “concorrente”, com o qual precisam competir, os indivíduos veriam na presença do outro uma complementariedade. O outro é aquele que compõe um todo comigo. Sem ele me perco na individualidade improdutiva e insignificativa. Com ele, e em relação cooperativa com ele, passo a ser uma manifestação singular, individual, de uma totalidade dinâmica. A eliminação do outro representaria a perda de uma parte da totalidade que é, ao mesmo tempo, um cuidado consigo mesmo e vice-versa (ABDALLA, 2002, p. 122).

A prática do associativismo articulada à prática da cooperação, talvez seja o caminho ideal na construção de uma sociedade mais justa, solidária e democrática, construindo, assim, uma opção para o desenvolvimento das nações.

Em Baixio Grande, a prática do associativismo se iniciou com a primeira Associação dos Pequenos Produtores Rurais – Projeto São José (1999)⁶. Depois surgiu a Associação dos Artesãos de Palha de Milho do sítio Baixio Grande (2007) e a Associação Assentamento Irmãos Brasil (2007), que trouxera mudanças significativas para todos os envolvidos. Essas associações são integradas por pessoas de mais três comunidades rurais vizinhas: Izar, Varjota e Baixa Queimada.

A decisão de participar de uma associação concebe, antes de qualquer coisa, uma escolha consciente de buscar caminhos próprios que atendam suas necessidades, interesses e objetivos comuns. A seguir, uma descrição das três associações existentes em Baixio Grande.

a) **Associação dos Pequenos Produtores Rurais do Baixio Grande, Assaré-CE**

O grupo de associados da associação dos pequenos produtores rurais ao se organizar consegue realizar um conjunto de ações que visam melhorar a estrutura física e social da comunidade. A associação intermedia ações relativas à compra de insumos, de máquinas, de equipamentos e animais para uso coletivo; realiza investimentos na estrutura física de sua sede, de modo a agregar valor à produção a partir dos serviços prestados aos associados e à

⁶ Projeto São José - Programa de Combate à Pobreza Rural no Ceará – PCPR com o objetivo de apoiar os pequenos produtores e grupos comunitários, através de suas associações representativas, criando oportunidades de geração de emprego e renda no meio rural.

comunidade em geral, tais como a construção do prédio próprio e junto uma casa de máquina para pilar arroz.

A associação de produtores rurais é conceituada como um tipo de organização civil, constituída de produtores rurais e suas famílias, com o objetivo de dinamizar o processo produtivo rural desenvolvendo ações em benefício da comunidade por eles constituída.

De acordo com Strabeli (2011), na maioria das vezes as pessoas envolvidas com a prática do associativismo fazem parte de um grupo e convive em comunidade, realidade não mais tão limitada às comunidades rurais organizadas. Porém, ainda é no espaço rural que se vê um maior número de associações.

Os produtores organizados em Associações possuem mais força, por congregarem um número significativo de pessoas e não terem fins econômicos. As associações são reconhecidas como de interesse público, beneficiando-se de recursos financeiros diversos, originários de órgãos governamentais, quase sempre repassados com juros diferenciados ou mesmo inexistentes, e de programas governamentais específicos.

Na comunidade Baixio Grande, a prática do associativismo acontece pela forte influência familiar, pela religiosidade e pelas necessidades que as pessoas têm de resistir às dificuldades impostas ao Semiárido, seja de natureza edafoclimática, seja política.

A seguir, é apresentada a dinâmica que se estabelece no território, a partir da associação de produtores rurais sendo esta a primeira a viabilizar o acesso ao maquinário já existente a partir da associação dos Pequenos Produtores Rurais, com a aquisição de um trator com reboque e arado para arar as terras antes aradas com animais. Os associados conseguiram ensiladeira, bateadeira de feijão, máquina de pilar arroz e máquina de debulhar milho, além de cursos para a capacitação dos produtores rurais, como: ovinocaprinocultura, manejo de solo, entre outros.

Fotos 03 e 04 – Curso de ovinocaprinocultura com a participação feminina



Fonte: Arquivos da Associação de Produtores Rurais , Março de 2007.

b) A Associação das Artesãs de Palha de Milho do Sítio Baixio Grande, Assaré -CE

A Associação dos Artesãos de Palha de Milho foi fundada no ano de 2007, sendo esta a segunda associação na comunidade, com um diferencial por ser uma associação formada apenas por mulheres. A mesma surgiu pela inquietação gerada em duas jovens mulheres por ocasião da participação em um curso de capacitação sobre ovinocaprinocultura na Associação dos Produtores Rurais, sendo este constituído apenas pelos homens e elas, mesmo sendo filhas de associados, foram questionadas sobre a participação, por se tratar de um curso sobre a criação de ovelha, não recebendo a certificação.

Ao final, Adriana, uma das duas mulheres participantes do curso, perguntou ao instrutor, sobre a existência de cursos ou capacitação direcionados para as mulheres. Adriana relata como aconteceu a formação dessa associação:

[...] aí a gente no final do curso, faltando uma semana para acabar ouvi o coordenador do curso, do CENTEC, dizendo que tinha projetos de artesanatos que estava concluindo dentro do município e tal, aí eu fui perguntei a ele se não tinha como ele trazer alguma coisa aqui para as mulheres, porque as mulheres eram muito, assim, só cuidava de casa e pronto. Não tinha espaço para produzir entendeu, aí ele falou: não a gente já está saindo, não tem recursos o suficiente para deixar vocês estruturadas para começar a comercializar (fala do coordenador), mas eu insisti, aí ele disse faça o seguinte, amanhã estarei aqui de volta e reúna as mulheres que queiram participar, aí a noite mesmo saí na casa das meninas conversei com elas, e no outro dia que ele chegou, ele se surpreendeu, porque deu mais de 30 mulheres, ele foi e disse começo agora, eu falei pode ser. Aí ele falou da deficiência dos recursos que não tinha o suficiente para deixar encaminhado para a gente comercializar com boa qualidade, mas mesmo assim, a gente insistiu [...] (Fragmentos da entrevista com Adriana, maio de 2014).

Diante de tudo isso, iniciou-se o processo de formação da associação e com o início da capacitação, a primeira coisa que precisava decidir era o que produzir? Logo, o coordenador percebeu o potencial da comunidade na produção de milho e sugeriu o artesanato em palha de milho. Todas aceitaram e começou o processo de capacitação.

Foto 05- Capacitação das mulheres para artesanato em palha de milho



Fonte: Arquivos da Associação das artesãs da comunidade rural Baixio Grande, 2007.

Foi uma semana de capacitação produzindo bolsas, baús, pastas, cestos, abajur, luminárias. As mulheres criaram uma diversidade de peças para atender também a um público diversificado, com foco nas feiras locais, regionais e nacionais. Tudo que iam produzir faziam as seguintes perguntas: O que produzir? Para quem produz? E a ideia era pensar também sobre qual a importância da associação para a comunidade?

As observações realizadas *in loco* permitiram possível perceber que essas mulheres, ao iniciar a sua participação nessa associação, passaram a se sentir parte do processo de construção de novas possibilidades, contemplando vários interesses, desde os pessoais até mesmo os coletivos, pois a dinâmica dentro da associação era de um trabalho em equipe.

Nas entrevistas realizadas com algumas dessas mulheres envolvidas com o artesanato Palha de Milho, ficou evidente a sua elevada autoestima e a segurança na maneira de se expressar, mostrando que têm propriedade no que falam e fazem. Expressam muito claramente o seu envolvimento e o que o mesmo trouxe de bom para sua vida, principalmente em relação ao sentir-se capaz de desenvolver uma atividade que traz um retorno financeiro, e conseqüentemente, sua independência econômica.

Ao mesmo tempo em que proporcionou segurança e certa liberdade, o trabalho na associação contribuiu também para a autonomia, pois passaram a tomar decisões e se tornaram participantes e atuantes direta e indiretamente no processo de desenvolvimento local.

Esta associação iniciou com um número de 30 mulheres, mas apenas vinte e duas mulheres foram até o final das capacitações e da produção. Algumas desistiram por conta da distância, pois a associação não envolve apenas mulheres da comunidade, mas de comunidades vizinhas. Então a questão da distância foi um dos elementos que as fizeram desistir, mulheres estas em uma faixa etária de idade de dezessete anos até sessenta e dois anos.

Foi a partir dessa associação que a comunidade iniciou uma trajetória de participação em feiras locais, regionais e nacionais, elevando assim a sua produtividade e colocando seus produtos no mundo do artesanato e da competição em relação à qualidade dos produtos, elevando ainda mais a autoestima dessas mulheres que a cada peça produzida, era um desafio; a cada peça vendida, uma renda, sem falar que cada vez mais as artesãs ganhavam espaço nas feiras e, conseqüentemente, desenvolviam cada vez mais suas habilidades, no trançado e no acabamento das peças.

Essa mesma associação, por ser organizada e contar com a gestão dessas mesmas mulheres, viabilizou a aprovação do Projeto de Energia Solar para Irrigação no ano de 2008, promovido pelo estado do Ceará, através da Secretaria do Desenvolvimento Agrário (SDA).

O projeto visou realizar convênios de cooperação técnica e financeira com 04 associações de produtores rurais para implantação de projetos demonstrativos com a tecnologia de geração de energia não convencional, através do aproveitamento solar, para acionamento de eletrobomba em locais onde houvesse água em quantidade e qualidade suficiente, e distante de linhas de transmissão e distribuição de energia elétrica, proporcionando condições de produzir alimentos, com vistas à melhoria na qualidade de vida dos agricultores e agricultoras de base familiar beneficiários do projeto a partir de duas justificativas: a ausência de energia elétrica convencional propícia para acionamento de bombas, visando à pequena irrigação em diversas áreas no interior do estado do Ceará e a necessidade de geração de renda para os moradores residentes nessas áreas.

Foto 06 e 07- Implementação do projeto de Energia Solar no Assentamento Irmãos Brasil. Estufa e Placas Solares



Fonte:Arquivos do Assentamento Irmãos Brasil, Janeiro de 2009.

Foto 08 – Projeto de Energia Solar em funcionamento, comunidade Baixio Grande



Fonte:Arquivos do Assentamento Irmãos Brasil, 2010.

A comunidade rural do Baixio Grande foi projeto a partir da Associação das Artesãs de Palha de Milho do sítio Baixio Grande, iniciando em 2008-2009, com um hectare de terra, hoje ampliando para um e meio hectare, tendo esta um bom potencial hídrico e um solo extremamente produtivo, além da prática do manejo de solo.

O intuito foi proporcionar a aquisição, distribuição e montagem de módulos geradores fotovoltaicos, juntamente com bombas d'água submersas a serem instaladas em poços situados no Semiárido cearense. Foram desenvolvidas ações integradas, buscando dimensões econômicas, sociais e ambientais. Foi dada preferência aos sistemas diversificados de

produção, os quais possuem vantagens comparativas em relação à especialização e a monocultura.

No período menos dependente de mudanças em fatores externos como: clima, mercado, variações econômicas e políticas possibilita a produção de alimentos limpos e saudáveis, fortalecendo os sistemas produtivos de alimentos básicos, contribuindo para o acesso à alimentação equilibrada da família e para oferta do excedente, de acordo com a demanda determinada pela estratégia territorial de produção.

Portanto, a busca por alternativa de renda para estas comunidades excluídas, de modo que promova transformações estruturais que possibilitem o combate à pobreza e desenvolvimento rural sustentável, justificaram a implantação do projeto.

O critério para seleção das comunidades beneficiárias foram estabelecidos pelo Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA): a) interesse em participar do projeto; b) agricultores de base familiar; c) solo com potencial agrícola para exploração; d) água em qualidade e quantidade e a regularidade fiscal pessoa física e jurídica, critérios estes encontrados nessa associação.

Em seguida, o próprio MDA estabeleceu as metas físicas, a começar pela aquisição e instalação dos sistemas fotovoltaicos, a aquisição de materiais e construção de reservatórios elevados (cacimão já existente com uma vazão de água satisfatória), a aquisição e instalação de estruturas de cultivo protegido (estufa), a construção de tanques de biocompostagem líquida, aquisição e instalação de equipamentos de irrigação (aspersão e gotejamento) e aquisição de sementes e mudas diversas (mamão, alface, tomates, goiaba entre outros).

c) Associação do Assentamento Rural Irmãos Brasil

A Associação do Assentamento Rural Irmãos Brasil surgiu a partir do momento em que o dono da propriedade decidiu vendê-la. Como as famílias que lá estavam eram pequenos agricultores e agricultoras, o dono da terra viabilizou também a venda do terreno para as pessoas que lá viviam primeiro pelo parentesco e segundo pela própria necessidade desses agricultores de possuir a terra de 211 hectares. A compra foi feita com financiamento através do Crédito Fundiário, considerado como a melhor alternativa para os envolvidos naquele momento.

Em 2006, a proposta para a venda do terreno de 211 hectares de terras, também de herança, foi mais uma oportunidade para que as famílias que lá moraram a vida inteira

adquirissem terras. Os moradores já possuíam também pequenos pedaços de terras de herança de seus pais, que venderam aos seus próprios irmãos para comprar o terreno.

Com isso surgiu a ideia da compra do terreno a partir do Programa Crédito Fundiário, fundando assim, o assentamento rural Irmãos Brasil, a negociação e a implementação do assentamento. A criação da Associação Assentamento Irmãos Brasil foi no ano de 2007, para atender às seis famílias envolvidas na compra da terra.

Esta associação também passou por todos os trâmites legais, da mesma forma que a Associação do Artesanato, sendo Adriana Brasil de Alencar, na época com 22 anos, escolhida como presidente, assim como membro beneficiária direta do assentamento. Adriana foi a primeira mulher da comunidade a participar da aquisição de terras de forma direta e a fazer parte de um assentamento rural. Ela foi responsável pela execução de todo o projeto do assentamento junto aos órgãos competentes, EMATERCE e o Ministério de Desenvolvimento Agrário (MDA), no município de Assaré, sendo este o primeiro assentamento no município pelo Programa Crédito Fundiário.

Esse recorte regional se revelou interessante por dois motivos principais, o primeiro por representar a primeira experiência do Programa Crédito Fundiário no município como programa de fomento responsável pela implementação do assentamento e, segundo, por refletir experiências de desenvolvimento socioeconômico sustentável, a partir da organização em associação.

O assentamento possui em seu estatuto objetivos que definem a promoção de ações que resultam na melhoria de qualidade de vida e crescimento das famílias, o fortalecimento do associativismo, assegurando a implementação correta de qualquer projeto independente da instituição de fomento.

Estimulam o uso de ecologias adequadas que levem ao aumento da produtividade dos produtos trabalhados de acordo com suas possibilidades, assim como atitudes que objetivem a melhoria do nível da convivência e das relações sociais, considerando ao mesmo tempo as diferenças e as questões culturais existentes no âmbito da comunidade. Estimulam o desenvolvimento de atividades que levem à inclusão das mulheres, dos jovens, dos idosos e idosas no processo produtivo. Buscam os meios necessários à criação de atividades de lazer seguras e saudáveis que permitam a participação de todas as pessoas da comunidade, proporcionando a interação e a socialização das mesmas.

Ainda de acordo com o estatuto, é importante que os assentados vejam a possibilidade de buscar, através das políticas públicas ou parcerias, ações básicas e complementares (saúde, educação, saneamento, comunicação, por exemplo) que favoreçam o desenvolvimento

humano e produtivo dos integrantes da comunidade e criem mecanismos que permitam, prioritariamente, que o imóvel seja explorado de forma coletiva ou mista.

O desenvolvimento sustentável procura integrar e harmonizar as ideias e conceitos relacionados ao crescimento econômico, à justiça e ao bem-estar social, à conservação ambiental e à utilização racional dos recursos naturais (IBGE, 2004).

Para tanto, o Assentamento Rural Irmãos Brasil, na comunidade Baixio Grande em Assaré-CE, desenvolve práticas que contemplam o desenvolvimento sustentável, a partir das relações: sociais, econômicas, ambientais, territoriais, culturais, afetivas e político-institucionais, complementando a discussão acerca da sustentabilidade que ultrapassa seus limites territoriais.

Porém, nesse momento de aquisição da terra também existiu a burocratização e os conflitos por mais que seja um sonho para os agricultores envolvidos no processo. Diante de todo o processo histórico mencionado em relação à forma de aquisição das terras, não deixa de existir a luta pela terra de maneira mais pacífica, assim como toda uma organização da sua produtividade, pois a partir do momento em que há a implementação de projetos e a viabilidade da aquisição das terras, há também uma preocupação dos associados em como se sustentar diante do que está sendo executado. Daí a importância do envolvimento e a ideia do pertencimento, ao fazer parte da construção de todo o processo de implementação e execução. Tudo isso ficou muito claro nas observações em campo.

O termo “Reforma Agrária” sempre foi visto como uma discussão inacabável sem resultados aparentes e extremamente conflituosos de acordo com sua complexidade do ponto de vista social, econômico e, principalmente, político-institucional no mundo inteiro.

O assentamento teve acesso aos três subprojetos mencionados abaixo pela Secretaria de Desenvolvimento Rural do Estado do Ceará. Isso aconteceu principalmente em função da forma de organização da associação, pois existem critérios para conseguir todos os benefícios, a começar pela legalidade da associação.

Segundo o Portal de Serviços e Informações do estado do Ceará, o programa engloba três subprojetos: Aquisição de Terras, Investimentos Comunitários e Apoio Inicial à Instalação. O primeiro financiará a aquisição de imóveis rurais para assentamento de famílias rurais através da apresentação, pela associação, de Subprojetos de Aquisição de Terras (SAT), visando à redistribuição de terras no estado, como meio de combater a pobreza rural.

Contudo, a reforma agrária solidária acontece de forma pacífica, sem tantos conflitos e disputa de poder, diferentemente de muitos casos que chegaram a conflitos com mortes de pessoas da sociedade civil que lutam constantemente pela aquisição da terra, assim como de

pessoas que vestiram a camisa da luta e se tornaram grandes líderes defensores da causa da Reforma Agrária, principalmente, no Brasil. Por isso, serão descritos aqui dois programas que contribuíram para certa independência política, liberdade econômica e mudança para melhor na vida das pessoas envolvidas.

O primeiro deles é o Programa Reforma Agrária Solidária – Projeto São José, um programa de combate à pobreza rural no estado do Ceará e que complementa financeiramente a implementação das atividades de infraestrutura e de produção da reforma agrária solidária.

De acordo com Brandão (1998), o Governo do Estado do Ceará, através de Lei instituída em agosto de 1996, regulamentada por decreto em outubro de 1996, criou o Fundo Rotativo de Terras (FTR), o qual viabilizou a parceria com o Banco Mundial para a criação do Componente Ação Fundiária do Projeto São José. Esse componente se caracterizou pela adoção, sob forma de Projeto Piloto, de uma abordagem inovadora para a concessão de crédito fundiário, viabilizar o acesso à terra aos trabalhadores rurais sem-terra e minifundiários do estado, juntamente com outros investimentos que lhes assegurassem o desenvolvimento sustentável.

O Projeto Piloto denominado Programa de Reforma Agrária Solidária – Projeto São José foi executado com bons resultados, tendo sido concedido o primeiro financiamento para aquisição de terras em fevereiro de 1997 e o último em dezembro do mesmo ano, servindo como exemplo para o Governo Federal criar o Programa Cédula da Terra que teve abrangência nos estados do Maranhão, Pernambuco, Bahia, Minas Gerais e Ceará, sendo que, no caso do Ceará o programa ficou denominado Reforma Agrária Solidária.

A necessidade de conhecer melhor como foi realizada essa redistribuição de terras conduz a se conhecer sobre dois outros programas, por serem a base da reforma agrária no estado do Ceará: Reforma Agrária Solidária – Projeto São José (Governo do Estado do Ceará) e Programas de Reforma Agrária Solidária – Cédula da Terra (Governo Federal).

O processo de implementação do programa se caracterizou pelo financiamento de imóveis rurais somente para famílias de produtores rurais sem-terra ou para minifúndios, obedecendo aos critérios estabelecidos: financiamento para aquisição de imóvel rural (sem limite, reembolsável no prazo máximo de 15 anos com quatro anos de carência), investimentos prioritários (em infraestrutura, produtivo e social), público-alvo (trabalhadores rurais sem-terra e os que possuem pouca terra), imóveis elegíveis (com potencialidade de exploração sustentável de seus recursos naturais).

Nesse caso, os agricultores da comunidade rural Baixio Grande atendem aos critérios estabelecidos, realizando principalmente, a parte de infraestrutura, cercando toda a

propriedade, definindo áreas produtivas, já com objetivos de investimentos a partir da prática do desenvolvimento sustentável, visando desenvolver e implementar novas tecnologias preocupados em conviver com a realidade do Semiárido. E assim, viabilizar a qualidade de vida das pessoas envolvidas com a geração de emprego e renda para os envolvidos de forma direta e indireta, dotando a comunidade de infraestrutura econômica e social, fixando o homem ao campo e, conseqüentemente, diminuindo o êxodo rural.

Com o passar do tempo, o Projeto São José se tornou viável e apresentou bons resultados na esfera estadual do Ceará, passando a ser visto pelo Governo Federal como um modelo de referência para a criação do Programa Reforma Agrária Solidária (Cédula da Terra), projeto este que trata de dar continuidade à experiência desenvolvida pelo Governo do Estado do Ceará, sob a forma de Projeto Piloto, adotando práticas inovadoras e a viabilização do processo de aquisição da terra.

Na ótica do desenvolvimento rural, com ênfase no combate à pobreza no campo, a Reforma Agrária se apresenta como uma importante mudança institucional sobre os direitos de propriedade, que terá reflexos sobre o comportamento das organizações, dos indivíduos e da região onde os projetos são alocados. No caso brasileiro emergiram novas políticas de reordenamento fundiário na década de 1990 (baseadas na concessão de crédito fundiário), com o apoio de organismos multilaterais, tais como o Banco Mundial (BIRD).

Conforme Silva (2013), a mudança institucional no contexto da Reforma Agrária chega a provocar modificações significativas nas esferas institucionais de governança e na condição de vida das famílias, com a redistribuição fundiária e o rearranjo dos direitos de propriedade.

O objetivo do Projeto Cédula da Terra era desenvolver novo modelo, auxiliar e complementar, de reestruturação agrária, no qual os trabalhadores rurais sem-terra e minifundiários, através de suas associações, negociariam a aquisição de terras diretamente com os proprietários, através de uma abordagem simples e desburocratizada.

Este programa é apresentado como tendo vantagens em relação aos projetos de assentamentos do INCRA, quais seja a redução da burocracia e das disputas judiciais decorrentes das desapropriações, aumento do número de beneficiários devido à redução dos custos, um rápido processo de emancipação dos beneficiários e melhoria do bem-estar e da produtividade associada principalmente à ausência de tutela do setor público.

As principais características do Programa Cédula da Terra são a concessão de crédito para aquisição de terras através de projetos associativos, a recuperação integral dos recursos, a capitalização do valor do crédito através da aplicação da taxa de juros de longo prazo (TJLP),

a perda da propriedade da terra caso a associação se torne inadimplente, a autonomia dos beneficiários com respeito à utilização dos recursos financeiros, bem como da estratégia produtiva a ser seguida.

A concessão de crédito impõe exigências que colocam em pauta, principalmente, a gestão da associação, sendo esta a garantia para o banco mediante o não cumprimento das regras do programa, obrigando os associados assentados a assumirem certa consciência, sob o risco de perder tal financiamento e, conseqüentemente, sua terra.

Assim, a organização e gestão da associação na comunidade passa a ser um elemento principal para a efetiva negociação e concretização dos recursos financeiros e a apropriação da terra, realidade esta que sem uma gestão que possua tal consciência talvez não consiga executar e cumprir as exigências burocráticas feitas pela instituição de fomento.

A nível nacional e em relação à região Nordeste, temos uma realidade muito distinta, pois o agricultor familiar na maioria das vezes não possui um grau de escolaridade que permita de fato compreender tais exigências.

No caso da comunidade, é que a figura de uma mulher que decide enfrentar as dificuldades parte do princípio do seu nível de instrução e, mais ainda, da sua experiência com intercâmbios e a sua disponibilidade em buscar aprender cada vez mais sobre o que foi proposto. Perante a observação participante, foi possível perceber a dependência dos demais associados em relação à questão burocrática, pois os mesmos não conseguem compreender tamanhas exigências, e o desafio de Adriana (presidente) em relação a tudo isso é grande.

Discutir o caráter associativo exigido para concessão do crédito passa a ser um dos principais elementos na construção de uma estrutura sólida. Segundo Demo (2001, p.23), “a redução das desigualdades só pode ser fruto de um processo árduo de participação, que é conquista em seu legítimo sentido de defesa de seu interesse contra interesses adversos”. O conteúdo principal desta postura está na caracterização da necessidade de comparecimento dos interessados no campo de qualquer política social.

Portanto, a viabilidade do Programa de Reforma Agrária Solidária passa a ser um modelo operacional que tem dado resultados positivos e diminuído os conflitos no meio rural. Porém, apresenta limitações, a começar pela falta de um elemento básico para a concretização de tal programa, o entendimento por parte dos agricultores sobre essa forma de aquisição de terras.

De acordo com o INCRA, o Programa de Reforma Agrária Solidária é um “conjunto de medidas para promover a melhor distribuição da terra, mediante modificações no regime

de posse e uso, a fim de atender aos princípios de justiça social, desenvolvimento rural sustentável e aumento de produção”.

Ainda de acordo com o mesmo órgão, a reforma agrária hoje significa a implantação de um novo modelo de assentamento, baseado na viabilidade econômica, na sustentabilidade ambiental e no desenvolvimento territorial, com a adoção de instrumentos fundiários adequados a cada público e a cada região, com adequação institucional e normativa. Significa também uma intervenção rápida e eficiente dos instrumentos agrários e o forte envolvimento dos governos estaduais e prefeituras para garantir aos ocupantes dos assentamentos a promoção da igualdade de gênero na reforma agrária, além do direito à educação, à cultura e à segurança social nas áreas reformadas.

Do ponto de vista de Bergamasco e Norder (1996):

[...] de maneira genérica, os assentamentos rurais podem ser definidos como a criação de novas unidades de produção agrícola, por meio de políticas governamentais visando o reordenamento do uso da terra, em benefício de trabalhadores rurais sem-terra ou com pouca terra (BERGAMASCO; NORDER, 1996, p. 7).

A mesma autora menciona que os assentamentos são como estratégias no que se refere às transformações da questão agrária no Brasil desde 1960. Pois, esse processo apresenta uma nova forma de integração da população rural, em um contexto de redistribuição da terra, transferindo os beneficiários para um novo espaço de vida e de trabalho, fazendo com que passe a vivenciar a readaptação de um novo lugar.

Conforme Bergamasco e Norder (1996, p. 1), “[...] apesar das discontinuidades das políticas públicas, os assentamentos apresentam resultados positivos, colocando-se como estratégia de políticas de integração social”, já que há um potencial na geração de emprego e renda, aumentando o nível de renda familiar dos assentados.

Conforme Lamarche *apud* Bergamasco e Esquerdo (1993), tendo em vista as dificuldades que a população urbana enfrenta em seu meio, tais como: desemprego, habitação, condições de vida bastante precárias, entre outras, as unidades de produção familiar na agricultura têm a função de conter o avanço da migração rural para as cidades. E mais, a idealização da agricultura familiar, na qual se inserem os assentamentos rurais, supõe uma lógica específica de reprodução da unidade familiar de produção dentro do universo capitalista.

Assim, os assentamentos podem estabelecer locais privilegiados de experiências tecnológicas pouco rentáveis em termos contábeis de empresas capitalistas, mas perfeitamente

rentáveis em termos da economia familiar dos agricultores. A agricultura familiar, segundo Abramovay e Carvalho (1994 *apud* BERGAMASCO; ESQUERDO, [s.d.], p. 1 e 2), “desempenha um importante papel no desenvolvimento brasileiro tornando-se o centro do debate sobre reforma agrária”. De acordo com Rocha (2013, p. 442), o debate atual da Reforma Agrária no Brasil discute a questão das necessidades desse processo e a forma como ele foi implementado no país nas últimas décadas. Para tanto, acadêmicos, instituições e movimentos socioterritoriais defendem o ponto de vista de acordo com o paradigma ao qual são filiados. Fernandes, Welch e Gonçalves (2012) citados por Rocha (2013) nos explicam que:

[...] os paradigmas representam as visões de mundo, que contêm interesses e ideologias, desejos e determinações, que se materializam através de políticas públicas nos territórios de acordo com as pretensões das classes sociais. Através do recurso paradigmático, os cientistas interpretam as realidades e procuram explicá-las (FERNANDES; WELCH; GONÇALVES, 2012, p. 29 *apud* ROCHA, 2013, p. 442).

Contudo a Reforma Agrária segundo Rocha (2013, p. 455) pode acontecer de duas maneiras: A Reforma Agrária Conservadora, como uma operação negociada entre antigas e novas forças sociais de poder e a Reforma Agrária Convencional, como simples instrumentos de políticas e modificações nas estruturas existentes.

Ao analisar "a Reforma Agrária que o governo Lula fez e a que pode ser feita", Fernandes (2012) destaca que “o entrave à realização da reforma agrária vai além da luta contra a concentração fundiária”. Para ele, é necessário eliminar a hegemonia do agronegócio sobre as políticas de desenvolvimento da agropecuária e reconhecer a importância das diferentes relações de produção, como a familiar, a associativa e a cooperativa (FERNANDES, 2012, p. 1).

Assim, nestas duas primeiras décadas do século XXI, a discussão em torno da reforma agrária tem sido polarizada por dois debates principais. O primeiro diz respeito à existência ou não de uma questão agrária que justifique a realização da reforma agrária; o segundo diz respeito à intensificação da regularização fundiária em detrimento das desapropriações de terras na implantação da reforma agrária pelos governos brasileiros, pós-ditadura militar (ALENCAR BRASIL, 2013, p. 9-10).

De acordo com Canuto (2013, p. 8), [...] “nos últimos anos tem-se aprofundado o processo de discussão para a formulação de um modelo de assentamento diferenciado social e ambientalmente [...]”. Portanto, nesta perspectiva a reforma agrária só se completa, para além

do acesso à terra, pela adoção de um modelo menos dependente de insumos externos, mais autônomo economicamente e menos impactante ao meio ambiente.

Então, a viabilidade de um novo modelo como uma alternativa para o processo de democratização da estrutura fundiária tende a surgir a partir da concepção de uma prática que pode resolver a quantidade de problemas existentes quanto à questão da terra. A forma de aquisição de terras ainda é muito conflituosa, seja ela pelo Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MTST) ou pela mediação estatal, chegando a conflitos intermináveis por não ocorrer um diálogo que possa resolver tamanha problemática.

Diante da discussão, percebe-se a necessidade de refletir sobre o verdadeiro significado da Reforma Agrária, a sua importância, entendendo o papel das políticas de desenvolvimento como importante fator na solução dessa problemática. Haja vista, que nesses últimos anos houve um grande empenho do governo, principalmente, federal, em priorizar o Semiárido com uma série de políticas públicas beneficiando não só o meio urbano, mas também o meio rural, com políticas voltadas para a inserção da mulher a partir de um conjunto de ações que contemplam a agricultura familiar.

Essa nova proposta de modelo pode apresentar mudanças significativas para a realidade rural, promovendo o desenvolvimento e diminuindo o número de conflitos, porém, não se deve esquecer que a burocracia também pode ser um grande gargalo para esses agricultores que vivem realidades distintas e estão fora das discussões e implementações da maior parte das políticas que chegam até eles, por não compreenderem e não fazerem parte do processo de construção.

No entanto, o surgimento dessa nova alternativa de reforma agrária apresenta possibilidades e grandes desafios que podem amenizar ou não as dificuldades definidas pelo Programa Reforma Agrária Solidária (Projeto São José) e, conseqüentemente, o Programa Reforma Agrária Solidária (Cédula da Terra), pois os mesmos não estão isentos de outras problemáticas que possam surgir.

A luta para conseguir a terra na comunidade rural Baixio Grande não foi diferente de outros lugares no Semiárido e no Brasil. Com características bem diferentes da realidade de outras localidades, o projeto local envolveu os beneficiários em sua construção de forma direta e indireta.

A associação foi constituída pelos próprios agricultores junto aos órgãos competentes para sua legalização. Contudo, a execução do projeto foi realizada por Adriana que é a atual presidente da mesma. O envolvimento dos associados para a execução do projeto fez toda a diferença, pois a partir do momento em que se disponibilizaram a executar o projeto para a

aquisição da terra, perceberam, também, que era possível produzir e viver bem em uma pequena área de extensão de terra, desde que os investimentos fossem feitos de acordo com o que foi proposto no projeto, viabilizando assim, a almejada terra própria.

Assim se caracteriza o assentamento a partir da sua organização produtiva, com a valorização da diversidade de produtos como a criação de ovinos, com o intuito de alimentar primeiramente a família e comercializar o excedente, com a produção de hortifrutos a partir do projeto de energia solar, este atendendo às necessidades locais.

A alimentação saudável provocou mudança de hábitos na vida das pessoas da comunidade e, conseqüentemente, na vida de todos aqueles a quem o projeto atende, pertencentes ao município de Assaré e Potengi. Na comunidade existem ainda outros projetos como a criação de vacas leiteiras (para a produção de queijo), a criação de porcos, de galinhas entre outros, sendo esta organização produtiva responsável pela qualidade de vida, pela dinâmica econômica, social, cultural, ambiental, política institucional e afetiva na vida das pessoas da comunidade hoje.

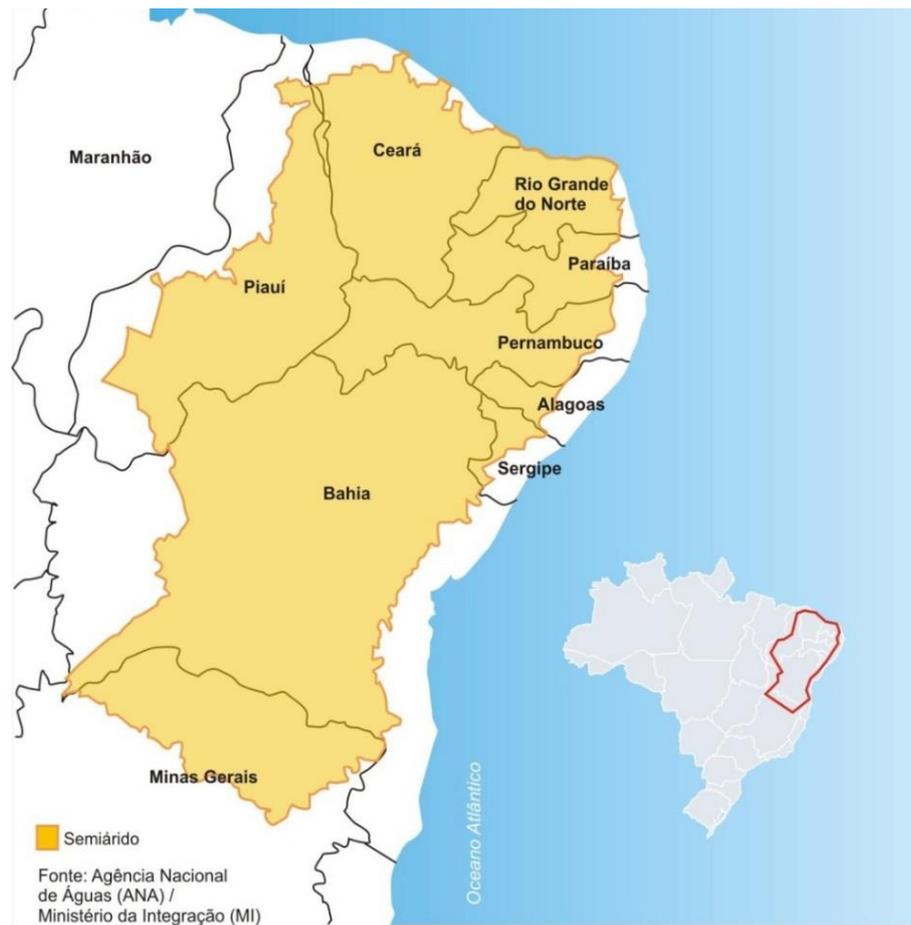
3.4 A comunidade e suas saídas para conviver com o Semiárido

De acordo com a Assessora Pedagógica da ASA/FCVSA, Ana Cristina Sampaio, o Semiárido “é um território constituído de pessoas, histórias, tradições, conhecimentos, paisagens diversas e resistência. Esse é o Semiárido, o lugar onde a vida pulsa e os agricultores e agricultoras revelam suas experiências de trabalho, organização e vida” (SAMPAIO, 2013).

E foi nessa perspectiva que o trabalho foi realizado, dando visibilidade a essas diferenças que especificam esse território caracterizado por limites e possibilidades. Cobrindo quase 8% do território brasileiro e com área de quase 900 mil km², o Semiárido brasileiro (SAB) é formado por municípios de oito estados do Nordeste (Alagoas, Bahia, Ceará, Paraíba, Pernambuco, Piauí, Rio Grande do Norte e Sergipe) e do norte de Minas Gerais.

Nele vivem mais de 22 milhões de pessoas; homens, mulheres, jovens, crianças e idosos que constroem cotidianamente a história da região. São artistas, intelectuais, educadores, esportistas, produtores, ativistas dos direitos humanos, defensores da natureza e outros protagonistas que, de forma individual e coletiva, buscam transformar as limitações em desafios, e os desafios em oportunidades. São brasileiros acima de tudo, que juntos aos demais que estão nas diferentes regiões do país, da América Latina e do mundo, buscam exercer sua cidadania e construir uma sociedade justa (MARIN; SANTOS, 2013, p. 7).

Mapa 03 – Mapa de localização do Semiárido brasileiro



Fonte: Agência Nacional de Águas (ANA). Ministério da Integração (MI).

A economia do Semiárido é baseada na pecuária extensiva e na agricultura familiar de baixo rendimento que entra em acentuado declive em períodos de seca, causando até mesmo falência de lavouras e animais. A falta de água de qualidade produz sede e fome para a vida do sertanejo, além de problemas de saúde. Por isso, o Semiárido constitui-se em uma das sub-regiões que mais dependem de intervenção estatal eficiente, voltada para a eliminação dos efeitos desestruturados decorrentes das adversidades climáticas a que está submetido.

O diálogo que se estabelece sobre o Semiárido brasileiro é, principalmente, um diálogo sobre a sua condição de se reconstruir constantemente diante de uma imagem criada e aceita, e que por muitas vezes dá sentido às nossas ações e determina o que e como fazer.

Então, a necessidade de discutir sobre os conceitos criados para esse lugar, sobre suas riquezas, diversidades e saberes a partir de diferentes aspectos sociais, culturais, ambientais, econômicos e políticos, é algo para buscar ampliar nosso olhar sobre essa região e desmistificar uma imagem que foi criada e posta.

O Semiárido antes no anonimato e na invisibilidade, por ter sido subestimado diante as necessidades postas por uma sociedade que sempre construiu ao longo de sua história a

cultura do lugar atrasado, do lugar sem possibilidades e que agora essa mesma sociedade se volta ao Semiárido com um olhar de contemplação e admiração porque ao longo do tempo foi se estruturando diante as suas possibilidades existentes e hoje começa a aparecer como o lugar de alternativas e de novas possibilidades.

As estratégias criadas para conviver com o Semiárido, até pouco tempo desprezado pela sociedade de consumo e detentora de poder, hoje, passaram a ser valorizadas. Pois, viver no Semiárido é viver com sofrimento, algo visto pelas próprias pessoas que vivem no Semiárido como uma verdade.

As pessoas que vivem no Semiárido são pessoas que aprenderam a conviver com pouco. Mas, são felizes, pessoas estas que distantes da realidade da maior parte do país, criaram alternativas diversas para viver bem, passaram a valorizar o seu lugar por começar a compreender que este lugar não é o lugar atrasado, mas que ele, apenas não está dentro das estatísticas do consumo exagerado, do índice de educação elevado, do índice de tecnologias e tantos outros predicativos que fazem dessa sociedade uma sociedade que dita as regras do que é ser cidadão.

Uma sociedade que dita as regras do consumo, que exclui diariamente pessoas, seres humanos, que estão fora da realidade criada por uma maioria, a realidade do “TER”, e agora começa a ver a inversão desses valores, porque a sociedade se vê frente às necessidades básicas para viver. A necessidade de “SER”, essa compreendida pela minoria, que não se corrompeu totalmente, apesar de a sociedade pressionar constantemente.

Contudo, a vida no Semiárido é possível e, para isso, as famílias se adaptam ao ambiente, respeitando a natureza, associando-se a ela e não a combatendo. Existem diversas experiências que demonstram a viabilidade dessa convivência por meio da produção de alimentos em padrões agroecológicos pelos agricultores familiares, com autonomia econômica e harmonia com o meio ambiente. Segundo Malvezzi (2007), a convivência com o Semiárido acontece da seguinte maneira:

A ideia parte de um princípio simples: por que os povos do gelo podem viver bem no gelo, os povos do deserto podem viver bem no deserto, os povos das ilhas podem viver bem nas ilhas e a população da região Semiárida vive mal aqui? É porque aqueles povos desenvolveram culturas de convivência adequadas ao ambiente, adaptaram-se a ele e tornaram viável a vida. No Semiárido brasileiro, essa integração de pessoa e natureza não encontrou uma solução adequada, de modo que o ser humano permaneceu sujeito às variações normais do clima regional (MALVEZZI, 2007, p. 11-12).

Para conviver com longos períodos secos e chuvas ocasionais, uma das técnicas mais utilizadas no Semiárido brasileiro tem sido o armazenamento da água em cisternas. Com o Programa Cisternas, o MDS desenvolve ações de acesso à água, que garante a água para consumo (Primeira Água) e também a água para produção (Segunda Água) em residências rurais e também em escolas públicas da zona rural.

O acesso à água na região gera transformações profundas na vida das famílias, diminuindo a incidência de doenças e reorganizando as relações familiares, liberando mulheres e crianças para outras atividades. Além disso, permite a diversificação da produção, garantindo a segurança alimentar, e liberta a família da dependência política dos carros-pipa, despertando-a para cidadania e para a organização comunitária.

A persistência do problema da vulnerabilidade hídrica das famílias rurais do Semiárido motivou a mobilização de diversos atores da sociedade civil organizada do Nordeste brasileiro, articulados em torno da defesa dos direitos desta população, entre eles o direito à água, como elemento vital à vida e à segurança hídrica e nutricional.

Com as ações de acesso à água, o Ministério de Desenvolvimento Social (MDS) cumpre o seu papel em apoiar projetos que promovam o desenvolvimento social de famílias que sofrem com as secas prolongadas no Semiárido.

Em Baixio Grande, foi a partir da organização das associações que vieram os projetos para a comunidade, mudando a realidade da comunidade, não somente na questão hídrica, mas nos hábitos alimentares com a melhoria da qualidade de vida das pessoas. Foi a partir das associações, em especial, a Associação dos Artesãos de Palha de Milho do Sítio Baixio Grande (2007), que, ao iniciar a exposição de seus produtos em feiras locais, regionais e nacionais, passou também a conhecer novas alternativas de convivência com o Semiárido.

As mulheres que foram capacitadas com os cursos: Trançado da palha - 2008 (Sebrae), para todas as mulheres; Pintura - 2008, com uma artesã de outra localidade, participando apenas três mulheres da associação; e o curso de Gerenciamento Básico – 2008 (Sebrae) com a participação das artesãs Adriana, Islândia e Marciana.

Foto 09 - Exposição do artesanato de palha de milho na Expocrato



Fonte: Arquivos da Associação, 2007.

Foto 10 – Exposição do artesanato de palha de milho na comunidade na inauguração do projeto de Energia Solar



Fonte: Arquivos da Associação, 2009.

Diante de tudo o que foi colocado, percebe-se que a comunidade possui uma dinâmica própria ao mesmo tempo em que as pessoas se envolvem de fato com a prática do associativismo.

Foram dois anos de trabalho árduo, porém, o reconhecimento logo aparece às mulheres que sempre estiveram trabalhando e em reuniões constantes. Adriana, como presidente da associação desde o início, conseguiu que essas mulheres se envolvessem muito

nos trabalhos. Quando foi decidido quem iam participar das feiras locais, regionais e nacionais, Adriana foi eleita para representar o artesanato.

Porém a mesma sempre colocava a importância de todas participarem, mas como a maioria era casada e tinha filhos, decidiram que produziriam, mas quem participaria dos eventos seria Adriana (presidente), Edivânia (artesã), Erivânia (vice-presidente), Camila (artesã), Carina (artesã), Marciana (artesã) e Islândia (secretária), por não serem casadas e nem terem filhos.

Contudo, Adriana acabou indo para as feiras nacionais e todas as vezes que voltava, fazia reunião para a prestação de contas, para mostrar resultados e a opinião dos clientes em relação ao acabamento dos produtos, e as sugestões dadas pelos mesmos. O seu envolvimento para conseguir organizar oficinas e cursos de aperfeiçoamento para as mulheres, era constante. Todas as feiras que visitava trazia novidades, as mulheres se sentiam muito felizes, porém a renda do artesanato era algo demorado, só mesmo no período de feiras.

A seguir, a relação das principais feiras de que participaram e a importância de cada uma para Associação dos artesãos do sítio Baixio Grande.

a) ***Feiras Nacionais:***

- *Biofach América Latina/ExpoSustentat*. Data: 16 a 18 de outubro de 2007. Local: Transamerica Expo Center - São Paulo/Av. Dr. Mário Villas Boas, Rodrigues 387, Santo Amaro, São Paulo;
- *V Feira de Agricultura Familiar e Reforma Agrária*. Data: De 26 a 30 de novembro de 2008. Local: Marina da Glória, Rio de Janeiro;
- *Décima Oitava Feira Nacional de Artesanato/O Brasil Feito à Mão*. Local: Belo Horizonte, 2008;
- *I Mostra Nacional de Desenvolvimento Regional*. Data: 24 a 27 de março de 2009. Local: Salvador (BAHIA).

b) ***Feiras Regionais:***

- *A X FENEARTE: X Feira Nacional de Negócios do Artesanato*. Data: De 3 a 12 de julho de 2009. Local: Pernambuco;
- *40 FENART e III encontro do programa de Desenvolvimento do Artesanato do Estado do Ceará*. Data: 15 a 17 de março de 2010 / Fortaleza;
- *FECEAF – Feira Cearense da Agricultura Familiar – Fortaleza Ceará*. 2010.

c) ***Feiras locais:***

- *EXPOCRATO/EXPROAF 2010* e feiras municipais.

A participação nas feiras significou a abertura para negócios, aquisição de muito conhecimento por ser também uma forma de intercâmbio e, principalmente, de parcerias com instituições que viabilizaram a comercialização e a valorização dos produtos. Uma parceria que contribuiu muito para o desenvolvimento do artesanato local foi aquela firmada com a *BODEGA: PRODUTOS SUSTENTÁVEIS DO BIOMA CAATINGA*, esta idealizada pela AGENDHA em 2005, enquanto agência implementadora do Projeto MMA/PNUD/GEF Caatinga, contando inicialmente com 08 Organizações Agroextrativistas. Em 2008 eram 28 Associações, Cooperativas, Grupos e Empresa Social reunindo mais de 5.000 pessoas que cuidadosamente coletam, produzem, beneficiam e comercializam produtos da sociobiodiversidade neste bioma exclusivamente brasileiro.

Instituição esta que fomentou muitos projetos na região Nordeste, contemplando os estados da Bahia, onde fica sua sede, Pernambuco, Rio Grande do Norte e Ceará com os municípios de Assaré – Grupo Trançando Esperança (GTE) com a produção de Artesanato de Palha de Milho; Barbalha com a Associação de Mulheres Rurais do Sítio Macaúba (AMRSM) com a produção de óleos de amêndoas de babaçu e biojoias; e em Jardim com a Associação de Moradores do Distrito Horizonte (AMDH) com a produção de óleos comestíveis e aplicáveis, pães e biscoitos de pequi.

A comunidade do Baixio Grande é hoje referência para outras comunidades, assim como para pesquisas acadêmicas. São elas: “O protagonismo dos camponeses na modernidade: inovação e mudança no território do Cariri”, de Vileci Basílio Vidal – Vila Velha/ES, 2014.

O trabalho de um pesquisador alemão chamado DirkGebhardt, jornalista fotógrafo; veio ao Brasil para estudar sobre a região Nordeste, escolhendo três estados com foco em comunidades rurais com um estudo sobre o Sertão da Bahia, do Pernambuco e do Ceará, depois de dois anos de pesquisa e convivência com essas comunidades, sendo no estado do Ceará a Comunidade Baixio Grande. Ele realizou um ensaio fotográfico no Museu Nacional de Tbilisi na Georgia, no ano de 2013, com fotos tiradas nos estados mencionados e já adiantou que estará fazendo a publicação de um livro intitulado *O coração seco do Brasil - O Sertão*, mostrando resultados de sua pesquisa a partir das suas visitas durante dois anos com essas comunidades, no ano de 2010 a 2011.

Houve também artigos publicados por alunos do curso de Graduação da Agronomia da Universidade Federal do Ceará – UFC *Campus* Cariri, hoje, Universidade Federal do Cariri – UFCA. Atuação da PROEXT 2011/UFC, com o Programa de Extensão Universitária da Universidade Federal do Ceará com capacitações ofertadas para toda a comunidade com o

intuito de auxiliar o homem do campo em atividades alternativas como: implantação de horta comunitária; criação de galinha caipira; venda de pães, bolos, salgados, polpa de fruta etc., direcionando a venda a prefeituras e escolas para atendimento aos programas Programa de Aquisição de Alimentos (PAA) e Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE).

Estudos do Programa de Mestrado em Desenvolvimento Regional Sustentável da Universidade Federal do Cariri (UFCA), com o trabalho intitulado *Sustentabilidade e Protagonismo Feminino no Semiárido: um estudo de caso da Comunidade Rural Baixio Grande, Assaré-Ceará*. (Autores: Adelia Alencar Brasil & Suely Salgueiro Chacon). Pesquisa esta que apresentou trabalhos em vários eventos, encontros e congressos locais, nacionais e internacionais, a respeito da sua organização social, econômica, política, institucional, cultural e afetiva, pela prática do associativismo, pelas relações de solidariedade interna e externa, relações estas que influenciam diretamente na vida das pessoas que ali vivem, promovendo mudanças significativas na estrutura física da comunidade, mas especialmente, nas relações estabelecidas entre as pessoas.

Tudo isso só foi possível depois que as pessoas se permitiram participar de maneira efetiva das associações, ambiente este que a partir das discussões sobre os mais diversos assuntos abriu caminho para o autoconhecimento e da realidade da comunidade. Essas pessoas começaram a acessar as políticas públicas a partir dos programas: Programa de Agentes Comunitários de Saúde (PACS) desde 1994, hoje Programa Saúde da Família (PSF); Programa Bolsa Família (PBF); Programa Garantia Safra; Plano Brasil Sem Miséria (BSM); Programa Um Milhão de Cisternas (P1MC); Programa de Aquisição de Alimentos (PAA); Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (PRONAF “A”, “B”); Programa Agroamigo e Programa Crediamigo; Programa Nacional de Crédito Fundiário (PNCF).

Portanto, nota-se que a saída das pessoas que tiveram iniciativas a partir da participação nos intercâmbios e nas feiras locais, regionais e nacionais, viabilizou à comunidade uma relação externa que criou uma teia, onde se estabeleceram relações diversas com o mundo, promovendo benefícios diretos e indiretos à comunidade Baixio Grande com o território e os sujeitos. Relações estas que atingiram as famílias envolvidas nos mais diversos aspectos, a partir da qualidade de vida, da mudança de hábitos que eles adquiriram durante todos esses anos.

Ressalta-se que a comunidade ganhou muito no que se refere à sua organização, ao interesse das pessoas do lugar em dar visibilidade aos projetos e à criação de novas possibilidades e estratégias de convivência com o Semiárido.

Hoje, a associação do artesanato de palha de milho se encontra praticamente desativada por conta de três anos consecutivos de secas, interferindo diretamente na produção do milho que era a fonte de matéria-prima para a produção dos produtos artesanais. Mas a associação do Assentamento Rural Irmãos Brasil continua sendo a associação mais atuante no momento (2015) participando ativamente, de forma direta e indireta, na implementação de projetos que dão suporte ao seu desenvolvimento.

O capítulo seguinte discute a mulher como protagonista no Semiárido, a partir das relações estabelecidas e o seu papel como mulher que articula e viabiliza uma nova forma de viver no Semiárido.

4 UM ENCONTRO COM O PROTAGONISMO FEMININO NO SEMIÁRIDO: A COMUNIDADE RURAL BAIXIO GRANDE

Este capítulo aborda a importância de reconhecer a mulher do Semiárido brasileiro como uma mulher que vive, possui sonhos, tem objetivos e participa efetivamente do mundo do trabalho e das questões sociais locais.

A discussão foi realizada a partir da relação das mulheres com o protagonismo, enquanto autoras de sua própria história, uma vez que são responsáveis pelas relações familiares estabelecidas na comunidade em estudo, por desempenhar um papel importante na comunidade articulando e viabilizando ações concretas no que diz respeito à organização social.

4.1 O protagonismo feminino

A palavra protagonista vem do grego *Protagonistés*. “s. 2 gên. Principal personagem de uma peça dramática; (*fig.*) pessoa que desempenha ou ocupa o *primeiro* lugar num acontecimento; figurante” (FERREIRA, 1943).

Diante desta definição, falar em protagonismo feminino é pensar na mulher como agente modificadora da realidade na qual está inserida e atuante em desempenhar atividades de interesse individual e coletivo, manifestando o interesse pessoal a partir da sua autonomia financeira e social. Suas ações podem promover mudanças significativas na sua vida e na vida daqueles que a rodeiam.

Apesar das dificuldades para encontrar a definição específica sobre o protagonismo feminino, tomei por base o conceito de protagonismo juvenil de Costa⁷, a mulher como protagonista, uma vez que ela atua de forma ativa, realizando em diferentes ocasiões a participação social, atuando como sujeito ativo na conjuntura social atual.

Diante do contexto Shiva e Mies (1993) apontam:

Até agora, as mulheres não têm sido capazes de se apropriarem, ou seja, de fazer suas, das mudanças sociais a quem têm sido sujeitas no curso da história. As mulheres fazem a história, mas no passado não se apropriaram dela (fizeram sua) como sujeitas. Uma tal apropriação coletiva da história, das suas lutas, sofrimentos e

⁷ Em publicação da Fundação Odebrecht, em 1988 Costa (2000) afirma: “O termo protagonismo juvenil, em seu sentido atual, indica o ator principal, ou seja, o agente de uma ação seja ele um jovem ou um adulto, um ente da sociedade civil ou do estado, uma pessoa, um grupo, uma instituição ou um movimento social” (COSTA, 2000, p. 20).

sonhos passados, levaria a algo como uma consciência coletiva, sem a qual nenhuma luta pela emancipação seria bem-sucedida (SHIVA; MIES, 2003, p. 60).

Assim, percebe-se que a mulher continua a lutar por sua afirmação como sujeito ativo na construção da mesma sociedade que se apropriou de suas histórias de forma coletiva, subjugando sua capacidade uma vez que participa de forma efetiva na sua construção. Mulher esta que protagonizou atuando em diversos espaços e contribuindo de forma direta e indireta no processo de transformação da sociedade.

Vejo uma trajetória de lutas que, apesar de todos os desafios, continua sendo a formação de “pontes” na construção de um movimento que se fortalece no mundo inteiro, que é o movimento feminista, proporcionando novas realidades nos mais diversos espaços, com a presença de atores sociais que ganham visibilidade ao protagonizar sua própria história.

Com a mulher do Semiárido brasileiro essa realidade não é diferente, ela também participa desse movimento, revelando-se ao mundo, mostrando que é possível vencer os obstáculos em qualquer lugar, independente do contexto em que está inserida. A partir das relações estabelecidas com todas as esferas da sociedade na condição de “mulher”, apresenta-se como agente modificadora de diferentes realidades.

Porém, até a mulher se perceber como agente que possui habilidades e competências para interferir na dinâmica social, cultural e econômica, leva um tempo, pois a cultura da submissão e da negação do seu poder continua muito forte.

De acordo com Bourdieu (1989, p. 108), uma das mudanças mais importantes na condição das mulheres e um dos fatores mais decisivos da transformação dessa condição, foi o aumento e o acesso das jovens ao ensino secundário e superior, relacionando com as transformações das estruturas produtivas, colocando essas mulheres no espaço administrativo e no mundo intelectual, modificando nitidamente as relações na divisão do trabalho. Essas mulheres ocupam os mais diversos espaços no mundo do trabalho.

Na comunidade em estudo, essa realidade se torna mais complexa pela condição da mulher ante o contexto no qual está inserida. Porém, ela conseguiu aos poucos ter voz e vez diante dos conflitos e da luta diária contra um modelo de sociedade que impõe a sua condição, mulher da zona rural, do Semiárido brasileiro, com capacidades, habilidades e atitudes que provocam mudanças reais na divisão do trabalho, e interferem na organização produtiva local. Foi a partir de muitas discussões e adversidades que essas mulheres conseguiram estabelecer uma relação de confiança dentro da comunidade.

Logo, a relação familiar é um dos elementos que permeia a comunidade que contribui de forma direta e indireta nas ações efetivas realizadas pelas mulheres em estudo, definindo assim, seu papel e suas ações como mulheres que promovem o desenvolvimento local.

4.2 As relações familiares, o papel das mulheres e onde elas estão?

Ao referir-se à família, Prado (1985, p.11) menciona que “não é um simples fenômeno natural. Ela é uma instituição social variando através da História e apresentando até formas e finalidades diversas numa mesma época e lugar, conforme o grupo social que esteja sendo observado”.

Significa que é a partir dessa ligação com o social que as relações familiares também mudam, pois sua interação com a externalidade provoca modificações gerando conflitos ou não, na forma como a família se constitui.

A ideia da estrutura familiar vem sempre acompanhada do início da relação homem/mulher, onde o modelo de família concebido pela sociedade é aquele que tem por finalidade a procriação. Ou seja, há uma identidade construída para as mulheres que segundo Esmeraldo (2003, p. 15), “passam a ser definidas pela sociedade rural, a atribuição de papéis sociais, como o papel de esposa, de dona de casa, de mãe, de avó, de madrinha, títulos estes que caracterizam a função reprodutiva da mulher”.

Conforme Gorz (2007), a condição de mãe, de mulher é algo que vai além do que a sociedade define como padrão para a condição feminina.

Como a vida do bebê, a relação da mãe com *seu* filho não é uma relação social. Ser mãe é proteger, cuidar, criar, não *um* bebê, mas este bebê precisamente, que não é intercambiável com nenhum outro, não somente porque nasceu de sua mãe, mas porque é ser sua mãe é viver a certeza absoluta que ele é *por si mesmo* esse centro de referência incompatível e indizivelmente singular, que se chama um sujeito. Querer que um sujeito seja ele mesmo, dar-lhe o direito a ser ele mesmo, é próprio da relação amorosa. O amor materno é uma função de suas formas (GORZ, 2007, p. 148).

Atualmente, essa condição feminina se reafirma perante a nova realidade a partir dos fatores de mudanças face às suas necessidades e à sua concepção na condição de mulher que do ponto de vista do sistema social constitui também um papel que deve ser cumprido para que a sociedade se perpetue.

Os movimentos feministas atuais na visão de Alves e Pitanguy (1985) destacam a importância da formação dos chamados “grupos de reflexões” ou de “autoconsciência”, com a participação de um pequeno grupo de mulheres com interesse em:

[...] romper o isolamento em que vive a maior parte das mulheres nas sociedades ocidentais, nuclearizadas em suas tarefas domésticas, em suas experiências individuais vividas solitariamente. A mulher constituiu assim um espaço próprio para expressar-se sem a interferência masculina, para compreender-se através de sua voz e da voz de suas companheiras, para descobrir sua identidade e conhecer-se. (ALVES; PITANGUY, 1985, p. 66-67).

Ao analisar as diferentes situações históricas a partir da visão de mundo, observa-se que a visibilidade da condição feminina muda de acordo com o contexto cultural, e, conseqüentemente, com o nível de consciência que os indivíduos vão adquirindo ao longo do tempo.

Esta visibilidade aparece na fala dos companheiros destas mulheres, eles passam a reconhecer o seu papel, as suas ações e ao ouvi-los, percebi a mudança por parte deles, o respeito, o ouvir, a tomada de decisão em conjunto, eles me apresentaram muito elementos que caracterizam esse reconhecimento.

Estas mulheres já não representam para eles apenas a função reprodutiva. Elas conseguiram estabelecer novas relações a partir da confiança mútua, ao participar de forma efetiva das atividades produtivas, mostrando que são capazes de produzir novas atividades que geram renda e melhora as condições financeiras da família.

Os homens da comunidade passaram a reconhecer as mulheres neste território como mulheres que possuem o poder de organização, tanto nas questões sociais quanto na vida financeira, melhorando consideravelmente as relações familiares.

Ao adquirir essa visão de mundo, a mulher passa a se relacionar também com essa nova realidade mudando a sua postura e, logo, vivenciando novas experiências que proporcionam mudanças significativas na sua condição social.

A mulher, que historicamente é responsável pelas questões afetivas e o fortalecimento dos laços entre os membros da família, está saindo para o mercado de trabalho modificando as relações familiares que mantém com os demais entes.

Nesse contexto, Gorz (2007) afirma que a função social da maternidade pouco tem em comum com seu sentido vivido. E cita:

Do ponto de vista do sistema social, com efeito, a mãe detém um poder exorbitante, que disputa com a sociedade o direito sobre seus (futuros) cidadãos. A sociedade,

portanto, tudo mobiliza para restringir e controlar o poder da mulher sobre seu filho, mas também para apropriar-se dela e submeter à própria mulher, expropriando-se de seus direitos sobre o corpo, sobre sua vida, sobre ela mesma. Eis a razão profunda da opressão da mulher [...] (GORZ, 2007, p. 149).

Apesar disso, a mulher passa a desempenhar um papel social, protagonizando novas possibilidades e novas estruturas, fazendo parte do processo de construção de uma nova realidade na concepção de que ser mulher é, antes de tudo, ser vista como “SER” humano.

São mulheres que pensam, agem, tem desejos, sonhos e que possuem direitos e deveres como qualquer outro cidadão, que tem autonomia de exercer sua cidadania pelas suas habilidades e capacidades, sobretudo no seu papel social.

A atuação das mulheres da comunidade Baixio Grande, como mulheres que vivenciam as dificuldades do Semiárido evidencia seu papel ao articular e executar novas possibilidades, agindo como mulheres que já não mais reproduzem o modelo de mulher na concepção conservadora, mas que reinventam novos espaços para se afirmarem de modo a alcançar sua autonomia pessoal e financeira, intitulado sua própria história.

Devido às observações na comunidade foi possível perceber que, a partir do envolvimento das mulheres com a prática do associativismo, as mesmas descobriram o quanto podem ir além da própria condição de mulher que vive para o lar. Pois, ao se inserir no processo produtivo, elas contribuem de forma direta na renda familiar, mudando também a forma expressiva na relação familiar, melhorando sua própria autoestima.

Porém, a sua autoafirmação faz com que essas mulheres percebam qual o seu papel e como estão contribuindo para o desenvolvimento local.

A exemplo disso, temos a fala de Adriana, frente à tomada de decisões, mesmo onde predomina a participação masculina. A sua atuação enquanto associada, beneficiária e presidente da associação do Assentamento Irmãos Brasil, ainda é conflituosa mesmo depois de mostrar que é possível a mudança, sendo ela a única mulher dentro da associação em discussão. A luta é constante para a obtenção de projetos pela dificuldade dos demais associados (cinco homens) em acreditar nas suas propostas, a exemplo do projeto de Energia Solar, no período de 2007. Ela menciona:

[...] eu chegava e dizia ao meu tio que era sócio e beneficiário do Assentamento: Olha tio a gente conseguiu um projeto pra cá através da associação do artesanato e vai ser muito bom, vai produzir hortas e frutas em quantidade pra a gente comercializar. Ele dizia: “minha filha você tá doida, isso nunca vai acontecer, o governo não dar nada a ninguém, você bem endividou a associação e agora pronto”. As pessoas tinham que ver para crê. Pior que eles tinham conhecido uma mandala em Antonina, e queriam fazer justamente, na área que eu coloquei no projeto de energia solar, aí eu disse: olha, isso aí não vai dar certo, e eles, diziam: Adriana não

vem mais não, já com um ano, esse povo fizeram foi enrolar esse dinheiro, vamos fazer a mandala. Começaram logo a cavar o buraco da mandala. Aí os caras chegaram na semana que tinham cavado o buraco da mandala, aí foi confusão, eu, Fábio e papai queria o projeto e Jade e Antônio Aprígio não queria e tio Dairo não queria, e discutimos muito, tudo isso na frente dos técnicos e eles esperando. Aí eu disse: então vamos pra votação, sei que nós vencemos com um voto, aí lá vai entupir o buraco da mandala, para implementar o projeto. Mas assim. Eu dizia: como é que vocês vão trocar um projeto de 45 mil reais por um de 2 mil reais, vocês tão com a cabeça onde? Melhor esse outro, não vamos pagar energia e tal. Aí eles começaram a implementar o projeto, passaram três meses, o MDA e Agropolo (Fragmentos da entrevista realizada com Adriana, maio de 2014).

Assim se apresenta as lutas cotidianas das mulheres numa sociedade machista, onde predominam suas decisões. Neste caso relatado, ela só conseguiu devido à votação, e hoje, esse projeto, mesmo sem a sua originalidade, por não gerar mais energia a partir das placas, é quem sustenta as famílias envolvidas, trazendo mudanças significativas para suas vidas, tanto econômica quanto em relação à qualidade de vida em todos os aspectos.

No entanto, essa discussão segundo Torreão (2007, p. 102), revela que a relação entre homens e mulheres passa a ser caracterizada pela incorporação das mulheres às atividades consideradas produtivas que vem mudando o seu posicionamento na sociedade, proporcionando autonomia e reforçando sua consciência sobre seus próprios direitos.

Logo, os envolvidos no projeto acima descrito deixaram a agricultura de subsistência para sobreviver da área produtiva do projeto que conta hoje com dois hectares após sua ampliação, antes apenas com um hectare.

Essa organização nos dá a dimensão das relações existentes nas famílias da comunidade, a começar pela relação afetiva um tanto presente nas relações entre as pessoas, pois mesmo frente aos conflitos, às diferenças, no momento das dificuldades, a união familiar é algo que surpreende a todos que ali moram e visitam.

O perfil das mulheres escolhidas mostra a sua atuação como mulher sertaneja, que viveu e vive momentos difíceis na vida, mas que viabiliza novas possibilidades no território do Semiárido a partir de um novo olhar, por começar a acreditar em si mesma.

Essa organização nos dá a dimensão das relações existentes nas famílias da comunidade, a relação afetiva fica evidente entre as pessoas, pois mesmo frente aos conflitos, às diferenças, no momento das dificuldades, a união familiar é algo que surpreende a todos que ali moram e visitam.

O perfil das mulheres escolhidas mostra a sua atuação enquanto mulher sertaneja, que viveu e vive muitos momentos difíceis na vida, mas que viabiliza novas possibilidades no território do Semiárido a partir de um novo olhar, por começar a acreditar em si mesma.

A escolha dessas mulheres como sujeito principal da pesquisa foi por sua relação familiar, pelo compromisso com a educação, com a questão religiosa, com as relações de gênero estabelecidas na comunidade e seu envolvimento social. Tudo isso caracteriza essas mulheres que protagonizam um novo Semiárido.

Não obstante, Raimunda Alencar Evangelista (Mundinha, 69 anos) é uma dessas mulheres que tem um papel muito importante por ter sido a primeira professora e catequizadora na comunidade, por orientação de seu pai Quinco, homem muito religioso e preocupado com a educação das crianças no ano de 1950, pelo número de crianças que tinha naquela época na comunidade e nas comunidades vizinhas. Pois, cada família tinha em média de 8 a 10 filhos. Assim, a preocupação de seu pai não era em vão. Ele sempre foi preocupado com a questão religiosa e com a educação. Era um homem que lia muito a Bíblia, leu por três vezes completa. Então, elegeu sua filha Mundinha para educar e catequizar aquelas crianças desprovidas de qualquer assistência.

Mundinha hoje é membro principal na coordenação da capela de Nossa Senhora das Graças e ministra eucarística. Capela esta, construída na comunidade no ano de 2007, pela decisão da família em homenagem a seu pai Quinco, construída onde foi a sua primeira casa, lugar este que possui um sentimento simbólico, foi o lugar onde começou o processo educacional, a catequização das crianças, por isso, sua importância, por possuir uma história familiar, por representar um lugar de lutas no cotidiano daqueles que ali viveram momentos ainda presentes em suas memórias pela experiência vivida.

Mundinha, ao falar sobre os trabalhos cotidianos, demonstra a relação de cumplicidade e ajuda mútua dentro do ambiente familiar, pois em sua fala há uma cumplicidade entre homens e mulheres nas atividades realizadas no ambiente doméstico:

Todos nós trabalhava na roça, nessa época plantava muito algodão, era duas carradas de algodão, tinha dia que tinha 13 a 15 pessoas nas matas catando algodão, aí o que era que a gente fazia? Nós moía o milho e pilava arroz no pilão. De madrugada, era papai, Dairo, Acácio, eu, Mamãe e Lúcia. A gente acordava ia pro pilão pilar arroz, era animado demais, era dois candeeiro grande um do lado e outro do outro e nós no alpendre da casa velha, onde hoje é a capela, pilando arroz, até o dia clarear. Quando o dia clareava eles iam pra roça, e nós íamos fazer a comida, pegava as panelas de comer e subia pra roça, eu, Mamãe e Lúcia (Fragmentos da entrevista realizada com Mundinha, agosto de 2014).

A respeito das relações de gênero e a relação produtiva, Biase (2007) aponta:

Para estabelecer uma primeira ligação entre as relações de gênero e as relações de produção pautadas no enfoque da agroecologia, é importante compreender o envolvimento da mulher com a agricultura. A identificação feminina à produção de

alimentos é histórica. Desde o surgimento da agricultura a mulher, provedora de vida, é a representação simbólica da fertilidade de terra (a “mãe terra”) e identificação direta da prática agrícola, momento este em que o humano percebe a possibilidade de germinação da semente em contato com o solo (BIASE, 2007, p. 6).

Na fala seguinte fica visível o papel da mulher sertaneja em relação à sua participação na produção, porém não reconhecida pelos homens como trabalho, e sim como “ajuda”:

Na era de 60 foi dez anos bom de inverno, de 60 a 69. Nós chegamos aqui no dia 20 de Novembro de 1960, aí foi dez anos de inverno bom nesses baixios era os meninos, cortando esses arroz dentro d'água, os homens cortavam e nós as mulheres era com um balaio e umas urupembas, carregando, era homens e mulheres trabalhando. As mulheres era quem carregava, ia pro lugar que não tinha água, a gente vivia com frieira, comia nosso dedos tudinho, quando nós terminava de colher o arroz a gente ficava sem aguentar. Aí papai ia pra o Assaré comprava os remédios usava, mais só ficava bom mesmo quando saia de dentro das lamas, as lamas tão puba (mato podre dentro d'água) que quando a gente pisava dentro chega chiava, e não acontecia nada, não era? O povo não tinha bactéria, nada, não tinha essas doenças perigosas que tem hoje. Você enfrentava tudo e tudo dava certo. Aí nós ia deixar almoço, eles comiam, aí a gente ajeitava um boga, botava os prato de um lado e já vinha cada uma com um saco de algodão na cabeça, quando chegava aqui, as águas que eles tinham levado já não dava mais, nós pegava umas cabaças de água de meia lata botava na cabeça e uma garrafa de café com uma merenda, tinha tempo que a gente levava até macaxeira cozida, aí levava, chegava lá já era meio dia, levava a água, e já voltava com outro saco de algodão, e de tarde aqueles que apanhasse mais trazia na cabeça, era sofrimento, mais era todo mundo feliz. Todo mundo sadio ninguém sentia nada, o sol não era quente como é hoje (Fragmentos da entrevista realizada com Mundinha, agosto de 2014).

Quando jovem, seu pai Quinco, ao chegar à comunidade do Baixio Grande orientou-a para alfabetizar as crianças da comunidade e das comunidades vizinhas, iniciando o processo de alfabetização das crianças que ali moravam, veja parte de sua fala:

[...] quando eu morava no Crato eu fiz até a quarta série lá e vim pra aqui, aí quando foi no outro ano, tio Joaquim veio aí falou com o Prefeito de Assaré que era Raul Onofre, aí ele me nomeou como professora leiga para eu alfabetizar, aí não tinha local não tinha nada, então papai tinha uma área na frente da casa, a casa era de taipa, aí eles pegaram uns tornos, e colocaram como uns bancos, só que não era um banco bem feitinho não, era uns pau roliços botaram nos quatro cantos da área e quando eu comecei dizendo que ia ensinar eu fiz uma seleção de sessenta alunos, tudo de longe, tinha deles que moram com três quilômetros quatro de pé e eles viam todo dia. Eram alunos só do baixio Grande e Izar (Fragmentos da entrevista com Mundinha, agosto de 2014).

Ao discorrer sobre as dificuldades enfrentadas em relação à educação na comunidade ela conta que uma das maiores dificuldades era a falta de recursos e até mesmo o processo de aprendizagem dessas crianças. Em entrevista ela relata a seguinte situação:

[...] tinha as cartas de ABC que você ia aprender as letras, depois as sílabas, tudo na carta. Na carta tinha as letras iniciais e as sílabas, depois tinha as cartilhas pra você juntar os nomezinhos, as palavras de duas sílabas de três. Cada um aprendia a ler primeiro do que escrever. Não tinha quadro não. Eles tinham cada um sua carta e sua cartilha, os pais quem compravam. Eles não eram bem práticos na escrita porque não tinha quadro mais eles tinham os caderninhos. Só que eu trabalhava, eu fazia assim: botava eles pra ir assoletar, que antes era BO, LA. Aí nessa época enquanto eles iam estudar cada um ia pegar sua liçãozinha, cada um ia estudar pra dar bem correto. E eu sentava numa mezinha, com uma pena, era um tipo de uma caneta, agente comprava um litro de tinta e colocava num vidro pequenininho aí tinha um tipo de lapiseira bem aguda e aberta por trás, aí você colocava dentro da tinta e escrevia a o que era que eu fazia, a primeira coisa que eles aprendiam era o nome, repetia várias vezes, às vezes escrevia a folha todinha, agora só que na época aqueles que prestavam mais atenção aprendiam o nome mais rápido, bem ligeiro. Aí tinha deles que custava, não aprendia não, agora era tudo obediente, se dissesse todo mundo é pra estudar baixo, todo mundo estudava bem baixinho, se era para escrever cada um prestando atenção no seu, tudo que agente pedia eles obedecia, era maravilhoso, só era difícil porque as coisas era devagar, aí depois de muitos anos eu consegui uma lousa na Prefeitura, Zezo Rodrigues que conseguiu pra mim. (Fragmentos da entrevista com Mundinha, agosto de 2014).

Através de suas ações, evidencia-se sua contribuição na educação das crianças da comunidade, sendo esta a base para o desenvolvimento humano, assim como para o próprio território.

O segundo perfil é de Edivânia Alencar Evangelista, filha de Mundinha, como outra mulher da comunidade que tem uma importante contribuição na realidade da comunidade hoje, pela sua experiência no associativismo e por ter saído da comunidade para ir morar no estado de Rondônia por cinco anos, em busca de uma vida melhor. Porém, o seu retorno e sua permanência na comunidade é algo que chama a atenção. Ela conta:

[...] fui embora para Amazônia porque tenho uma irmã que mora lá, morei cinco anos lá. Saí daqui com 15 anos de idade, voltei pra cá em 1999. Morei em duas cidades da Amazônia, em Novo Aripuanã, Humaitá e em Rondônia. Fui mais por curiosidade né. Por que aqui era só aquele mundinho né. Aí tive a oportunidade de ir pra lá, e você ver muitas coisas diferentes, já tinha minhas duas irmãs e sempre falavam que lá era muito bom aí acabei indo. Foi muito bom a época que passei lá [...] (Fragmentos da entrevista com Edivânia, agosto de 2014).

Quando falei para ela comentar sobre a sua volta para a comunidade, ela descreve que achou tudo muito diferente:

Já com energia que na época que saí não tinha, era muita chuva, já tinha água encanada, já tinha o açude que antes não tinha. Naquela época trabalhava na roça, fora as coisas de casa pra fazer, agente colocava muita água na cabeça, pra tomar banho, pra tudo. (Fragmentos da entrevista com Edivânia, agosto de 2014).

Outro momento foi indagar sobre sua fonte de renda, já que morando fora tinha adquirido uma independência financeira:

[...] comecei a vender crediário, de uns tempos para cá, comecei a fazer o crediamigo, aí eu investia em roupa, depósitos de plásticos, para revender, cama, mesa e banho, sempre deu pra eu ir me mantendo. Hoje a gente trabalha menos que na roça, e tem como sobreviver melhor. Recebo a Bolsa Família, o Seguro safra, o projeto de criação de galinhas, do Brasil Sem Miséria, esse forneço para o Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE). (Fragmentos da entrevista com Edivânia, agosto de 2014).

Na sua fala, fica clara a independência econômica e o acesso às políticas públicas, evidenciando o seu papel como mulher que soube aproveitar as oportunidades, pois, a relação construída nos mais diversos espaços, desde a sua experiência fora desse território e dentro dele despertou-a a novas possibilidades.

Junto à sua irmã Erivânia, envolvida com a prática do associativismo pela associação do artesanato Palha de Milho e com a questão religiosa, sendo nesta última um maior envolvimento.

Assim, ela dá continuidade ao trabalho que iniciou com sua mãe Mundinha, catequizando e organizando a capela, ela passa a seguir seus ensinamentos e coordena a capela e em todos os aspectos.

Meu intuito foi observar a atuação de Erivânia como mulher protagonista no Semiárido, a partir da sua experiência de sair da comunidade para morar no estado de Rondônia. Fazendo uma análise do seu retorno à comunidade em 2001, para compreender como foi seu processo de readaptação após sete anos fora da comunidade.

A mesma falou das diferentes oportunidades que teve em relação aos estudos e ao trabalho. Lá, deu continuidade aos estudos terminando o ensino médio, trabalhou como atendente de consultório e em um escritório de advocacia, aproveitado as oportunidades.

Suas experiências também fortaleceram suas decisões e suas ações na comunidade, tornando-se uma mulher mais participava na construção desse território, com uma capacidade de reinventar-se nos diferentes contextos. Em sua fala sobre o seu retorno, menciona:

Na verdade eu fiquei sem trabalho, passei um período sem trabalhar, um ano atrás eu frequentei uma igreja evangélica, tive uma convivência com a família do Pastor, morei mais ou menos seis meses com essa família, e de lá foi quando Eridan (irmã) me ligou e disse: vamos mandar o dinheiro e você vem. E, eu voltei pra casa. (Fragmentos da entrevista com Erivânia, agosto de 2014).

Erivânia comenta que “estava diferente, tinha muitas melhorias, foi no período que começou a puxar a rede elétrica, logo em seguida, já tinha escola, todas as casas já tinha televisão e aí já tinha muita coisa diferente de quando eu fui”.

A mesma comenta que assim que chegou se envolveu logo com as atividades da capela, pois como era envolvida lá em grupos de orações, começou aqui como leitor. Só participava algumas vezes, levou um ano para se engajar de forma mais efetiva, em 2002. Ela diz: “As missas só existia na casa das famílias, mas já existia um grupo organizado, já tinha um grupo de cântico só com a participação dos jovens, tinha vinte e dois jovens”. A mesma conta:

Bom, eu fiquei de 2002 até 2006. Foi o período que começou o projeto pra arrecadação de material para a construção da capela que começou em 2007. Adriana (prima) e Eugênia (irmã) reuniram toda a comunidade aqui em casa, proporão procurar as autoridades políticas do município juntamente com a comunidade, e aí se deu o primeiro momento da conversa né. Aí estava à coordenação de Cirleide, da Baixa Queimada (comunidade vizinha) nesse ano de 2007, ela saiu da coordenação, daí assumir e estou até hoje. (Fragmentos da entrevista com Erivânia, agosto de 2014).

Falando sobre as principais dificuldades ao retornar para a comunidade, sobre as novas oportunidades em relação a trabalho, já que ela estava retornando de um lugar onde ela trabalhava e tinha seu dinheiro, ou seja, já tinha certa independência financeira, ela diz:

Não foi difícil não, estava em casa e tive a oportunidade de ser professora também, comecei na Varjota em 2001, depois foi aqui na comunidade, com Educação de Jovens e Adultos. E depois voltei novamente pra Varjota ficando lá e aqui. O índice, de analfabetos aqui era muito grande. (Fragmentos da entrevista com Erivânia, agosto de 2014).

Por fim, em um momento da entrevista pedi que ficasse à vontade para refletir sobre suas experiências na comunidade:

Quero só falar que é uma experiência na vida da gente, que como ser humano eu cresci muito no decorrer desses anos, a gente aprende muito, tem que renunciar muita coisa, que a gente tem que entender que está para servir e não para ser servido. E graças a Deus nesses últimos anos eu venho dizendo assim, a gente percebe em casa essa mudança. Paulo (esposo) percebe essa mudança também. A gente melhora como ser humano, passa a ser mais humilde, a gente é capaz de compreender o outro, e assim nos ajuda muito, a gente ainda enfrenta dificuldades diversas, de diversas formas, mais a gente está aí na luta na caminhada, estou muito feliz aqui. (Fragmentos da entrevista com Erivânia, agosto de 2014).

A fala de Erivânia mostra que está aberta à mudança, é também um desafio, e o seu retorno ao lugar de origem foi marcado pelas mudanças, desde a sua readaptação até o seu envolvimento com novas possibilidades.

Contudo, com Adriana Brasil de Alencar também não foi diferente. Aos 29 anos, depois de voltar para a comunidade após morar seis meses na cidade de Crato e quatro anos na cidade de Assaré, o seu retorno foi a partir do seu envolvimento com a prática do associativismo. Aos 23 anos participou de um curso de ovinocaprinocultura, pela associação dos produtores rurais, sendo esta oportunidade o primeiro contato para fundar uma associação só de mulheres, para trabalhar com o artesanato Palha de Milho.

Adriana desempenha um papel muito importante na comunidade, participando de forma ativa nos espaços até pouco tempo frequentado apenas pelos homens. Ambiente este em que ela começa a superar grandes desafios diante de uma sociedade machista, sobretudo no meio rural. Veja como ela consegue mobilizar a comunidade para criar a associação de mulheres:

[...] aí a gente no final do curso, tava faltando uma semana para acabar o curso no Município, aí eu ouvi o coordenador do curso, Claudio Lavour do CENTEC, dizendo que tinha projetos de artesanatos que tava concluindo dentro do município e tal, aí eu fui perguntei a ele se não tinha como ele trazer alguma coisa aqui para as mulheres, porque as mulheres eram muitas, assim, só cuidava de casa e pronto, não tinha espaço para produzir entendeu aí ele falou ele falou: “não a gente já está saindo, não tem recursos o suficiente para deixar vocês estruturadas para começar a comercializar e tal, mas eu insisti aí ele falou: faça o seguinte, amanhã estarei aqui de volta e reúna as mulheres que queiram participar, aí a noite mesmo saí na casa das meninas conversei com elas, e no outro dia que ele chegou, ele se surpreendeu, porque deu mais de 30 mulheres, ele foi e disse começo agora, eu falei pode ser. Aí ele falou da deficiência dos recursos que não tinha o suficiente para deixar encaminhado para a gente comercializar com boa qualidade, mas mesmo assim, a gente insistiu. (Fragmentos da entrevista com Adriana, maio de 2014).

É uma mulher que passou a ser respeitada pela comunidade a partir do trabalho que desenvolveu na associação das artesãs, como presidente da associação e fundadora da mesma em 2007, assim como a associação do Assentamento Rural Irmão Brasil, atuando também como presidente.

De acordo com o Programa de Artesanato Brasileiro (BRASIL, 2012) o artesanato:

Compreende toda a produção resultante da transformação de matérias-primas, com predominância manual, por indivíduo que detenha o domínio integral de uma ou mais técnicas, aliando criatividade, habilidade e valor cultural (possui valor simbólico e identidade cultural), podendo no processo de sua atividade ocorrer o auxílio limitado de máquinas, ferramentas, artefatos e utensílios (BRASIL, 2012, p. 12).

É neste contexto que ela se envolve e acaba descobrindo o potencial do próprio lugar, compreendendo que novas possibilidades existem, que as oportunidades estão a todo instante presentes, mas que é preciso estar atento a elas. Portanto, ela passa a demonstrar uma nova postura diante da condição de mulher já não mais sujeita a uma relação de poder, de submissão. Mas, segura ao demonstrar suas convicções, seus interesses e sua preocupação com o trabalho coletivo.

Seu trabalho passa a ter um efeito positivo, outras comunidades que vivenciam a prática do associativismo que desenvolvem trabalhos nos mais diversos aspectos, tanto na zona rural quanto na zona urbana, as mesmas começam a procurá-la para contar a sua experiência e como gerenciar a associação por ser presidente das que foram mencionadas.

A associação dos produtores rurais da comunidade hoje conta com sua ajuda não só no que diz respeito à sua fala, mas em auxiliar na gestão junto ao presidente atual por ser filha de um dos associados. Assim, ela continua a sua inserção nas associações, pois foi convidada a fazer parte da Associação de Produtores de Leite de Assaré, por levar o leite que produzia para um tanque de resfriamento.

Logo, os produtores e associados queriam que ela assumisse a presidência, ela não aceitou por ser presidente já em duas associações na comunidade Baixio Grande, a associação do Assentamento e a da Palha de Milho, eles a convidaram então para ser secretária e cuidar da parte financeira da associação; ela aceitou, mas em pouco tempo saiu da associação, pois deixou de levar o leite para o tanque de resfriamento e passou a produzir o queijo.

São essas ações e atitudes que a fizeram conquistar seu espaço, por sua determinação, sua posição frente às adversidades, e por fazer o que faz com muito compromisso. Ela sempre pensa nos projetos incluindo a comunidade. Essa percepção do todo é uma característica sua e conta muito nas tomadas de decisões ao colocar as pessoas da comunidade como atores participantes diretos de todos os projetos em execução, a começar pela inclusão deles na construção de qualquer infraestrutura do projeto a ser executada, a preocupação dela em trazer para a comunidade cursos de capacitação junto aos órgãos e instituições de fomento, é algo constante.

Atitudes como essas a diferenciam no que concerne à sua afirmação enquanto mulher que pensa e age, que constrói sua identidade, sua conduta e que acaba revelando essa nova mulher que se coloca perante o mundo machista, mostrando que ela é capaz de mudar as relações estabelecidas. Esse é o grande achado desta pesquisa, estar diante de mulheres que vivenciam o processo histórico construído por uma sociedade que coloca a figura do homem como autor das principais mudanças ocorridas na sociedade.

Ao entrevistar essas quatro mulheres da comunidade, por considerá-las muito importantes para o desenvolvimento local, fica visível em suas falas a autoestima, sua garra ao afirmar-se como mulheres que conquistaram sua autonomia pessoal e financeira, sendo estas movidas por sentimentos, desejos e sonhos na busca de um modo de vida diferente e melhor, assumindo sua condição de sujeito que vivencia desafios para alcançar uma qualidade de vida responsabilizando-se pela sua própria história.

São mulheres de personalidades fortes, com características próprias, porém buscando objetivos comuns, entre eles, o trabalho social, a preocupação com todos que estão envolvidos na comunidade e até mesmo fora dela, pois há uma influência além de seus limites territoriais. Apresento assim, as relações além do território. A comunidade ao receber propostas de implementação de novos projetos, decide o seguinte:

Um dia o Padre Vileci me chamou e disse: olha tem um projeto da Caritas que tá sendo criado baseado nesse projeto de energia solar de vocês, e eu disse e foi padre? Ele falou o nome do nosso será de projeto Solari, eu falei muito legal, que bom. O projeto é com a Caritas, eles mandaram Dez mandalas para a região do cariri e a comunidade do Baixio Grande foi escolhida com uma. Aí eu falei então traga o projeto para a Baixa queimada eles ainda não tem nenhum projeto produtivo, porque o Baixio Grande já tem e o Izar também. E, seria bom que fosse lá, porque lá tem muitos jovens, aí ele concordou. Então, vamos reunir o pessoal, então deu tudo certo, o projeto foi aprovado, veio o recurso da Caritas, só quem executou o projeto foram eles, eu apenas articulei a comunidade para participar, e aí a gente viu na prática, eles executando. Agora, a gente queria ter o projeto em mãos, para saber como seria, as etapas que tinham, mas nunca tivemos acesso, já pedimos várias vezes, para organizar uma pasta com tudo o que foi feito, fazer um registro mesmo do que aconteceu mas eles nunca enviaram. (Fragmentos da entrevista com Adriana, maio de 2014).

São atitudes como estas que caracterizam as mulheres em estudo. Mesmo diante das dificuldades, elas abriram suas mentes para o desconhecido com determinação e coragem, envolvendo-se em atividades que lhes proporcionaram grandes descobertas e ao mesmo tempo trabalhos árduos, em que o primeiro passo foi permitir-se ao novo, ao desconhecido, enfrentando desafios, mas com a convicção de novas possibilidades de mudanças.

Segundo Paulo Freire (2011, p. 133), “o sujeito que se abre ao mundo e aos outros inaugura com seu gesto a relação dialógica em que se confirma como inquietação e curiosidade, como inconclusão em permanente movimento na história”.

Essas mulheres alcançaram um nível de amadurecimento que contribui de forma direta e indireta para o desenvolvimento local a partir da sua interação junto à comunidade a partir de sua atuação em grupos que viabilizam aproximação e diálogo entre si.

Em conversa com Adriana, sobre seu envolvimento com projetos e com o artesanato palha de milho, a partir do associativismo, ela demonstra o seu encantamento pelas questões sociais, e, especialmente, a vontade de ajudar os outros:

[...] dos projetos produtivos de artesanato que foi colocado no município de Assaré o único que permaneceu foi o nosso, assim, foi uma surpresa muito grande para eles, entendeu? Sem contar que a gente, assim, pelas habilidades das mulheres, por algumas que faziam crochê, marcar e outras, assim, o artesanato se desenvolveu numa qualidade muito boa o trançado, e a gente começou a ir para as feiras e concorria por igual, até com aqueles que já tinham por muitos anos. (Fragmentos da entrevista com Adriana, maio de 2014).

Ante o que foi exposto, percebe-se que ela expressa a ideia do inacabado e a busca pelas experiências que segundo Freire (2011 p. 50), “o inacabamento do ser ou sua inconclusão é próprio da experiência vital. Onde há vida há inacabamento”. Entretanto, a participação em feiras nacionais, regionais e locais foi a continuação e a oportunidade de crescimento profissional e pessoal.

Através do CENTEC, a gente foi à primeira feira, pelo Ministério da Integração Nacional (MIN), mas as outras foi, porque o pessoal gostou do nosso trabalho e continuo nos levando através do ministério da integração nacional. Aí no Rio de Janeiro a gente fez parceria com a Agendha, que é a Bodega da Caatinga na Bahia. Conheci Walda que é quem coordena a bodega, ela e o esposo dela, aí eles nos convidaram para fazer parte da bodega e a gente aceitou, aí pronto, teve outras feiras que a gente já foi pro espaço da bodega, aí foi muito bom assim, porque daí a gente no que eu viajava eu comecei a participar de oficinas, ver outros projetos que tinham, e eu comecei a ver o potencial da questão do associativismo em si né. (Fragmentos da entrevista com Adriana, maio de 2014).

Os desafios em relação à distância da comunidade à sede do município são vários (falta de infraestrutura básica, estradas, transportes, internet, telefone), o que dificulta a comercialização do artesanato, sendo estes fatores responsáveis pela falta de estímulos das mulheres, levando a maioria a desistir. Porém, algumas delas conseguiram resistir apesar de tudo, pois viam no artesanato uma maneira de sair da rotina e um exercício para a mente. Segundo Adriana:

[...] grande parte desistiu porque perdia o estímulo de produzir, porque pra vender tinha que levar pra fora. Então era muito complicado, realmente só ficou aquelas que realmente gostava do trabalho, então existe uma grande diferença entre você produzir e gostar, você tem que realmente se identificar com o que faz, e o artesanato tem essa característica, você tem que gostar. (Fragmento da entrevista com Adriana, maio de 2014).

As dificuldades são reais, e a tomada de decisão em relação aos projetos a que a comunidade passou a ter acesso, é algo a ser realizado. Adriana atua enquanto um ser político, próprio à sua natureza enquanto ser que possui autonomia para propor melhorias para a comunidade junto às pessoas que ali vivem indo de encontro aos interesses coletivos.

Diante do perfil de todas essas mulheres, notei o desempenho como um papel fundamental para o desenvolvimento da comunidade em vários aspectos, desde o social, cultural, econômico, afetivo, institucional político e ambiental. Ao se preocuparem com todos esses aspectos as decisões tomadas têm um por que fazer, por que aceitar, e assim, essas mulheres seguem seu caminho, fazendo história. Mulheres estas que se revelam pelo seu dinamismo e não mais reproduzem um modelo de mulher conservadora. Contudo, a condição de mulher muda quando ela passa a compreender que pode participar:

Aí em 2007 eu participei de um curso de ovinocaprinocultura, ao todo são 32 sócios nessa associação, porque aqui a comunidade o Baixio Grande é referência no Município pelo grande número de criação de ovelha, que foi até um programa chamado “Produzir”, que é da FAO junto as Nações Unidas, financiado por eles, e o CENTEC foi quem executou esse projeto em 2007, aí eu fiz parte desse treinamento, era só eu e uma prima (Edivânia) de mulher, o resto eram todos homens, a gente não era associada, mais nossos pais sim. (Fragmento da entrevista com Adriana, maio de 2014).

Os relatos dessas mulheres revelam sua contribuição para o desenvolvimento daquele território. Faz-se necessário, desta forma, explicar que tipo de desenvolvimento é este e como se constrói esse território.

O desenvolvimento é um termo que está relacionado ao desenvolvimento humano, desenvolvimento rural, desenvolvimento econômico, desenvolvimento sustentável etc. Sendo este visto a partir de várias vertentes, onde seu conceito básico pode ser entendido como um processo, uma forma de evolução, algo pequeno que se transformou em algo grande.

No entanto, percebe-se que diante dessas várias possibilidades, o que mais se destacou foi o desenvolvimento econômico, este começa a buscar novas alternativas para sobreviver às crises e continuar o seu processo de evolução.

Esses novos conceitos atribuídos a novos modelos de desenvolvimento surgem com a necessidade de reverter um quadro criado pelo próprio sistema capitalista, inserindo o desenvolvimento rural.

Como alternativa para dar continuidade ao modelo econômico vigente, é precisa se manter e ao mesmo tempo, entender que sem o desenvolvimento humano não conseguirá sobreviver. Pois, o que move esse processo não é nada mais, nada menos, que o próprio ser

humano, e começar a dar visibilidade ao desenvolvimento sustentável como alternativa viável ao próprio desenvolvimento, passa a ser viável.

Corroborando com as ideias de Sachs (2000, p.11), destaco os seguintes depoimentos das mulheres participantes da pesquisa com relação à concepção do desenvolvimento do território, não mais na concepção de um desenvolvimento em que todas as nações seguissem os seus passos, pois este se tornou defasado. Mas na concepção de um desenvolvimento que molda a realidade.

[...] a gente no final do curso, tava faltando uma semana para acabar o curso no Município, aí eu ouvi o coordenador do curso, Claudio Lavour do CENTEC, dizendo que tinha projetos de artesanatos que estava concluindo dentro do município e tal, aí eu fui perguntei a ele se não tinha como ele trazer alguma coisa aqui para as mulheres, porque as mulheres eram muito, assim, só cuidava de casa e pronto, não tinha espaço para produzir entendeu aí ele falou: “não a gente já está saindo, não tem recursos o suficiente para deixar vocês estruturadas para começar a comercializar e tal, mas eu insisti, aí ele falou: faça o seguinte, amanhã estarei aqui de volta e reúna as mulheres que queiram participar, aí a noite mesmo saí na casa das meninas conversei com elas, e no outro dia que ele chegou, ele se surpreendeu, porque deu mais de 30 mulheres, ele foi e disse começo agora, eu falei pode ser. Aí ele falou da deficiência dos recursos que não tinha o suficiente para deixar encaminhado para a gente comercializar com boa qualidade, mas mesmo assim, a gente insistiu. (Fragmento da entrevista com Adriana, maio de 2014).

Na visão de Milton Santos (2012, p. 169), “o mundo é apenas um conjunto de possibilidades, cuja efetivação depende das oportunidades oferecidas pelos lugares”. Neste sentido, a busca por novas alternativas para a promoção do desenvolvimento local continua sendo a partir do seu potencial, e descobrir qual atividade existe neste lugar a ser desenvolvida. Na fala de Adriana fica perceptível a sua preocupação sobre o que produzir e qual o potencial existente na comunidade para desenvolver:

[...] o que poderia trazer de melhoria para a comunidade, mas a gente viu que o artesanato não era uma fonte de renda fixa para as mulheres, então a gente viu que tinha essa dificuldade e a gente queria só produzir, a gente queria melhorar um pouco economicamente, aí eu acabei conhecendo vários projetos de agricultura familiar, de hortifrutos e a gente começou, eu comecei a pensar alguma coisa assim, o que eu via, eu trazia, fotos, comecei a discutir essas ideias na associação, nas reuniões e tal. (Fragmentos da entrevista com Adriana, maio de 2014).

Erivânia fala das dificuldades em relação à participação das pessoas nos eventos que acontecem na comunidade. Pois, a mesma possui uma dinâmica de participação que vai além do seu território pelas relações estabelecidas com comunidades vizinhas, que também fazem parte das associações, tanto a associação dos produtores rurais, quanto a associação do artesanato palha de milho.

[...] não seria bem uma resistência, assim hoje, de lá pra cá as mudanças que ocorreram mesmo na comunidade, não somente em relação a igreja mais de uma forma em geral, era todo mundo no seu cantinho e a partir das coisas que chegaram aqui, a partir dos projetos que aqui chegaram, a gente teve mais necessidade de estar se encontrando, de estar se reunindo, dialogando, conversando e não só por parte da coordenação da igreja apresentando algo da capela e cumprir, mas hoje é diferente, mudou muito graças a Deus. Hoje é assim, a gente ouve a comunidade primeiro, a gente propõe e ouve. E aí a gente aceita as opiniões e não é os projetos hoje eles são realizados, principalmente, porque a comunidade participa, apoia, se coloca a disposição, então, há essa mudança hoje. E ainda existe muita resistência quando a gente quer realizar algo que as pessoas ainda hoje não querem tomar nenhuma posição, ainda ficam muito em cima do muro ou então, não vou opinar, porque se eu opinar eu vou ficar de mal, então é assim, ainda existe essas resistências hoje e isso é uma dificuldade, mas já melhorou bastante. (Fragmentos da entrevista com Erivânia, agosto de 2014).

Neste contexto, o universo das mulheres na comunidade se destaca pela experiência familiar, pela relação de pertencimento com o lugar, com o ambiente, este por possuir limites e possibilidades que podem ser potencializados. A figura das mulheres como agentes que contribuem de forma direta e indireta com o desenvolvimento do território quando auxiliadas pelo princípio do respeito à singularidade, à diversidade, pelo espírito coletivo, pela ajuda mútua, pelas práticas de solidariedade vividas junto às pessoas do lugar.

Diante do exposto no próximo capítulo faço uma análise do protagonismo feminino no desenvolvimento do Semiárido, já que não há registros sobre suas contribuições evidenciando tal realidade.

5 ANÁLISE DO PROTAGONISMO FEMININO NO DESENVOLVIMENTO DO SEMIÁRIDO NORDESTINO A PARTIR DAS DIMENSÕES DA SUSTENTABILIDADE

A proposta de analisar o protagonismo feminino no desenvolvimento do Semiárido brasileiro a partir das dimensões da sustentabilidade é um tanto desafiadora diante do universo feminino e da complexidade que é o território do Semiárido. Para tanto, os resultados da pesquisa apresentam uma melhor compreensão desse território a partir da análise do protagonismo feminino no desenvolvimento do Semiárido.

Utilizei o Diagnóstico Rural Participativo (DRP) como ferramenta principal para chegar aos resultados a análise de gênero, enquanto uma ferramenta de Verdejo (2010), por apresentar elementos decisivos para a construção deste trabalho a partir da proposta do diagnóstico participativo, com o objetivo de analisar as relações de gênero na comunidade com foco no protagonismo feminino e nas dimensões da sustentabilidade para o desenvolvimento do Semiárido.

Dessa forma, este capítulo está organizado em duas importantes seções, além desta breve introdução. A primeira seção com o desenvolvimento das matrizes a partir do DRP: matriz de organização comunitária da comunidade; matriz de distribuição de tarefas entre homens e mulheres; matriz de tomada de decisões; matriz de controle e acesso e mapa de movimento, como instrumentos importantes para a análise. Na segunda seção apresento os resultados de acordo com as dimensões da sustentabilidade como elementos no desenvolvimento da comunidade rural Baixio Grande.

Constitui-se este capítulo para compreender as relações entre homens e mulheres em algumas tarefas, dando visibilidade à real situação das mulheres envolvidas nas mais diversas atividades no meio rural do Semiárido brasileiro e às dimensões como componentes importantes que complementam as relações estabelecidas na comunidade em estudo.

5.1 Matriz de organização comunitária da comunidade rural Baixio Grande, Assaré-CE

Esta matriz funciona como um instrumento na construção de um diagnóstico participativo, com o intuito de abordar todos os elementos que constituem a organização da comunidade em estudo. A atividade aconteceu a partir de uma reunião realizada no dia 18 de maio de 2014 na comunidade, com a participação de homens e mulheres para discutir sobre sua organização, estabelecendo um diálogo e identificando as problemáticas da comunidade

ao ouvir as pessoas. Aonde foram colocadas as definições das Fortalezas: fatores internos que contribuem para o melhor desempenho; Oportunidades: fatores externos que influem positivamente no desenvolvimento organizativo da comunidade, mas que ela não exerce controle sobre esses fatores; Fraquezas: fatores internos que influenciam negativamente sobre o seu desempenho e por último as Ameaças: fatores externos que influem negativamente sobre o desenvolvimento organizativo. (Quadro 01).

Quadro 01 - Matriz de Organização Comunitária da Comunidade Rural Baixio Grande, Assaré-CE

FOFA DA COMUNIDADE RURAL BAIXIO GRANDE NO SUL DO CEARÁ	
FORTALEZAS	OPORTUNIDADES
<ul style="list-style-type: none"> - Acesso à terra; - Três associações formalizadas; - Força de vontade; - Energia elétrica; - Poços e cacimbão; - Criação de gado; - Solos bons; - Criação de ovinos; - Organização comunitária; - Prática de mutirão; - Telefone público; - Igreja; - Produção diversificada; - Projeto de energia solar; - Fundo de quintal produtivo; - Máquinas: trator, ensiladeira, debulhadeira de feijão, máquina de pilar arroz, debulhadeira de milho; - Estrutura física das associações: um galpão; - Reuniões frequentes nas associações; - PSF, com atendimento uma vez por mês, uma agente de saúde nas comunidades. 	<ul style="list-style-type: none"> - Acesso às políticas públicas como: Seguro Safra, Bolsa-família, Bolsa-estiagem, “Pronaf “A, B e C”, Pronaf Mulher; Crédito Fundiário, Programa P1 um milhão de cisternas, Programa P1 + 2 Cisternas Calçadão, de Enxurrada, Brasil sem Miséria, Crediamigo, Barragens subterrâneas; - Acesso a projetos sociais; - As feiras – comercialização de produtos (venda e compra); - Município de Assaré – Programa Nacional de Alimentação Escolar (Pnae); - Oportunizar os jovens a participarem de cursos de capacitações e o acesso à educação.
FRAQUEZAS	AMEAÇAS
<ul style="list-style-type: none"> - Falta de acesso à educação no campo para os jovens se identificarem com a vida campesina; - Estradas em péssimas condições, principalmente em período de chuvas; - Falta de mão de obra; - Falta de assistência técnica; - Escassez de água; - Falta de acesso à internet e às tecnologias; - Falta de capacitações; - Analfabetismo (Jovens e adultos); - Água salgada; - Regularização das terras; - Migração dos jovens para os centros urbanos; - Falta de capital de giro para aquisição de máquinas e equipamentos; - A resistência de alguns associados em desenvolver outras atividades produtivas. 	<ul style="list-style-type: none"> - Período de campanhas eleitorais; - Uso de agrotóxicos; - Desmatamento e queimada; - Competição no mercado, falta de produtos que não possuem agrotóxicos; - A seca.

Fonte: Elaboração própria a partir da pesquisa de campo. Maio, 2014.

De acordo com as conversas, os resultados foram aparecendo na fala das pessoas de forma muito natural, cada um foi se expressando e demonstrando aos poucos as suas necessidades, o seu ponto de vista sobre cada variável apresentada, construindo, assim, a estrutura da matriz, ao colocar suas percepções sobre o que a comunidade tem em relação à sua organização, oportunidades, fraquezas existentes diante o desafio de conviver com a falta de tantas coisas, apesar das mudanças. E assim, apresentaram a sua preocupação com as ameaças.

Conforme Verdejo (2010, p. 39), “as matrizes, em geral, comparam diferentes opções para poder classificá-las, analisá-las, hierarquizá-las ou avaliá-las. Para isto se trabalha com critérios que permitem fazer estas comparações”.

Contudo, as matrizes vêm descrever as atividades dos homens e das mulheres, de um grupo social específico, no caso estudado evidenciando a sua distribuição e dando visibilidade ao trabalho desempenhado pelos mesmos permitindo compreender a dinâmica das relações de gênero no âmbito social, cultural, econômico, ambiental, político e afetivo.

Para tanto a análise da FOFA parte do pressuposto que as variáveis principais dessa matriz são a organização da comunidade no aspecto das associações formalizadas por possuírem uma força em relação aos problemas e à sua posição política. Estas são detentoras de toda uma estrutura apresentada que fortalece a tomada de decisão e a sua própria dinâmica e autonomia. Portanto, vou aqui estabelecer algumas relações a partir da análise da situação estratégica e dos desafios dessas estratégias.

Faço um diagnóstico de análise da FOFA, a partir das ações ofensivas e das ações defensivas, das fortalezas ligadas a oportunidades e ameaças, e das fraquezas ligadas a oportunidades e ameaças.

- a) *Fortalezas versus oportunidades*: a capacidade de ação ofensiva se dá pela variável da comunidade possuir três associações formalizadas, diante da capacidade de ação defensiva da oportunidade da participação em feiras.
- b) *Fortalezas versus ameaças*: a capacidade de ação ofensiva acontece a partir da variável da produção diversificada sendo esta a capacidade de ação defensiva da ameaça da competição no mercado e os produtos não possuem agrotóxicos.
- c) *Fraquezas versus oportunidades*: apresentando aqui a debilidade da comunidade em relação às oportunidades existentes. As fraquezas enquanto debilidades da falta de acesso à educação no campo para os jovens se identificarem com a vida campesina em relação à oportunidade de os jovens participarem de cursos de capacitações e o acesso à educação.

d) *Fraquezas versus ameaças*: aqui foi analisado a variável da escassez de água como uma fraqueza que possui nas ameaças a vulnerabilidade da seca como variável principal.

Perante todas essas questões percebi tamanho desafio para que a comunidade possa se organizar estrategicamente para enfrentar tais situações sem perder o seu posicionamento a médio e longo prazo, posto a sua capacidade de influência e de poder social de realizar sua missão de forma plena.

Esta foi a forma de análise que fiz para compreender a dinâmica, as potencialidades existentes na comunidade como algo de mais específico na sua estrutura, pelo seu diferencial enquanto uma comunidade que apesar das diferenças também faz a diferença.

Nesse momento de construção da FOFA, a participação feminina foi muito importante para estabelecer o diálogo, e assim, compreender o porquê da sua organização.

5.2. Matriz: Distribuição das tarefas entre mulheres e homens

De acordo com Verdejo (2010 p. 45), essa matriz faz parte de uma das técnicas do DRP dentro da análise de gênero, dando ênfase às relações entre homens e mulheres, evidenciando seu trabalho desempenhado e mostrando a dinâmica, os esforços, os intercâmbios, o apoio mútuo e os conflitos entre si. Porém, seu objetivo já foi mencionado na metodologia (VERDEJO, 2010, p. 39).

A atividade realizada a partir de visitas na casa das famílias foi de 08 a 30 de agosto, com a sequência de datas seguintes: 09, 15, 16 e 30 do mesmo mês. A abordagem sempre feita a partir de uma conversa informal, deixando-os à vontade, explicando o objetivo da mesma para obter os resultados da pesquisa, anotando em um roteiro que foi criado para todas as matrizes em questão, com as principais atividades desenvolvidas tanto pelos homens, quanto pelas mulheres.

A matriz tem em sua composição a divisão de tarefas para identificar em qual delas há a participação do homem e da mulher. Para tanto, essa matriz passou por algumas mudanças de adaptação para atender à realidade da comunidade em estudo, sendo esta composta pelas tarefas produtivas como: o trabalho produtivo na agricultura, nas tarefas domésticas, nas atividades socioculturais, nas atividades na hora de folgas e em outras atividades produtivas. Estas são necessárias para obter os resultados a partir das seguintes variáveis: plantação, colheita, criação de gado, ovelhas, galinhas, pegar lenha, pegar água, cuidar das crianças,

participar de trabalhos comunitários, cerimônias, visitas, festas, lazer, administração do dinheiro, compras de insumos e renda.

Quadro 02 – Matriz de distribuição das tarefas entre mulheres e homens

Tarefas	Mulheres		Homens		Total	
	Qte.	%	Qte.	%	Qte.	%
Trabalho Produtivo	26	100	26	100	52	100
*Agricultura						
Plantação	11	42,3	26	100	37	71,2
Colheita	10	38,5	26	100	36	69,2
*Criação de animais						
Ovelhas	0	0	8	30,7	8	15,4
Galinhas	24	92,3	2	7,7	26	50
Porcos	1	3,8	6	23,1	7	13,5
Gado	0	0	12	46,1	12	23,1
*Tarefas domésticas						
Pegar lenha	3	11,5	26	100	29	55,8
Pegar água	0	0	1	3,8	1	1,92
Cuidar das crianças	13	50	5	19,2	18	34,6
*Atividades sócio/culturais						
Trabalho comunitário	13	50	12	46,2	25	48,1
Atividades educativas	17	65,4	16	61,5	33	63,5
Projetos de desenvolvimento	14	53,8	16	61,5	30	57,7
*Atividades na hora das folgas						
Visitas	26	100	26	100	52	100
Lazer/ Festas	24	92,3	24	92,3	48	92,3
*Outras atividades produtivas						
Administração do dinheiro	25	96,2	22	84,6	47	90,4
Compras de insumos	22	84,6	22	84,6	44	84,6
Emprego	25	96,2	23	88,5	48	92,3

Fonte: Elaboração própria a partir da pesquisa de campo. Agosto, 2014.

Esta matriz de acordo com os dados coletados na comunidade apresenta resultados não tão distantes daquilo que já foi mencionado sobre a organização da comunidade, em que a mulher passa a realizar suas tarefas juntamente aos seus parceiros de forma mais participativa. Existe aqui a revelação de um dinamismo entre homens e mulheres, provocando mudanças também na relação homem/mulher, ao demonstrar suas percepções e atitudes a partir de sua participação direta em todas as atividades realizadas.

Observei que das vinte e seis famílias visitadas os resultados diante da perspectiva das tarefas produtivas na agricultura, em relação ao tópico do trabalho produtivo na agricultura a

participação direta da mulher é real, verificando que essa parceria de ajuda mútua homem/mulher ocorre com os casais mais jovens, mesmo ele considerando o seu trabalho como uma “ajuda”, porém a renda é fruto dessa atividade.

Percebi também a participação dos filhos dentro dessa atividade, apesar de não estar implícito na tabela, em conversa com os principais membros da família como atores da pesquisa; fica evidente a divisão de homens e mulheres, intensificando ainda mais a ideia de gênero, em que o menino está sempre junto ao pai e a menina acompanha a mãe. A observação feita acarretou reflexões tanto da minha parte como pesquisadora quanto dos sujeitos pesquisados, ao compreender determinadas práticas e atitudes antes despercebidas.

Na variável *criação de animais* é que há uma participação maior das mulheres por cuidar e criar, principalmente, animais de pequeno porte, como é o caso de galinhas, porcos. Já os homens, ficam a cuidar e criar ovelhas e gado, fato este que evidencia as limitações do trabalho feminino.

Quanto às *tarefas domésticas*, nessas as mulheres continuam a predominar, mesmo diante das mudanças, principalmente, em relação ao acesso à água, que era o elemento mais importante para as mulheres nas atividades do lar, e elas eram responsáveis diretas pela sua manutenção, carregando água na cabeça por muito tempo. Após a chegada da energia e as cisternas, houve redução do trabalho feminino. Contudo, existem alguns trabalhos domésticos que as mulheres não fazem e sim os homens, a exemplo de pegar lenha. Apesar de quase todas as famílias terem o fogão a gás, a maioria ainda cozinha no fogão a lenha. Outra questão é o cuidado com as crianças onde a maior parte é de responsabilidade das mães.

Quanto às *atividades socioculturais* na comunidade, todas as famílias estão envolvidas de forma direta ou indireta com os acontecimentos existentes na comunidade, sobretudo, por intermédio da igreja, onde há festas em comemoração ao dia dos pais, dia das mães, dia das crianças, festa da padroeira, com a sua implementação no ano de 2007, a festa da colheita, esta aconteceu no ano de 2011 e 2012. Em 2013 não houve e aconteceu no ano de 2014, festa esta que envolve outras comunidades vizinhas, denominadas pela diocese como setor 10 constituída pelas comunidades de Baixio Grande, Baixa Queimada, Izar e o Charcão. Em todas as festas realizadas há a participação de todos, sendo que a organização fica por conta das mulheres, assim como as cerimônias de casamentos, batizados entre outros.

Ainda na perspectiva social, outra observação foi em relação às horas de folga, ficando clara a relação que as pessoas têm umas com as outras de visitas aos familiares, participação em todos os eventos da comunidade.

Em relação aos *projetos de desenvolvimento*, a comunidade possui uma participação efetiva nos mesmos, pois das 26 famílias 12 estão envolvidas diretamente como beneficiárias com uma diversidade produtiva com a produção de leite, queijo de coalho, queijo de manteiga, porcos, ovelhas, gado, hortifrutos, galinhas e doces.

Os projetos são financiados pelos Programas Crediamigo, Agroamigo, Pronaf A e B e pela Secretaria de Desenvolvimento Agrário (SDA), impulsionando assim o desenvolvimento local. E a participação efetiva das mulheres é real nessas atividades produtivas de acordo com a linha de crédito acessada.

Por fim, essa matriz aborda outras atividades produtivas relacionando com a administração da renda, onde 6 das 26 famílias possuem uma administração da renda nas mãos dos homens, isso entre os casais mais antigos que carregam consigo uma ideia conservadora de que todos os negócios envolvendo a questão financeira é o homem quem administra.

Houve mudanças significativas ao longo desses últimos dez anos a partir do momento em que as mulheres passam a acessar algumas políticas públicas, inclusive, o Programa Bolsa-Família (PBF), sendo este para muitas mulheres a primeira oportunidade de gerenciar seu próprio dinheiro.

Um dado interessante foi a maioria administrar o dinheiro de maneira compartilhada, a partir do diálogo, e pensando na sua atividade produtiva como a fonte de renda para o sustento da família. Essa realidade permeia o ambiente dos casais mais jovens na comunidade.

Outra questão é a autonomia que as mulheres conseguiram conquistar passando a exercer um papel importante em atividades independentes de seus maridos, conseguindo a sua própria renda. Ao perguntar se havia mudado a relação familiar a maioria delas respondeu que sim e pra melhor, principalmente, com os maridos, agora passaram a ter mais diálogo, a combinar o que pretende fazer e eles até ajudam na tomada de decisão em relação à atividade que elas escolhem.

Nas *tarefas domésticas* a atuação da mulher como principal responsável pelas atividades do lar como: lavar roupa, cozinhar, passar, varrer terreiro, lavar a casa entre outras, buscar água, somente um casal ainda pratica essa realidade por não ter cisterna em casa.

Porém, a busca pela água hoje é uma realidade bem diferente, pois, antes era a primeira atividade doméstica quando não existia água encanada ou cisternas, pois, com o acesso à água tudo ficou mais fácil para a mulher diminuindo consideravelmente sua jornada de trabalho e contribuindo para sua melhoria de vida.

O trabalho do homem no que diz respeito aos serviços domésticos se resume a pegar lenha, porque as famílias ao adquirir o fogão a gás diminuiu muito o uso do fogão a lenha. Outra questão é o cuidado com os filhos, essa função se restringe basicamente às mães.

Nessa matriz observei o quanto as mulheres passaram a exercer sua participação nos diversos espaços a partir do seu envolvimento com várias experiências, a principal delas, com a prática do associativismo, esta responsável pelo seu desenvolvimento pessoal e profissional.

Assim, a relação dessas mulheres com as políticas públicas proporcionou novas oportunidades, dando-lhes possibilidade de se descobrir enquanto um ser que pode atuar em qualquer espaço. Porém, o acesso às políticas públicas trouxe-lhes uma nova relação consigo mesma e com a família.

5.2.1 As mulheres e o acesso às políticas públicas. O que mudou na sua vida e na relação familiar?

Neste tópico relaciono todas as políticas públicas existentes na comunidade, e como as mulheres acessam as mesmas.

Iniciando pelo *Programa de Agentes Comunitários de Saúde (PACS)*, existente na comunidade desde o ano de 1994 e efetivamente instituído e regulamentado em 1997, o PACS tem sido uma estratégia no aprimoramento e na consolidação do Sistema Único de Saúde, a partir da reorientação da assistência ambulatorial e domiciliar, sendo atualmente compreendido como tática transitória para o Programa Saúde da Família (PSF). Esse programa mudou a vida das pessoas em vários aspectos, desde a prevenção de doenças, a higiene pessoal, a questão do cuidado com a moradia, o cuidado com o destino do lixo, com o tratamento da água para consumo humano, cuidados com as fezes e urinas, entre outros. E para finalizar sobre esse tópico, a profissional responsável por esse trabalho é uma mulher.

O *Programa Bolsa-Família (PBF)* é um programa de transferência direta de renda que beneficia famílias em situação de pobreza e de extrema pobreza em todo o país. O PBF integra diversos planos relacionados à assistência para compra de gás, manutenção de estudantes na escola, dentre outros. Estes conseguem reduzir a pobreza, atingindo milhões de pessoas garantindo renda, inclusão produtiva e acesso aos serviços públicos. Na comunidade, as trinta famílias já chegaram a acessar esse programa que tem dado suporte financeiro, visto que a maioria obtém renda apenas da agricultura de subsistência. O PBF nos anos consecutivos de secas 2011-2014 passou a ser, para algumas famílias, a única fonte de renda.

Ao fazer o levantamento de dados sobre o PBF, no momento da pesquisa, 15 das 26 famílias eram beneficiárias. No entanto, os dados cadastrais obtidos da agente de saúde apontavam as 30 famílias como beneficiárias. Isso se deve ao dinâmico movimento de entrada e saída de beneficiários no Programa, ligado a vários fatores. Por exemplo, ao atingirem os 17 anos de idade, época em que concluem o ensino médio, os adolescentes deixam de ser beneficiários do programa. Outra questão é a melhoria da condição financeira de algumas famílias ao acessar outras políticas públicas, melhorando sua renda.

Outro programa que tem ajudado muito os agricultores é o *Programa Garantia Safra*, as mesmas acessam desde 2010. O mesmo foi criado pela Lei 10.420, de 10 de abril de 2002, o Fundo Garantia Safra está vinculado ao Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA) e objetiva garantir condições mínimas de sobrevivência aos agricultores familiares de municípios sistematicamente sujeitos à perda de safra em razão do fenômeno de estiagem ou excesso hídrico, situados na área de atuação da Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste (SUDENE).

O Programa Bolsa Estiagem (PBE) ou Auxílio Emergencial segundo o MDS, é um benefício federal instituído pela Lei Nº 10.954, de 29 de setembro de 2004 com o objetivo de assistir famílias de agricultores familiares com renda mensal média de até 2 (dois) salários mínimos, atingidas por desastres no Distrito Federal e nos municípios em estado de calamidade pública ou em situação de emergência reconhecidos pelo Governo Federal, mediante portaria do Ministro de Estado da Integração Nacional.

O Auxílio é de R\$ 400 (quatrocentos reais) por família transferida em até cinco parcelas de R\$ 80,00 (oitenta reais). Na comunidade algumas famílias começaram a ter acesso no ano de 2012.

Na comunidade, duas famílias foram beneficiadas no ano de 2014 com o Plano Brasil Sem Miséria (BSM), instituído pelo Governo Federal em 2 de junho de 2011, lançado por meio do Decreto nº 7.492, com o objetivo de superar a extrema pobreza até o final de 2014, este sendo executado por duas mulheres com a criação de galinha. Com isso, têm acesso ao Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE), no município de Assaré. Levam em média 70kg de frango por mês para o PNAE, sendo esta uma fonte considerável para a realidade da comunidade. As mulheres envolvidas falaram que é uma renda muito importante para o sustento da sua família. São mulheres casadas e com filhos cuja renda anterior era somente da venda do excedente da agricultura de subsistência, passando muitas dificuldades, sobretudo no período de seca que nos últimos anos vem afligindo a comunidade.

Foto 11 e 12 - Programa Brasil sem Miséria com a produção de galinhas



Fonte: Elaboração própria a partir da pesquisa de Campo. Agosto, 2014.

O PNAE, instituído pela Lei nº 11.947/2009, prevê o uso de 30% dos recursos passados pelo Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE) para a alimentação escolar, na compra de alimentos da agricultura familiar para serem servidos nas escolas da rede pública de ensino (MDA, s.d.).

Esse programa contribui para o crescimento, desenvolvimento, aprendizagem, rendimento escolar dos estudantes e para a formação de hábitos alimentares saudáveis, por meio da oferta da alimentação escolar e de ações de educação alimentar e nutricional. Esta vem colaborar com as famílias por beneficiar de forma direta e indireta os sujeitos da comunidade desde 2011, nas escolas municipais e estaduais instaladas em Assaré.

São atendidos pelo Programa os alunos de toda a educação básica (educação infantil, ensino fundamental, ensino médio e educação de jovens e adultos) matriculados em escolas públicas, filantrópicas e em entidades comunitárias (conveniadas com o poder público), por meio da transferência de recursos financeiros.

O Programa Cisternas foi instituído pelo Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome (MDS), por meio da Secretaria Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional (SESAN). Desde 2003 financia a construção de cisternas de placas de cimento, principalmente no Semiárido brasileiro. Trata-se de uma tecnologia simples e de baixo custo, na qual a água da chuva é captada do telhado por meio de calhas e armazenada em um reservatório de 16 mil litros, capaz de garantir água para atender uma família de cinco pessoas em um período de estiagem de aproximadamente oito meses.

O Programa um milhão de cisternas (PIMC) tem como objetivo contribuir, por meio de um processo educativo, para a transformação social, visando à preservação, acesso, gerenciamento e valorização da água como um direito essencial à vida e da cidadania, ampliando a compreensão e a prática da convivência sustentável e solidária com o ecossistema do Semiárido (KUSTER; MARTI, 2009, p. 49).

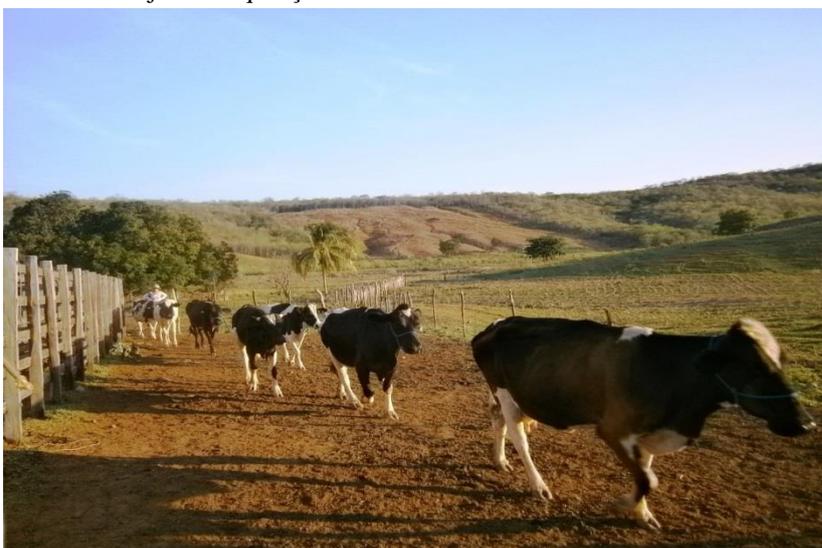
A realidade do Semiárido brasileiro após a implementação dessa tecnologia social é extremamente diferente de alguns anos atrás e na comunidade rural do Baixo Grande não é diferente. Apesar de ser uma implementação recente no início do ano de 2014, todas as cisternas encheram, e essa água contribuiu para a melhoria da qualidade de vida da população local. Isto porque já se enfrentavam problemas de água muito salgada para o consumo, pois os anos de seca dificultaram ainda mais o acesso à água de qualidade para o consumo humano.

Foto 13 – Programa Água para Todos - Cisternas de Placas



Fonte: Elaboração própria, a partir da pesquisa de campo. Maio 2014.

Foto 14 – Projeto de aquisição de vacas leiteiras / assentamento Irmãos Brasil



Fonte: Elaboração própria a partir da pesquisa de campo. Maio 2014.

O *Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (PRONAF)* tem como objetivo o apoio financeiro a atividades agropecuárias ou não agropecuárias, para implantação, ampliação ou modernização da estrutura de produção, beneficiamento,

industrialização e de serviços, no estabelecimento rural ou em áreas comunitárias rurais próximas, de acordo com projetos específicos. Destina-se a promover o aumento da produção e da produtividade e a redução dos custos de produção, visando à elevação da renda da família produtora rural. Na comunidade o acesso é desde 2010. Nesse programa uma mulher da comunidade acessou o Pronaf A por ser beneficiária direta do assentamento rural, contudo, a maioria do acesso é pelos homens.

Criado em 2005, o *Agroamigo* é o Programa de Microfinança Rural do Banco do Nordeste, operacionalizado em parceria com o Instituto Nordeste Cidadania (INEC) e o (MDA). Em nove anos de atuação, tornou-se o maior programa de microfinança rural da América do Sul. O mesmo tem como proposta melhorar o perfil social e econômico do agricultor (a) familiar do Nordeste e norte de Minas Gerais, atendendo, de forma pioneira no Brasil, a milhares de agricultores(as) familiares, enquadrados no PRONAF, com exceção dos grupos A e A/C, com atuação do assessor de Microcrédito Rural, e sua capacidade de avaliação do cliente, considerando as intenções e potencialidades e incentivando o desenvolvimento de atividades produtivas agropecuárias e não agropecuárias.

Já o *Crediamigo*, criado em 1998, fez do BNB o primeiro banco público do Brasil a ter um modelo de atuação voltado exclusivamente para o microcrédito. O Programa é operacionalizado pelo INEC, e tem o objetivo de facilitar o acesso ao crédito a milhares de empreendedores pertencentes ao setor formal ou informal, que desenvolvem atividades relacionadas à produção, comercialização de bens e prestação de serviços.

O *Crediamigo* faz parte do Crescer - Programa Nacional de Microcrédito do Governo Federal - uma das estratégias do Plano Brasil Sem Miséria para estimular a inclusão produtiva da população extremamente pobre. O Programa estimula a formação de grupos solidários, no qual todos respondem pelo crédito, sendo cada empreendedor avalista do outro. Seis famílias na comunidade do Baixio Grande têm acesso aos dois programas a partir de 2010, agropecuários (*Agroamigo*) para criação de ovelhas, gado, porcos e capotes, assim como a aquisição de capim e ração para sustentar essa cadeia produtiva e participar de forma efetiva da comercialização e prestação de serviços. O *Crediamigo* é acessado para desenvolver as atividades de crediário, a produção de doces, de queijo, entre outros.

Em 2008 a comunidade Baixio Grande em Assaré-CE foi beneficiada com o Projeto de Energia Solar para Irrigação, promovido pelo Estado do Ceará, através da SDA. O Projeto visou realizar convênios de cooperação técnica e financeira com quatro associações de produtores rurais para implantação de projetos demonstrativos com a tecnologia de geração de energia não convencional, através do aproveitamento solar, para acionamento de eletrobomba

em locais onde tenha água em quantidade e qualidade suficiente, e distante de linhas de transmissão e distribuição de energia elétrica, proporcionando, assim, condições de produzir alimentos, com vista à melhoria de vida dos agricultores (as) de base familiar beneficiários do projeto e segurança alimentar; estes passaram a relacionar-se diretamente à rede de políticas públicas do programa do PAA.

Foto 15 e 16 – Projeto de Hortifrútiis / Assentamento Rural Irmãos Brasil



Fonte: Elaboração da própria autora. Fevereiro e Dezembro, 2010.

Em 2007 o acesso à terra torna-se realidade a partir do Programa Nacional de Crédito Fundiário (PNCF)⁸, ao beneficiar seis famílias na comunidade, como a melhor alternativa para os envolvidos na obtenção da terra. Essa forma de aquisição da terra só foi possível pela organização da comunidade do Baixio Grande em Assaré, Ceará.

Foto 17 e 18 - Áreas do Assentamento Rural Irmãos Brasil – Construção de Casas para moradia e de um Aprisco para criação de ovelhas



Fonte: Arquivos do Assentamento, 2010.

⁸ O Programa Nacional de Crédito Fundiário (PNCF) oferece condições para que os trabalhadores rurais sem terra ou com pouca terra possam comprar um imóvel rural por meio de um financiamento.

Ficam evidentes os efeitos das políticas públicas na comunidade, que resultam da participação efetiva dos atores nos projetos existentes, como: de energia solar (hortifrutas), dentro do Assentamento Rural Irmãos Brasil, a partir do Crédito Fundiário, a criação de ovinos, a produção de laticínios, fortalecendo as relações interpessoais e comerciais ao participar da política do PAA, criando um processo de interação de redes entre os atores locais e as políticas públicas que se estabelecem no território em estudo.

Quadro 03 – Acesso da comunidade rural Baixio Grande às políticas públicas

OS ATORES DA COMUNIDADE E O ACESSO AS POLÍTICAS PÚBLICAS											
Políticas públicas: que políticas?											
ATORES	PACS	PBF	P1MC	PRONAF	PAA	PNCF	PBE	PGS	BSM	CRED	AGRO
A- H/M	X	X	X		X		X	X	X		X
B- H/M	X		X								
C- H/M	X		X	X		X					
D- H/M	X	X	X				X	X			
E- H/M	X										
F- H/M	X		X	X	X	X	X	X			
G- H/M	X		X								
H- H/M	X	X	X				X	X		X	
I - H/M	X	X	X	X	X	X					
J- H/M	X		X			X	X	X			
K- H/M	X	X	X				X	X			X
L- H/M	X	X	X				X	X			
M- H/M	X	X	X				X	X			
N- H/M	X		X				X	X			
O- M	X		X				X	X			
P- H/M	X	X	X				X	X			
Q- H/M	X	X	X				X	X		X	X
R- H/M	X		X				X	X			
S - H	X		X					X			
T- M	X	X	X					X			
U- H/M	X	X	X	X			X	X			
V- H/M	X		X				X	X			
W- M	X		X					X			
X- H/M	X	X	X	X			X	X			
Y- H/M	X	X	X				X	X			
Z- H/M	X	X	X	X			X	X			
A1-H/M	X	X	X	X			X	X		X	X
A2-H/M	X	X	X	X			X	X	X		X
A3-M	X		X	X	X	X					

Fonte: Elaboração própria a partir da pesquisa de campo. Agosto, 2014.

Legenda:

Homem (H) - Mulher (M)

Programa de Agentes Comunitários de Saúde (PACS)

Programa Bolsa-Família (PBF)

Programa um Milhão de Cisternas (P1MC)

Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (PRONAF)

Programa de Aquisição de Alimentos (PAA)

Programa Nacional de Crédito Fundiário (PNCF)

Programa Bolsa-Estiagem (PBE)

Programa Garantia Safra (PGS)

Plano Brasil Sem Miséria (BSM)

Crediamigo

Agroamigo

Acessar as políticas públicas passa a ser uma realidade nesse território, provocando mudanças significativas na vida dos atores da comunidade rural Baixio Grande, Assaré-CE.

Portanto, nota-se que as redes de políticas públicas têm de fato promovido benefícios à comunidade, assim como para todas as famílias que são beneficiadas, inclusive, as mulheres que ao acessar tais políticas, passam a ter melhor qualidade de vida e melhoria na relação familiar. São notáveis as relações estabelecidas com o território e os atores, suscitando novas possibilidades e novos desafios perante as alternativas locais e fora desse território que não possui mais limite, por estar interagindo diretamente com o mundo externo através das redes de políticas públicas.

Contudo, para entender sobre o acesso às políticas públicas, a matriz de controle e acesso vem nos dar mais uma resposta a essa questão.

5.3 Matriz de controle e acesso

De acordo com o DRP (VERDEJO, 2010, p. 50), esta matriz tem o propósito de identificar o controle e o acesso sobre os recursos e benefícios utilizados por essas famílias e como elas conseguem gerenciar esse controle ao possuir autoridade para decidir sobre uso dos recursos diante da oportunidade de utilizá-los sem ter autoridade para decidir. Seu objetivo principal é compreender a gestão dos recursos e benefícios de maneira diferente entre homens e mulheres dentro de casa. A mesma traz consigo os seguintes recursos para que as pessoas possam desenvolver suas atividades: terra própria, terra arrendada, água, renda, produção agrícola, educação, filhos, trabalhos e a participação comunitária. São elementos estruturantes dessa matriz que caracteriza a realidade das famílias na comunidade em relação ao controle e acesso de benefícios entre homens e mulheres.

Quadro 04 – Matriz de controle e acesso

RECURSOS	CONTROLE				ACESSO			
	HOMEM		MULHER		HOMEM		MULHER	
	Quant.		Quant.		Quant.		Quant.	
Terra própria	17	77%	14	56%	17	77%	16	64%
Terra arrendada	5	23%	1	4%	5	23%	1	4%
Água	22	100%	25	100%	22	100%	25	100%
Receitas (renda)	22	100%	23	88%	22	100%	24	96%
Produção agrícola	22	100%	5	20%	22	100%	25	100%
Educação	20	91%	23	92%	20	91%	23	92%
Filhos	22	100%	25	100%	22	100%	25	100%
Trabalhos	22	100%	25	100%	22	100%	25	100%
Participação comunitária	20	91%	24	96%	22	100%	25	100%

Fonte: Elaboração própria a partir da pesquisa de campo. Agosto, 2014.

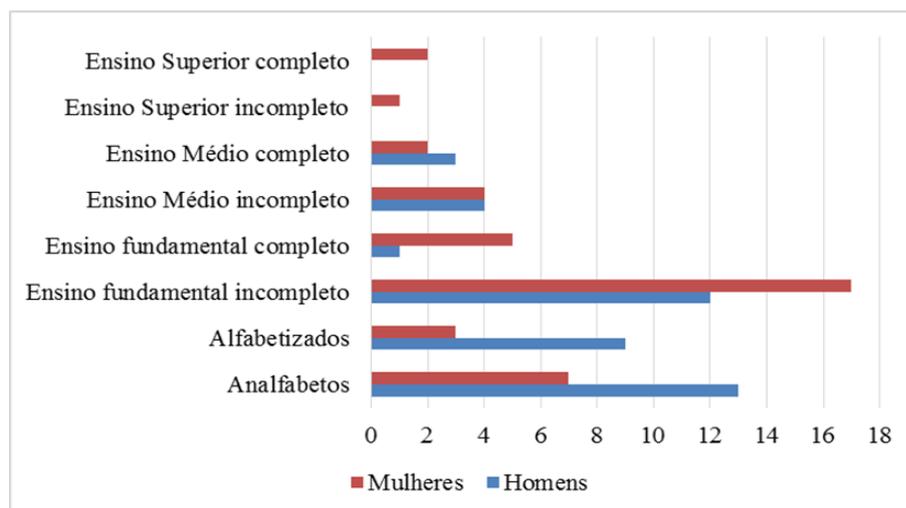
Início pelo recurso da *terra própria*, que na maioria das vezes fica a critério dos homens, já que eles são responsáveis em negociar, porém não possuem o controle sozinhos porque as mulheres passaram a participar mais das tomadas de decisão. Das 26 famílias, 21 já possuem sua terra própria, não em função da organização da comunidade, mas pelo fato de as terras serem de herança, onde 6 famílias obtiveram a aquisição da terra pelo PNCF, as demais uma minoria vivem de *terras arrendadas*.

Outra realidade evidenciada é o *potencial hídrico* das áreas produtivas na comunidade, pela disponibilidade de áreas de baixio que é uma larga extensão de terras, onde os riachos passam, onde tem um açude de pequeno porte, porém com os anos de secas consecutivas de 2012, 2013 e 2014 o açude secou, mas os poços que estão cavando na área de baixio têm boa vasão, sendo estes responsáveis pela minimização da falta de água. O acesso e controle sobre esse item por homens e mulheres são de igualdade.

Quanto à *renda*, tanto os homens quanto as mulheres passaram a ter acesso e controle sobre o que ganham; em alguns casos isolados é que a mulher ou o homem se responsabiliza totalmente pelos benefícios recebidos.

Em relação à *produção agrícola* os homens é que possuem maior controle já que o acesso é a oportunidade, então todos podem ter acesso. A *educação*, os mesmos tiveram controle e acesso até o momento de decidir parar de estudar, pois a falta de escola na própria comunidade também é um fator que dificulta a continuidade dos estudos, pois se deslocar para outros locais torna-se inviável diante de vários fatores, entre eles a questão da idade e, até mesmo, a dificuldade de retornar aos estudos. A maioria dos casais sequer concluíram o ensino fundamental completo, sendo esta uma dificuldade enfrentada por eles até mesmo na hora de dar assistência aos filhos que estão na escola.

Gráfico 03 - Perfil de escolaridade da comunidade rural Baixio Grande, Assaré-CE



Fonte: Elaboração própria a partir da pesquisa de campo. Agosto, 2014.

Esta figura revela o grau de dificuldade das pessoas em relação aos estudos, em um número de 42 homens e 41 mulheres, fragilizando essas pessoas também, no que se refere ao controle sobre seus estudos pelas possibilidades até certo tempo de suas vidas. O acesso existe, porém já descrevi as principais dificuldades para dar continuidade.

Contudo, as pessoas com menor faixa etária de idade que ainda estão cursando o ensino fundamental também enfrentam dificuldades para ir à escola ao realizar o movimento de migração pendular⁹, ao sair da comunidade diariamente, para ter acesso à educação, enquanto que a maioria da população já deixou de estudar.

Outro ponto na matriz são *os filhos*, hoje com uma realidade bem diferente, pois, os pais mesmo com suas dificuldades são os responsáveis diretos pelos seus filhos; por isso o controle e o acesso sobre os mesmos, mesmo as mulheres ainda sendo totalmente responsáveis por eles em todos os aspectos. Contudo, essa realidade fica expressa de acordo com os dados obtidos sobre o nível de escolaridade das pessoas da comunidade.

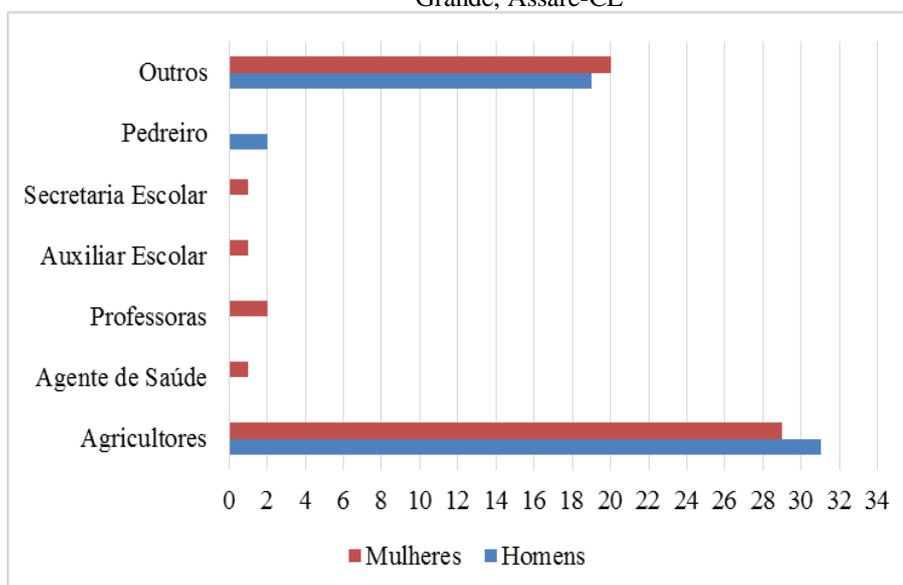
Quanto ao *trabalho*, percebi que há um controle e um acesso hoje diferente de anos atrás na realidade da comunidade, homens e mulheres passaram a possuir novas alternativas de trabalho e com isso mudou a sua relação com ela mesma, com o marido e com os filhos.

Há uma mudança significativa em relação às atividades produtivas hoje na comunidade, a partir do envolvimento das pessoas em projetos e acesso às políticas públicas, ao crédito, viabilizando novas possibilidades de trabalho, a começar pela sua autonomia diante do que produzir; atividades em que as mulheres passaram a investir e hoje possuem sua renda própria.

⁹ É aquela migração onde as pessoas fazem o movimento de sair do lugar em um período do dia e retornam em outro período no mesmo dia.

Outra questão é a *participação comunitária*, onde por muito tempo o homem era quem de fato participava ativamente, enquanto que a mulher ficava nos afazeres domésticos, fora dos espaços comunitários. Essa realidade mudou a partir da participação efetiva da mulher nos mais diversos espaços, ela se apresenta como agente promotora de atividades ou como participante ativa, seja em associações, na igreja e em outros espaços com maior autonomia. Essa mudança foi possível pelo acesso a algumas políticas públicas, sendo a primeira política do Programa Bolsa-Família (PBF), que é um programa de transferência de renda que viabilizou a mulher a sentir-se responsável pelo controle e acesso financeiro; a partir desse programa, ela começou a gerenciar essa renda e isso foi muito importante para que ela descobrisse que é possível sua independência financeira.

Gráfico 04 – Distribuição profissional da população masculina e feminina da Comunidade rural Baixio Grande, Assaré-CE



Fonte: Elaboração própria a partir da pesquisa de campo. Agosto, 2014.

Os resultados sobre a questão profissional/trabalho mostra certa diversidade apesar de a maioria de homens e mulheres atuarem como agricultores (as) pela seguridade social. No entanto, a mulher se destaca na maioria das profissões apresentadas, realidade esta relacionada ao seu nível de escolaridade influenciando diretamente na sua vida profissional, assim como no seu poder de decisão de acordo com a realidade em que vivem na comunidade, matriz esta que apresento em seguida.

5.4 A matriz de tomada de decisão

Esta matriz de acordo com sua definição no capítulo 2 da metodologia apresenta aqui, os resultados para uma melhor compreensão sobre as tomadas de decisões em relação aos aspectos sociais e econômicos, com ênfase no poder de compra e participação, onde se coloca a tomada de decisão em relação à compra de objetos duráveis como móveis, equipamentos e outros.

Observar, principalmente, a participação das mulheres na tomada de decisão. Neste caso, presentes em casos que envolvem as questões domésticas no caso de móveis, onde a decisão geralmente é da mulher; quanto aos equipamentos para a roça, por exemplo, o homem é quem decide, e quanto aos *objetos pessoais*, as mulheres ainda permanecem como maioria para decidir.

Na compra de *propriedades*, é uma decisão tomada por 36% dos homens, aqui implica as decisões referentes apenas a quem possui a terra. A mulher geralmente fica fora dessa decisão. Quanto à *venda de animais*, 77% da decisão é dos homens, enquanto que a mulher participa em relação à negociação de animais de pequeno porte no caso da comercialização de galinhas. Quanto aos *estudos dos filhos*, há certo equilíbrio nas decisões pela responsabilidade para com os mesmos, aqui prevalece a decisão em conjunto, porém a responsabilidade maior fica com as mães.

Quadro 05 – Matriz de tomada de decisão da comunidade rural Baixio Grande

DECISÕES	QUEM DECIDE?			
	HOMEM		MULHER	
	Quant.		Quant.	
Compra de objetos (Estufas, móveis...)	22	100%	24	96%
Comprar propriedades	8	36%	2	8%
Comprar e vender animais	17	77%	9	36%
Estudos dos filhos	11	50%	14	56%
Tarefas domésticas	2	9%	25	100%
Participar da igreja	18	82%	24	96%
Participação em associações	16	73%	10	40%
Comprar roupas e sapatos – objetos pessoais	15	68%	25	100%

Fonte: Elaboração própria a partir da pesquisa de campo. Agosto, 2014.

Nas *tarefas domésticas*, 100% das mulheres se responsabilizam e tomam as decisões praticamente sozinhas. Quanto à *participação na igreja* há um equilíbrio, pois a religiosidade é uma cultura muito forte na comunidade. A *participação em associações*, percebi um número considerável de mulheres, cerca de 40%; mesmo os homens ainda sendo a maioria, essa

participação é explicada pela fundação de três associações na comunidade desde o ano de 1998, com o surgimento da primeira associação, esta com participação somente dos homens. Em 2007 surgem mais duas associações, uma constituída apenas de mulheres e outra mista, quebrando as barreiras do distanciamento entre homens e mulheres, apesar de a igreja ser para essas mulheres a primeira referência de participação comunitária e de grupo.

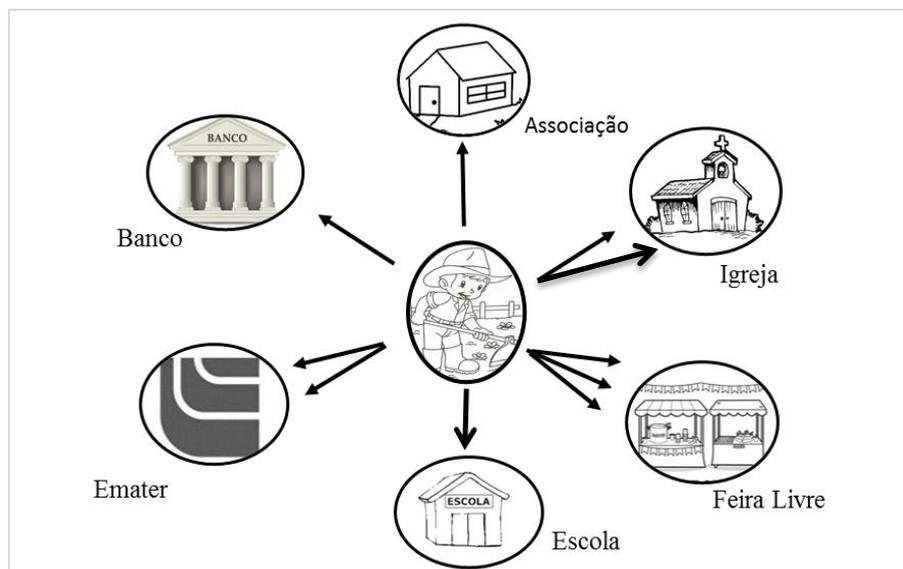
Entretanto, a tomada de decisão tem mudado as relações entre homens e mulheres na comunidade, estabelecendo certo equilíbrio e confirmando mudanças significativas na vida dessas pessoas a partir da oportunidade de acesso às políticas públicas, inclusive, pelo envolvimento com a prática do associativismo.

5.4.1 Mapa de movimentos de homens e mulheres

Ao expor sua finalidade no capítulo 2 da metodologia aqui, faço um detalhamento desses movimentos com a intenção de mostrar a participação feminina nesse mapa, como elas atuam e quais suas principais necessidades, com foco no movimento do campo à cidade e dentro da própria comunidade, para compreender como eles (homens e mulheres) acessam os serviços de banco, associação, igreja, escola, feiras livres (espaço de compra e venda) e a participação na EMATERCE.

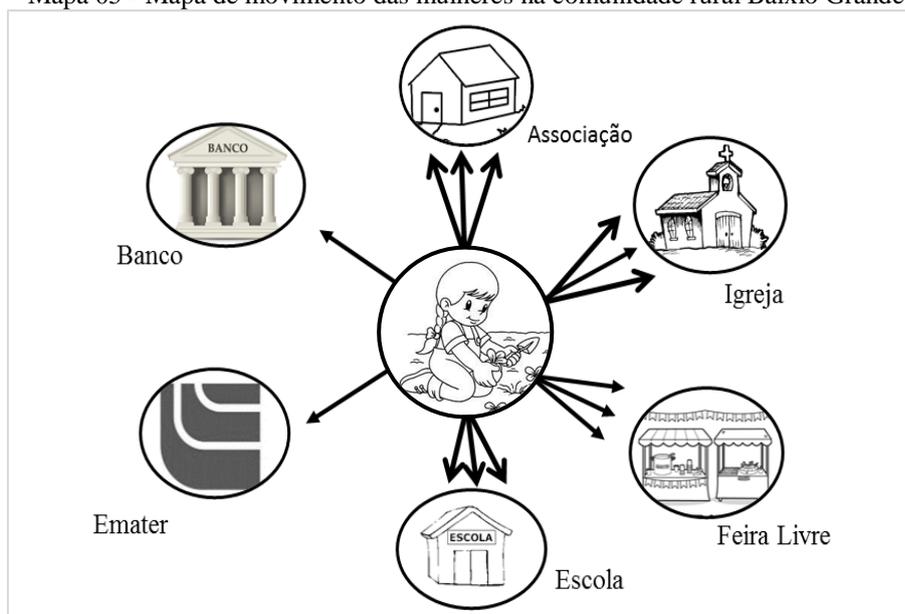
As setas indicam a quantidade de vezes em que os mesmos frequentam esses lugares ao mês, variando de uma vez até três vezes, observando que esses mapas foram criados com as 26 famílias e a coleta de informações ocorreu sem a participação dos filhos.

Mapa 04 - Mapa de movimento dos homens na comunidade rural Baixio Grande



Fonte: Elaboração própria a partir da pesquisa de campo. Agosto, 2014.

Mapa 05 - Mapa de movimento das mulheres na comunidade rural Baixio Grande



Fonte: Elaboração própria a partir da pesquisa de campo. Agosto, 2014.

Observando os mapas eles apresentam resultados: um que diferencia claramente as necessidades de homens e mulheres ao se locomoverem e, assim, seus interesses individuais e coletivos. Outra realidade é a participação das mulheres em diferentes espaços de maneira mais efetiva que os homens.

O movimento nas *associações* já que a comunidade possui três, aqui dou visibilidade à participação das mulheres nas mesmas. As associações surgem a partir da associação dos pequenos produtores rurais sendo a primeira fundada no ano de 1998, enquanto que as outras duas são fundadas no ano de 2007, uma associação das artesãs de palha de milho, atualmente desativada, por falta de matéria-prima (advinda da produção de milho) e a outra é a associação do assentamento Irmãos Brasil. A primeira, constituída apenas com a participação dos homens e há uma reunião sempre no último domingo do mês, a do artesanato, hoje desativada, mas quando ativa as mulheres tinham encontros três vezes por mês; e da associação do assentamento, uma associação mista, porém com a participação de uma mulher apenas, acontece suas reuniões uma vez ao mês, quando necessário; tem meses que são mais vezes.

Em relação a ir ao *banco*, geralmente, os mesmos só fazem esse movimento uma vez por mês quando recebem seus salários de aposentadorias ou de alguns benefícios. Ir a *Emater*, órgão este voltado para os agricultores rurais, que antes atendia mais ao público masculino, hoje na comunidade as mulheres também a procuram e até participam efetivamente de reuniões, de capacitações quando tem. É o caso de Adriana já que ela é

presidente da associação do artesanato e do assentamento, ela sempre está em contato e participando, principalmente quando está elaborando os projetos. E a maioria das mulheres agora possui a Declaração de Aptidão ao Pronaf (DAP), documento este, necessário para acessar o PRONAF.

Quanto à *escola*, as setas indicando um movimento maior das mulheres é que algumas ainda continuam estudando, já os homens praticamente, essa seta é referente ao ano de 2001, com a Educação de Jovens e Adultos (EJA) onde a maioria fez o retorno à escola, porém o projeto só funcionou nesse ano. Já as mulheres, algumas se deslocam da comunidade para dar continuidade a seus estudos.

Ir à *feira* (espaço de compra e venda), para eles ir na segunda-feira, que é o dia principal da feira na cidade, é algo necessário, principalmente, para os homens, pois é nesse espaço de negociação de compra e venda de animais que eles estabelecem relações e se apresentam como homens de negócio; as mulheres também estão indo a esses espaços, é no dia de fazer a feira para casa, ou é o dia principal de levar seus produtos também para vender, no caso do queijo, das verduras. Então é um movimento que acontece em uma média de três vezes por mês.

E, por fim, ir à *igreja*, a mulher faz mais vezes esse percurso, para tirar o terço, para rezar as novenas, Natal em Família; essa prática acontece a partir da visita à casa de cada família; a celebração da Páscoa, em todos os dias da páscoa acontecem as celebrações; ainda tem a celebração da missa uma vez por mês. Os homens participam mais das missas e tem também o terço dos homens; então, os que participam vão em média duas vezes por mês.

Finalizo essa descrição e ao observar todo este trabalho, percebo a riqueza de tudo isso e, então, vou discorrer sobre as dimensões da sustentabilidade como elementos importantes que se apresentam a partir da articulação e do envolvimento dessas pessoas da comunidade com as mesmas, fazendo uma ligação direta ao nosso objeto de investigação: “sustentabilidade e protagonismo feminino no Semiárido”, influenciando a comunidade de forma direta e indireta.

5.5 As dimensões da sustentabilidade como elementos no desenvolvimento da comunidade rural Baixio Grande, Assaré-CE

Falar em desenvolvimento sustentável e não falar em sociedade é algo impossível, sendo este termo sustentabilidade ligado ao social extremamente complexo. O desenvolvimento sustentável procura integrar e harmonizar as ideias e conceitos relacionados

ao crescimento econômico, à justiça e ao bem-estar social, à conservação ambiental e à utilização racional dos recursos naturais.

Para tanto, a comunidade rural Baixio Grande desenvolve práticas que contemplam o desenvolvimento sustentável, a partir das dimensões da sustentabilidade: sociocultural, ambiental, econômica, político-institucional e afetiva, complementando a discussão acerca da sustentabilidade.

Apresento os indicadores de sustentabilidade na comunidade rural Baixio Grande a partir da perspectiva das dimensões citadas, definindo os indicadores e suas variáveis, norteando os resultados como aspectos identificados de acordo com as observações realizadas em campo. Assim, estabeleço um diálogo, evidenciando as especificidades da comunidade em cada dimensão descrita, relacionando com o protagonismo feminino no desenvolvimento do Semiárido.

A partir do lançamento do conceito do desenvolvimento sustentável em meados da década de 1980 e sua popularização após a Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento (Rio-92), um dos principais desafios para quem discute a temática do desenvolvimento sustentável é desenvolver instrumentos para sua mensuração, pois estes também seriam instrumentos essenciais para guiar a ação e subsidiar o acompanhamento e a avaliação do progresso alcançado rumo ao desenvolvimento sustentável. Tayra e Ribeiro (2006) mencionam que a construção de Indicadores de Desenvolvimento Sustentável não é uma iniciativa isolada:

É inspirada no movimento internacional, liderado pela Comissão para o Desenvolvimento Sustentável – CSD - das Nações Unidas, que reuniu, ao longo da década de 1990, governos nacionais, instituições acadêmicas, organizações não governamentais, organizações do sistema das Nações Unidas e especialistas de todo o mundo. Este movimento, deflagrado a partir de 1992, pôs em marcha um programa de trabalho composto por diversos estudos e intercâmbios de informação, para concretizar as disposições dos capítulos 8 e 40 da Agenda 21, que tratam da relação entre meio ambiente, desenvolvimento sustentável e informações para a tomada de decisões (TAYRA; RIBEIRO 2006, p. 86).

Para tanto, é neste contexto dos indicadores de sustentabilidade a partir das dimensões econômicas, ambientais, político institucional, sociocultural e afetiva que apresento a realidade da comunidade rural Baixio Grande em Assaré Ceará, como um diagnóstico prévio que demonstra o potencial e os limites dessa comunidade em estudo.

Quadro 06 - Indicadores de sustentabilidade na comunidade rural Baixio Grande, Assaré-CE

INDICADORES DE SUSTENTABILIDADE NA COMUNIDADE RURAL BAIXIO GRANDE		
DIMENSÕES	INDICADORES CONSIDERADOS	VARIÁVEIS
ECONÔMICA	Renda	Atividades geradoras de rendimento.
	Emprego	Ocupação da população economicamente ativa.
	Consumo	Itens de consumo pessoal e da atividade produtiva.
	Crédito	Meios de financiamentos/empréstimos.
AMBIENTAL	Queimadas	Quantidade de queimadas e incêndios.
	Água	Modos de tratamento.
	Saneamento	Formas de abastecimento de água; coleta e destino do lixo; esgotamento sanitário.
POLÍTICO- INSTITUCIONAL	Associações	Nº de associados por sexo, faixa etária, escolaridade e atividades produtivas desenvolvidas, nível de participação.
	Assentamento Irmãos Brasil	Nº de moradores, nº de famílias, sexo, faixa etária, escolaridade, atividades produtivas desenvolvidas.
	Lideranças locais	Sexo, faixa etária, escolaridade, ocupação, atividades desenvolvidas.
SOCIOCULTURAL	População	Quantidade de famílias, sexo, faixa etária.
	Saúde	Programa Saúde da Família (PSF), Programa de Agente Comunitário de Saúde (PACS), Benzedeiras e Parteiras.
	Educação	Escolaridade, participação em cursos e capacitações.
	Habitação	Características dos tipos de casas na comunidade.
	Cultura	Costumes locais, religiosidade, prática de mutirão.
	Mobilidade	Meios de transportes de pessoas e mercadorias
	Organização social	Participação em grupos comunitários.
	Comunicação	Meios de comunicação.
AFETIVA	Emoção	Manifestação nas experiências pessoais, vínculo, reconhecimento, visibilidade.
	Sentimentos	Gratidão, compromisso, pertencimento, integração.
	Cuidado	Relações familiares e sociais estabelecidas.

Fonte: Elaboração própria a partir da pesquisa de campo. Agosto, 2014.

Esses novos conceitos atribuídos a novos modelos de desenvolvimento surgem com a necessidade de reverter um quadro criado pelo próprio sistema capitalista, inserindo o desenvolvimento rural, como alternativa para dar continuidade ao modelo econômico que precisa se manter ao mesmo tempo em que passa a entender que sem o desenvolvimento humano não conseguirá sobreviver, pois o que move esse processo não é nada mais nada menos que o próprio ser humano, e começar a dar visibilidade ao desenvolvimento sustentável como alternativa viável ao próprio desenvolvimento.

5.5.1 Dimensão econômica

A dimensão econômica, em sua definição no conceito de desenvolvimento sustentável, é bem mais ampla do que a simples equação de geração de emprego e de renda:

Neste sentido, é importante destacar que, para atingir a sustentabilidade econômica, é imprescindível a igualdade na distribuição dos recursos. A esse respeito é válido mencionar alguns preceitos da Agenda 21, fruto da Rio-92, que traz como principais pontos a erradicação da pobreza, a proteção aos recursos naturais e mudança de modos de produção e hábitos de consumo (JUSTINO, 2010, p. 42).

Vale ressaltar que uma das definições expostas por Chacon (2007, p. 180) aponta para a compreensão do grau de pobreza presente no sertão e, conseqüentemente, no Semiárido, evidenciando a vulnerabilidade e a dependência dos indivíduos diante da falta de emprego e renda. Inicialmente, a economia da comunidade até meados da década de 1990 era baseada na agricultura de subsistência com a cultura de sequeiro, arroz, milho e feijão, dependentes da quadra invernos caracterizada segundo dados da Fundação Cearense de Meteorologia (FUNCEME), no período dos meses de fevereiro a abril com as precipitações de chuvas irregulares.

A comunidade vem enfrentando um longo período de secas consecutivas desde 2012. E as dificuldades enfrentadas por conta das secas também oportunizaram a comunidade a vivenciar novas práticas produtivas, investimentos tecnológicos, aquisição de tecnologias sociais que viabilizaram a convivência com o Semiárido.

Aqui evidencio os indicadores de *renda, emprego, consumo e crédito*, acompanhados das variáveis: atividades geradoras de rendimento, ocupação da população economicamente ativa, meios de financiamentos/empréstimos. De acordo com o primeiro indicador e sua variável definimos que a renda é fruto das atividades geradoras de renda. Na comunidade essas atividades se caracterizam por: produção de hortifrutos, cheiro-verde, tomate, alface, cebola, mamão, pimentão, cenoura, beterraba, batata-doce, pimenta-de-cheiro, pimentão, goiaba, quiabo e berinjela. Há a criação de animais como: ovinos, suínos, vacas leiteiras e galinhas caipiras. Outra atividade produtiva é a produção de queijo de coalho e o queijo de manteiga.

Fica evidenciada a diversidade produtiva da comunidade a partir da abertura das pessoas em potencializar essas novas atividades, porque diante das secas e das dificuldades tiveram a oportunidade de produzir outras culturas além dos produtos agrícolas básicos como o feijão, o arroz e o milho.

Quanto ao *emprego*, com a variável da ocupação da população economicamente ativa ele se apresenta na comunidade a partir da sua distribuição enquanto profissionais que atuam em sua profissão representando 4% de pedreiro (homens), 2% na secretaria escolar (mulheres), 2% como auxiliar escolar (mulheres), 4% como professoras (mulheres), 2% como

agentes de saúde (mulheres), 64% de mulheres agricultoras e 67% de homens como agricultores, e outros onde 44% são mulheres que possuem renda a partir de auxílio-doença, aposentados e estudantes que recebem a renda do Programa Bolsa-Família (PBF).

O indicador de *consumo* vem acompanhado da variável de itens de consumo pessoal e atividade produtiva, os insumos de equipamentos para a produção agrícola, a compra de objetos pessoais e dos afazeres domésticos e para o lar.

O indicador de *crédito* com a variável meios de financiamentos e empréstimos, este se caracteriza na comunidade com o acesso a projetos como: projeto de criação de suínos, com a aquisição de dinheiro a partir do Agroamigo, a produção de queijo com o Crediamigo, no caso da aquisição de terras pelo Programa Nacional de Crédito Fundiário (PCF), neste caso, a aquisição a partir do financiamento. Esses são os programas acessados pelas famílias para aquisição de crédito.

Vê-se que a dimensão econômica se caracteriza na comunidade de forma mais específica não apenas com os rendimentos advindos da agricultura e de pequenas criações, mas de outras fontes dentro desse mesmo espaço produtivo, que se apresenta como o lugar de novas possibilidades e alternativas.

Do ponto de vista da renda fica claro na pesquisa que para entender a nova reconfiguração do espaço produtivo do Semiárido ocorre, principalmente, por vias de transferências de vários programas governamentais de políticas públicas que garantem essa diversidade produtiva.

Mesmo diante das mudanças e aquisição de novas atividades produtivas ainda assim essas atividades são limitadas pela própria dinâmica populacional *in loco*, e a comercialização desse produtos vai além do seu território.

5.5.2 Dimensão ambiental

Nesta dimensão estão postas as principais questões norteadoras da discussão sobre a questão ecológica e ambiental que, segundo Sachs (2009, p. 86), está “relacionada à preservação do potencial do capital natural na sua produção de recursos renováveis e à limitação do uso dos recursos não renováveis”. Ele menciona que a questão ambiental “trata-se de respeitar e realçar a capacidade de autodepuração dos ecossistemas naturais”.

Para tanto, os indicadores relacionando as variáveis a partir dos aspectos encontrados na comunidade Baixio Grande, colocam-nos diante do desafio que é a importância dessa dimensão para a convivência do ser humano com o Semiárido.

O indicador *queimadas* já não aparece com tanta frequência, pois houve uma redução de aproximadamente 80% das queimadas nos últimos dez anos de acordo com as novas alternativas de convivência com o Semiárido que passam a ser idealizadas pelos agricultores substituindo a agricultura de subsistência pela produção de hortifrutas, criação de animais, potencializando novas atividades produtivas de forma diversificada e provocando mudanças também na relação homem/natureza reduzindo, assim, os impactos ambientais.

O advento das inovações tecnológicas, principalmente na agricultura, minimizou o indicador das queimadas. Na comunidade essa realidade está bem presente por não ser mais a prática do roço, da queimada, o preparo do solo para o plantio a principal atividade hoje, pois nos últimos três anos a comunidade enfrenta a problemática de secas consecutivas e passou a ter acesso a uma série de projetos que viabilizaram a produção em outras atividades.

Na visão de Milton Santos (2008), em relação à modernização da agricultura o mesmo menciona que:

As inovações técnicas e organizacionais na agricultura concorrem para criar um novo uso do tempo e um novo uso da terra. O aproveitamento de momentos vagos no calendário agrícola ou encurtamento dos ciclos vegetais, a velocidade da circulação de produtos e de informações, a disponibilidade de crédito e a preeminência dada à exportação constituem, certamente, dados que vão permitir reinventar a natureza, modificando solos, criando sementes e até buscando, embora pontualmente, impor leis ao clima. Eis o novo uso agrícola do território no período técnico-científico-informacional (SANTOS, 2008, p. 118).

Daí decorre essa nova forma de se relacionar com a natureza e com o que ela nos propõe. O homem sertanejo passa a vivenciar novas práticas de cultivo e com elas a preocupação com os recursos disponíveis, pois a escassez de recursos no Semiárido é permanente por ser um fenômeno natural da sua condição climática.

O indicador *água* juntamente com a sua variável do modo de tratamento é outra realidade hoje na comunidade, as famílias passaram a ter acesso em 2014 ao Programa Um Milhão de Cisternas melhorando significativamente a qualidade da água para consumo humano. Antes das cisternas a água para consumo era tratada da seguinte forma pelas famílias: 10% das famílias filtravam a água para o consumo, 90% usavam a cloração como importante no processo de tratamento da água e o complemento com a filtração que já era conhecido e utilizado, constituindo, assim, uma revolução tecnológica no tratamento da água (BRASIL, 2014). Ainda assim, 10% das famílias consomem a água sem tratamento.

O indicador de *saneamento* a partir das variáveis, formas de abastecimento de água, mostra que na comunidade 27% das famílias têm seu abastecimento a partir de poços, 73% de cacimbão e 99% de cisternas, esta última apenas para consumo humano, as demais para todas

as outras necessidades. Quanto à variável de coleta e destino do lixo, na comunidade não existe a coleta, porém, quanto ao destino do lixo 57% das famílias queimam ou enterram, a maior parte queima, 43% das famílias destinam a céu aberto. Já no que diz respeito à questão do esgotamento sanitário, não há sistema de esgoto na comunidade, então, 97% das famílias usam a fossa como alternativa e 3% a céu aberto.

5.5.3 Dimensão político-institucional

Esta dimensão vem abordar aspectos da comunidade em estudo a partir do seu grau de autonomia dos grupos locais. De acordo com Cunha (2012, p. 135) quando fala do processo de gestão da experiência vivida com as associações locais, com a experiência de fomentar projetos que visam ao bem-estar de toda a comunidade, o nível de articulação tanto *in loco* quanto nas relações estabelecidas em redes no âmbito da própria sociedade, estabelecendo pactos e interações com poderes públicos, preservando sua autonomia.

Para Maniglia (2009, p. 122), a dimensão política é a “democracia definida em termos de apropriação universal dos direitos humanos, desenvolvimento da capacidade do Estado para implementar o projeto nacional, em parceria com todos os empreendedores e um nível razoável de coesão social”.

Segundo Irving (2012, p. 24), esta dimensão trata da orientação política, da capacidade e do esforço despendido pela sociedade para que sejam realizadas as mudanças necessárias. Neste novo paradigma, a palavra desenvolvimento leva em conta não apenas o crescimento da atividade econômica, mas também as melhorias sociais, institucionais e sustentabilidade ambiental, buscando, em última análise, garantir o bem-estar das populações humanas a longo prazo, assegurando um ambiente saudável para as futuras gerações.

Trabalho o indicador das *associações* acompanhado das variáveis do número de associados por sexo, faixa etária, escolaridade e atividades desenvolvidas e, por fim, o nível de participação. Vou apresentar por Associações.

5.5.3.1 Associação dos Pequenos Produtores Rurais do Baixio Grande

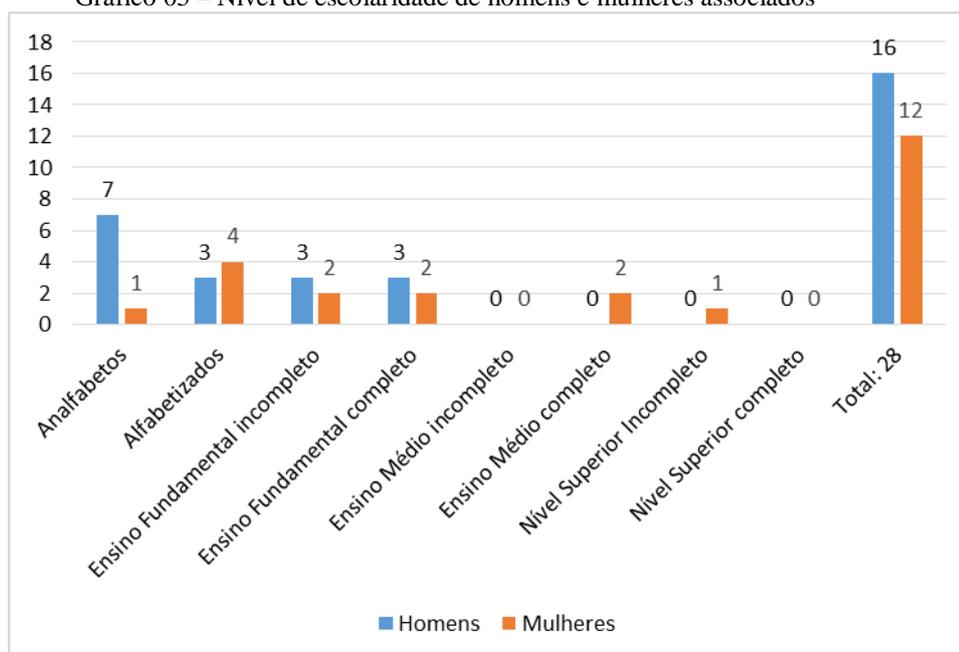
Essa associação é fundada no ano de 1999 com o intuito de organizar a comunidade no que se refere a atividades produtivas já que a agricultura de subsistência nessa década era a atividade principal dos agricultores. Eles estavam iniciando a criação de pequenos animais, no caso, de ovinos.

O *número de associados* da mesma é de 32 associados, mas existem associados das comunidades de Baixa Queimada, Izar, Varjota e Roncador. Outra realidade nessa associação é a não participação das mulheres, sendo constituída apenas por homens, então, da comunidade são 15 homens associados, os demais são das comunidades circunvizinhas. Nessa associação não tem a *participação* feminina, e percebe-se uma associação com uma faixa etária já não tão jovem, porém os filhos dos associados já participam de alguma forma, mesmo não se colocando. Nessa reunião também vi a presença de uma mulher que é Adriana, filha de um dos associados; mesmo não sendo associada, ela sempre está presente nas discussões, pois a mesma é associada e presidente de duas outras associações existentes na comunidade. Ela participa mais ajudando na questão da organização da gestão dos recursos por sua experiência com as demais associações.

Em relação ao perfil de *escolaridade* (gráfico 06), deixa visíveis as dificuldades dos mesmos em relação ao grau de escolaridade, onde a maioria não possui nem o ensino fundamental completo. Ao participar das reuniões que ocorrem sempre no último domingo do mês, observei que há uma *participação* efetiva dos associados, mas as discussões acabam se exaurindo na prestação de contas, nas necessidades de utilização do maquinário para serviços, como: arar a terra, a colheita do sorgo, são sempre as mesmas discussões, porém eles demonstram habilidades e competências nos discursos estabelecidos e demonstraram uma boa relação.

O gráfico 05 demonstra o *nível de escolaridade* de homens e mulheres que estão envolvidos na prática do associativismo, demonstrando que as mulheres possuem um maior envolvimento apesar de o número de mulheres associadas ser bem inferior ao número de associados homens.

Gráfico 05 – Nível de escolaridade de homens e mulheres associados



Fonte: Elaboração própria a partir da pesquisa de campo, Agosto, 2014.

Quanto às *atividades produtivas desenvolvidas* pela associação, são voltadas para a criação de animais de pequeno porte no caso de ovinos e suínos, assim como a produção de animais de médio porte, como é um caso de um dos produtores que investe na atividade de gado de corte. Há também a produção de milho, feijão, arroz e sorgo, sendo as primeiras para o consumo próprio e o sorgo, como alternativa de sobrevivência para os animais no período de estiagem.

5.5.3.2 Associação das Artesãs de Palha de Milho do Sítio Baixio Grande

Essa associação surge em detrimento da associação dos pequenos produtores, história essa mencionada no tópico 6.5.3.1 desta dissertação. Vou dar visibilidade aqui ao *número de associadas*, que é no total de 22 mulheres, somente mulheres, sendo que da comunidade Baixio Grande o número de associadas é de 6 mulheres, sendo as outras das comunidades circunvizinhas, da Varjota, do Izar e da Baixa Queimada.

Apresenta uma *faixa etária* bem diferente das demais, onde a maioria das mulheres é bem jovem; funcionava há dois anos sem atividade por conta das secas consecutivas, sendo sua matéria-prima advinda da palha de milho. Enquanto funcionava tinha uma organização de trabalho bem diferenciada, assim como a gestão bem organizada fortalecendo ainda mais o artesanato.

Quanto à *escolaridade* percebe-se na (Gráfico 05, p.134) que as mulheres apesar de serem minoria em número de associadas possuem um grau de escolaridade maior que os homens. Quanto às *atividades produtivas desenvolvidas*, a associação tinha como principal atividade o artesanato em palha de milho com a produção de bolsas, cestos, baús, pastas escolares, abajur e cestos.

E o nível de *participação* das mulheres sempre foi o diferencial dessa associação. Foi um período de compromisso e dedicação, um período de estabelecer relações além do território da comunidade a partir da participação das artesãs nas feiras citadas na (página 82), sendo esta prática responsável pelas mudanças na vida pessoal e profissional dessas mulheres.

5.5.3.3 Associação Assentamento Irmãos Brasil

Essa associação é constituída de seis *famílias* e seis associados, caracterizada como uma associação *mista*, onde há a participação da mulher como beneficiária de terras como assentada, e também como presidente da associação. Essa associação demonstra um grau de *escolaridade* equilibrado.

Quanto às *atividades produtivas desenvolvidas* no assentamento, há uma produção diversificada de hortifrutos, criação de animais de pequeno e médio porte, no caso da criação de ovinos e vacas leiteiras, desta última se produz o queijo de coalho.

Quanto às *lideranças locais*, aqui faço um recorte quanto ao papel das mulheres sendo estas detentoras de liderança por se envolverem nos movimentos religiosos, na participação em cursos e capacitações, tornando-se detentoras de um poder de articulação na comunidade sem ao menos perceber a sua real atuação.

A faixa etária de idade dessas mulheres é de uma maioria jovem com a média de 29 a 38 anos, com a atuação de uma de 69 anos que é referência na comunidade por seu envolvimento com a educação e a organização religiosa.

De acordo com Alves (2012), as *lideranças locais* se dividem em dois grupos: um como “coordenador ou auxiliar nas tarefas de coordenação” e o outro como “mediador ou intermediário nas relações entre a comunidade e o mundo”. Assim ela descreve:

Nos grupos locais, o coordenador é um indivíduo que tem habilidade de organizar e orientar os trabalhos coletivos, no sentido de operacionalizar, fazer acontecer o trabalho de grupo. Sob a responsabilidade, está também o controle da divisão de tarefas entre membros e definição da época de sua execução, assim como a convocação das reuniões mensais ou extraordinárias (ALVES 2012, p. 200).

Assim se apresenta a comunidade rural Baixio Grande em relação à sua liderança local, eles vivenciam exatamente essa realidade descrita por Alves enquanto comunidade organizada, e as mulheres são as que mais atuam nesses espaços, responsabilizando-se pela dinâmica da comunidade em todos os aspectos.

Alves (2012) conceitua os líderes mediadores como:

[...] um grupo seletivo de indivíduos, com perfil diferenciado e um leque de ação mais amplo que o dos coordenadores de grupos. São efetivamente os responsáveis pela intermediação das relações entre atores locais, os assessores e o mundo exterior. Não são necessariamente dirigentes da Associação, mas se envolvem na gestão de atividades e nas decisões mais importantes para a comunidade. Estes atores exercem bem uma dupla função em relação ao exterior: atrair “projetos” e apoios para a comunidade, divulgar suas qualidades (ALVES 2012, p. 201).

Na comunidade Baixio Grande Adriana Brasil é uma das principais líderes mediadoras pelo seu envolvimento, principalmente, na associação das artesãs, sendo este período de 2007 a 2010 o momento em que ela juntamente com as mulheres artesãs conseguiram demonstrar suas habilidades de produzir o artesanato de palha de milho, de competir no nível de igualdade com grandes artesãs que já estão no mercado há muito tempo.

Ela atua na comunidade como coordenadora e mediadora, exercendo aí a dupla função em relação ao exterior por dois motivos: a capacidade de atrair “projetos” através do acesso a edital de acordo com o que ela sonda das necessidades almejadas pelas pessoas da comunidade. Ela mesma elabora os projetos, pois já desenvolveu essa habilidade pela busca incessante de apoio e melhorias para a comunidade. O seu poder de articulação e diálogo com órgãos e instituições como: Ematerce, Agropolos, Ministério do Meio Ambiente, com o Ministério do Desenvolvimento Agrário, Sebrae, Centec, Secretaria do Desenvolvimento Agrário, Fundação Araripe, com o próprio município e com ONGs que viabilizam ações para o desenvolvimento local, é constante, principalmente, por ela estar sempre à procura de capacitações.

Outra questão que chama atenção é a sua preocupação em envolver os atores locais, porém as pessoas são muito conservadoras, para sair da comunidade e participar de capacitações e cursos em outro município ou estado. E ainda tem o fator família já que a maioria das mulheres é casada e tem filhos. Porém, quando Adriana consegue levar cursos e capacitações para a comunidade a participação de homens e mulheres é efetiva.

Da mesma forma que eles participam das reuniões e de todas as atividades realizadas na comunidade eles também participam de tudo que se traz à comunidade. São pessoas muito receptivas, já que a comunidade passou a receber visitantes de outros assentamentos, grupos

de agricultores de outros municípios para ver as experiências *produtivas e atividades desenvolvidas* na comunidade a partir da implementação dos projetos de hortifrutas, a implementação da infraestrutura do próprio assentamento, da casa de ordenha mecânica, do pasto rotacionado, do sistema de irrigação, do aprisco para a criação de ovinos, as festas da colheita, a festa da padroeira; são essas atividades que atraem pessoas e instituições de vários lugares, desde estudantes e professores das escolas públicas municipais, estaduais e até mesmo das universidades da região, assim, como sindicatos. Não se tem ao certo o número de visitantes na comunidade por não haver registro das mesmas.

Ao mencionar sobre a receptividade dos moradores da comunidade relato esse espírito de receptividade a partir da dimensão afetiva muito presente nas relações entre as pessoas.

5.5.4 Dimensão sociocultural

A comunidade está inserida em uma área extremamente ligada à agricultura de subsistência onde a produção por muito tempo era voltada para o consumo da família.

Conforme Chacon (2007, p. 211), essa dimensão faz parte do desenvolvimento relacionado aos seres em sociedade e, por isso, é melhor percebida localmente. Portanto, “saber como essas pessoas vivem [...]. Suas condições de vida e seus valores culturais são os primeiros pontos a serem reconhecidos e considerados”.

Para Sachs (2009 p. 85), o enfoque dessa dimensão é alcançar a homogeneidade social, a distribuição de renda justa, o emprego pleno e/ou autônomo com qualidade de vida decente, igualdade no acesso aos recursos e serviços sociais, na perspectiva cultural, o equilíbrio entre respeito à tradição e inovação, tendo em vista as mudanças, porém com continuidade, a questão da autonomia em elaboração de projetos sociais que visam a uma integração nacional e endógena, assim como a autoconfiança combinada com a abertura para o mundo.

Para tanto, a comunidade apresenta nessa dimensão a sua dinâmica social e cultural a partir dos indicadores e das variáveis que norteiam os aspectos identificados, expondo suas especificidades a partir dos resultados encontrados relacionando essa dimensão ao protagonismo feminino no desenvolvimento do Semiárido.

A *população* da comunidade é estimada em 91 habitantes, com as variáveis: com a quantidade de 30 famílias, com uma distribuição da população por sexo de 46 homens e 45 mulheres, divididos nas seguintes faixas etárias: de 0-14 anos, 12 homens e 6 mulheres; de 15 a 29 anos, 09 homens e 10 mulheres; de 30 a 44 anos, 07 homens e 13 mulheres; de 45 a 50

anos, 09 homens e 08 mulheres e, por fim, na faixa etária acima de 60 anos, 09 homens e 08 mulheres. Estes apresentam suas necessidades básicas enquanto seres humanos que buscam qualidade de vida, que vivenciam valores culturais tradicionais, e tentam preservar seus costumes de fortes influências locais, a partir da dinâmica da participação em todas as atividades socioculturais que ocorrem na comunidade.

A *saúde* enquanto indicador apresenta as variáveis caracterizadas pelo acesso da população local ao Programa Saúde da Família (PSF), com o Programa Comunitário de Agente de Saúde (PACS) juntamente com as Benzedeadas, variáveis estas que se complementam na realidade desse indicador da comunidade.

A variável do PSF e PACS, estes têm a presença de um médico de Cuba, desde julho de 2014 pelo Programa Mais Médicos (PMM), reduzindo os problemas com a falta de médico na comunidade. Essas variáveis são extremamente importantes na realidade da comunidade, pois 100% da população é favorecida com esses programas que acarretaram qualidade de vida à comunidade, pois diante das doenças, a questão da mortalidade infantil, a higiene pessoal, tudo isso passou a ser discutido nas famílias como algo que mudou a realidade das pessoas.

Diante das doenças mais graves 100% da população tem acesso aos hospitais na sede municipal, mesmo diante das dificuldades, 90% procura a unidade de saúde, os postos na cidade ou distritos vizinhos em casos não tão graves, mas que só com o acompanhamento da agente de saúde não teria como resolver, 17% procuram as benzedeadas (rezadeiras e curandeiras) estas com saberes populares ao atuar com o uso da medicina popular, elas são procuradas e respeitadas diante da alternativa para a cura, por carregarem consigo crenças e valores específicos, e além de tudo o poder da fé.

O Jornal O Povo (2011), ao divulgar uma matéria sobre “A Cura pela Fé: O trabalho de Rezadeiras e Curandeiras” define:

O processo de curar pela oração não é exclusividade de nenhuma religião; toda religião tem seu curador e seu método. O curandeiro costuma acumular três habilidades: é raizeiro, pois sabe preparar remédios com ervas medicinais e conhece sua aplicabilidade; é rezador, já que conhece orações e simpatias para prevenir e resolver problemas físicos e espirituais e é benzedor, tendo em vista que exercita a cura usando símbolos de religiosidade como o sinal da cruz, com ramos de ervas sobre o corpo do enfermo. Conhecimentos adquiridos de pais e antepassados, transmitidos oralmente através das gerações (JORNAL O POVO, 2011).

Para tanto, a comunidade tem hoje uma mulher que é procurada para a cura com a medicina popular. Outro fato a ser evidenciado é a importância das mulheres parteiras tradicionais na comunidade, pois todas as famílias da comunidade tiveram entre seus familiares a experiência do nascimento a partir dos cuidados das parteiras; a comunidade tinha

três parteiras importantes já não mais vivas, a última e mais importante delas faleceu no ano de 2014; essa prática era comum até meados da década de 1980.

Quanto ao acesso a remédios, 67% procuram os serviços das farmácias, contudo os remédios caseiros ainda constituem uma prática presente na comunidade, principalmente, entre os mais velhos.

A *educação* revelada no (gráfico 03 pág.121) deste trabalho demonstra um alto índice de pessoas que não concluíram até o ensino fundamental, onde 65% das mulheres e 81% dos homens não chegaram a concluir o ensino fundamental. No ensino fundamental completo 12% das mulheres e 2% dos homens já concluíram. O ensino médio incompleto 10% de mulheres e homens não concluíram. No ensino médio completo 5% das mulheres e 7% dos homens concluíram. Ensino superior incompleto, somente, 2,4% das mulheres e superior completo 4,8% das mulheres, sendo que nenhum homem chegou ao nível superior.

O indicador da *habitação* apresenta como variáveis as características das casas da comunidade que se apresentam da seguinte forma: 73% das famílias moram em casas de tijolos, 13% moram em casas de taipa não revestidas e 13% moram em casas de taipa revestidas.

Quanto à *cultura* apresento os costumes locais enquanto uma característica específica da comunidade, associada aos valores afetivos pela prática da solidariedade, do mutirão, da ajuda mútua, da partilha. Valores estes, presentes no cotidiano das pessoas, principalmente, pelas relações de grupos, seja pela religiosidade ou pelo associativismo já que são grupos bem articulados e atuantes na comunidade.

As festas organizadas pela comissão pastoral da igreja Nossa Sra. das Graças juntamente com os grupos das associações são: a festa da padroeira no mês de novembro, a festa da colheita no mês de junho, para celebrar os grãos colhidos naquele ano da quadra invernososa, a comemoração do dia das mães no segundo domingo do mês de maio, a festa dos pais no segundo domingo do mês de agosto, a festa do dia das crianças no mês de outubro, a festa do Natal no mês de dezembro e, por fim, batizados, casamentos, celebrações e missas.

A questão religiosa na região Nordeste sempre foi muito forte, inclusive, para o sertanejo, que segundo Albuquerque Júnior (2006, p. 167), para o sertanejo era Deus que ainda dava sentido às coisas. “Nele ainda se buscava o mundo interior em detrimento do império do mundo exterior como na sociedade burguesa. Um mundo onde a verdade e a lealdade se opunham à tradição, onde não havia a idolatria do dinheiro e da mercadoria”.

Quanto à *mobilidade*, como meios de transportes para as pessoas e as mercadorias o caminhão é utilizado por 57% das famílias, assim como transporte escolar, carro de linha

como alternativa para a feira da cidade de Assaré, a cada segunda-feira do mês é utilizado por 100% das famílias, assim como o transporte de moto como um transporte pessoal adquirido por 53% das famílias.

Quanto ao indicador da *organização social* a partir da variável da participação em grupos comunitários, apresento uma realidade extremamente interessante, pois a prática do associativismo está muito ligada à união das pessoas, sinalizando a participação efetiva nos grupos e o seu envolvimento nas três associações, no grupo religioso, facilitando e viabilizando a interação entre as pessoas no processo de construção de todas as atividades propostas a serem desenvolvidas na comunidade.

E, por fim, o indicador da comunicação a partir da variável meios de comunicação apresenta o aspecto encontrado do uso dos meios de comunicação pelas famílias da comunidade, onde 97% usam o rádio, prática bem antiga, 97% detêm informações a partir do meio de comunicação da televisão, 37% das famílias possuem em casa aparelho celular com o uso de antena como meio de comunicação para eles muito importante e, por fim, a comunidade ainda tem um orelhão que foi instalado para atender às necessidades da comunidade no ano de 2008.

Ao analisar os dados colhidos para a construção dessa dimensão, percebi o quanto a comunidade está vinculada à teoria da reciprocidade, discutida por Sabourin (2011, p. 31), a partir de quatro elementos teóricos, tendo eu escolhido os dois últimos como os mais importantes por estarem relacionados diretamente com a realidade do trabalho em estudo.

- a) *As relações de reciprocidade podem ser analisadas em termos de estruturas*, no sentido antropológico do termo. Aqui ele apresenta discussões estabelecidas por Mauss (1931), Lévi-Strauss (1949), Scubla (1985) e Temple (1998), definindo as relações de reciprocidade baseadas nos valores afetivos (o sentimento de paz, amizade, compreensão mútua) e éticos (confiança, responsabilidade, justiça).
- b) *Os diferentes níveis do princípio de reciprocidade e os modos que lhe são específicos*, definidos aqui em três níveis: o real, o simbólico (a linguagem) e o imaginário (as representações).

Para tanto, esses elementos se apresentam na realidade da comunidade de forma muito clara, a partir da união e da ajuda mútua. Valores estes que sustentam a estrutura social da comunidade, fortalecendo ainda mais as relações afetivas a partir das práticas de solidariedade e cooperação, ali cultivadas e passadas de geração em geração.

Portanto, esta é uma dimensão extremamente importante na composição de uma sociedade mais justa e igualitária, e responsável pelas relações existentes e,

consequentemente, pela própria dinâmica social. Diante do que foi apresentado fica claro a sua importância dentro dos espaços mais longínquos, com suas particularidades, mas que ao ser evidenciado em um território tão pequeno percebe-se o tamanho da sua grandeza nos detalhes, pois sua dinâmica perpassa as demais dimensões que serão apresentadas.

5.5.5 Dimensão afetiva

A dimensão afetiva trata da natureza emocional capaz de unir organização e indivíduo, devido à realização das necessidades pessoais e expectativas gerais do ser humano enquanto um ser que vivencia a emoção, o sentimento e a prática do cuidado.

Baldissera (2010, p. 2) discorre sobre a afetividade a partir da reflexão da dimensão humana, relacionando-a à biologia (desenvolvimento físico, instintivo), psicologia (desenvolvimento emocional - emoções e sentimentos), antropologia (compreensão de quem é o ser humano), sociologia (o mundo das relações sociais), teologia (as relações com o transcendente) e a filosofia (perguntas a respeito do ser). E assim poderíamos listar ainda outros componentes.

Diante da complexidade citada, percebe-se “um conjunto de fenômenos psíquicos”, portanto, se trata de algo que envolve individualidade, subjetividade e as relações. Ela é expressão de um mundo interno da pessoa, do indivíduo, que vem associado com suas experiências pessoais, suas percepções, suas interpretações, suas simbolizações etc.

Segundo Capelatto (2001, p.79), “nós não temos a ética do cuidado, não somos convidados a cuidar”. Porém, a sociedade começa a perceber que a afetividade é um lugar importantíssimo na nossa vida e o papel do cuidador é fundamental na construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

Abordando o indicador da *emoção* aparece como uma manifestação física a partir do envolvimento das pessoas em experiências pessoais, de vínculo, reconhecimento e visibilidade daquilo que é expresso ao estar junto, ao estar com o outro. As relações aparecem pelo vínculo que criamos, assim como pelo reconhecimento do outro que está ao nosso lado, quando é expresso ao outro, o carinho, a atenção, a alegria, assim como as tristezas, o abatimento e tantas outras manifestações que as pessoas podem nos causar.

O indicador do *sentimento* com o sentimento de gratidão, de comprometimento, de pertencimento e integração. São sentimentos que possuem um elo de integração e de complementariedade entre si, pois a gratidão já é, por si só, um sentimento de graça pelo dom da vida e de tudo aquilo que está ao seu dispor.

Contudo, o sentimento de pertencimento está associado à identidade do indivíduo como força estruturante de tudo aquilo que o cerca e que está exposto a algum tipo de agressão. Então, a ideia do lugar passa a ser também a ideia do encontro com o outro, com o ambiente e consigo mesmo, pois, o sentir-se membro desse processo é vivenciar o sentimento de comprometimento com tudo que existe no lugar, perante as circunstâncias que se apresentam, a partir do respeito e da confiança como condição para o desenvolvimento através da comunicação franca e aberta diante das pessoas.

Nesse contexto, é possível alcançar o desenvolvimento humano a partir do momento em que as pessoas se permitem a ser e fazer, pois o comprometimento com o lugar e com o outro perpassa a estrutura de poder hierárquica que muitas vezes a sociedade coloca como padrão para o pleno desenvolvimento. Na comunidade, por mais que um ou outro se destaque enquanto pessoas que interagem, que são participativas, que são criativas e viabilizam algumas ações, existe a consciência de que as ações, as atividades desenvolvidas só são possíveis com o engajamento de todos. Então, o comprometimento com o lugar e com os outros é com o objetivo comum a todos de promover o bem-estar no ambiente em que vivem.

Assim, acontece a integração por meio do sentimento de complementariedade. É necessário os indivíduos compreenderem que o processo de integração de acordo com os sentimentos é um estado de SER, sendo este um estado de atenção constante diante das mazelas da sociedade. Ao mesmo tempo em que se percebe a integração, percebem-se os desafios perante as dificuldades.

Portanto, o indicador do *cuidado* revela as relações familiares na comunidade como a estrutura principal das relações estabelecidas nessa dimensão da afetividade.

Boff (2012) ao mencionar sobre o cuidado enfatiza:

A ética do cuidado completa a ética da justiça. Elas não se opõem, mas se compõem na construção de uma convivência humana fecunda, dinâmica, sempre aberta a novas relações e carregada de sentimento de solidariedade, afetividade e, no termo, de amorosidade. Ela ajuda a minorar os conflitos e tem propostas de negociação pelas quais todos podem avançar juntos e superar o ganha-perde [...] (BOFF 2012, p. 135).

Observa-se a importância de tal dimensão para que o ser humano compreenda e reflita sobre suas atitudes e práticas. O espírito de solidariedade, de cuidado com o outro, deve ser entendido como algo necessário para uma convivência harmônica entre as pessoas.

Contudo, a ética do cuidado acontece na vida cotidiana, valorizando as tarefas familiares e as formas de convivência entre elas, propagando a ética e os valores que são estabelecidos na comunidade em estudo, passando de geração em geração.

Os desafios são imensos para a prática de algo tão simples e ao mesmo tempo tão complexo, já que essas práticas são consideradas fora dos padrões de vida de uma sociedade globalizada, onde o ser humano se torna algo visivelmente hegemônico frente a um modelo de vida ditado pelo sistema capitalista que desconsidera os sentimentos dos indivíduos enquanto pessoas, enquanto seres humanos que possuem sonhos, desejos e vida própria, cada um com suas especificidades e necessidades individuais.

Assim sendo, finalizo este capítulo abordando a importância do protagonismo feminino no desenvolvimento do Semiárido nordestino a partir das dimensões da sustentabilidade, estabelecendo uma discussão acerca das relações entre homens e mulheres no Semiárido e sua ligação com o desenvolvimento regional.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: A CONTINUIDADE

Ao finalizar esta pesquisa, percebi a riqueza do trabalho e, ao mesmo tempo, as novas possibilidades de pesquisa pela sua dimensão. A ideia de continuidade torna-se evidente diante os novos questionamentos que surgiram ao longo da pesquisa.

Optei como questão problema deste trabalho a seguinte pergunta: *Em que medida o protagonismo feminino contribui para o desenvolvimento do Semiárido?* O que implicava no seguinte objetivo geral: *Analisar o protagonismo feminino no Semiárido e as práticas de sustentabilidade a partir do estudo de caso na comunidade rural Baixio Grande, Assaré-Ceará.*

Este objetivo geral se desmembrou em três objetivos específicos, a fim de ajudar a operacionalizar a pesquisa. Em uma breve avaliação, percebi até que ponto cada um desses objetivos foram atendidos. As análises a partir dos mesmos correspondem aos capítulos 3, 4 e 5 descritos na introdução, permitindo-me elaborar as conclusões e reflexões a seguir:

a) Descrever, numa perspectiva histórica, o envolvimento da comunidade na prática do associativismo como estratégia de convivência com o Semiárido. Tal objetivo se definiu a partir da tessitura do referencial teórico estabelecendo um diálogo direto com os resultados, elencando os principais conceitos pertinentes ao objeto de estudo. Busquei uma pesquisa de embasamento teórico sobre os conceitos de associativismo e de convivência com o Semiárido.

Quanto à descrição numa perspectiva histórica do envolvimento da comunidade com essa prática vêm os resultados, onde descrevo exaustivamente sobre as associações existentes na comunidade. Além disso, acabei observando a inexistência de trabalhos com ênfase no envolvimento de mulheres com a prática do associativismo, ainda que seja uma realidade no Semiárido.

Conforme o que foi descrito, as conclusões quanto a este objetivo que se caracteriza como o capítulo 4 da dissertação, é que a comunidade Baixio Grande vivencia a prática do associativismo de maneira muito forte, principalmente, pela atuação da mulher. Só existem mais duas associações na comunidade por causa da atitude de duas mulheres que ao participarem de um curso na associação dos pequenos produtores rurais e não receberem certificados, sentiram-se incomodadas e resolveram buscar outro curso apenas para as mulheres.

Há, ainda, um componente que influencia muito essa realidade que é a maneira como as pessoas se relacionam com elas mesmas e com os outros, pois duas das associações têm entre seus sócios pessoas das comunidades circunvizinhas; isso denota a flexibilidade e a

receptividade dessas pessoas. O envolvimento das mulheres fortalece ainda mais essas relações, pela forma como elas medeiam os trabalhos em grupo e acabam provando o seu diferencial dentro da organização das duas associações dos quais participam efetivamente: o poder de autonomia que elas adquirem em relação à autonomia financeira e política.

Outro fato que me chamou atenção foi a capacidade de gerenciamento que essas mulheres têm dentro das associações, prezando pela legalidade, aproveitando a oportunidade para a captação de recursos financeiros a fim de promover o investimento dentro de seus empreendimentos a partir de projetos que viabilizam a implementação dos mesmos.

E, por fim, percebi como essas mulheres passaram a ser vistas pelos seus companheiros, familiares e pelas pessoas fora do território da comunidade. O reflexo de tudo isso se dá pela procura delas para contar suas experiências para outras associações, para falar como elas conseguem gerenciar, captar recursos e implementar os projetos. Elas são chamadas pela sociedade civil em vários ambientes, desde as escolas, a câmara municipal e as universidades para falar de tudo isso. Então, concluo que o protagonismo feminino no Semiárido começa a ficar visível, mesmo que de maneira tímida.

b) Compreender a dinâmica familiar, as relações de gênero e a participação feminina nas associações existentes na comunidade e sua influência para além desse território. Neste objetivo observei a conexão que existe com os debates realizados da mesma forma que fiz no primeiro, estabelecendo o diálogo entre a teoria e os resultados encontrados, visto que o ponto da participação feminina nas associações e sua influência para além do território é o resultado mais perceptivo, onde tudo isso resulta do encontro com o protagonismo feminino no Semiárido na comunidade.

Ao analisar este objetivo que se caracteriza como o capítulo 5 da dissertação, a conclusão é que ele inicia o reconhecimento desse protagonismo feminino no Semiárido a partir da história dessas mulheres com o lugar, com as pessoas, com as relações estabelecidas e o reconhecimento do seu papel na comunidade a partir de seu perfil.

Aqui a fala das mulheres revela o desafio que é ser mulher no Semiárido, perante as circunstâncias da condição humana e financeira. Elas se mostram como são, quais os desafios que enfrentam para se estabelecer enquanto mulher, profissional e pessoa humana.

Concluo neste capítulo a batalha diária dessas mulheres para sobreviverem e se afirmarem enquanto protagonistas de sua própria história, revelando-se como mulheres que se potencializam cada vez mais diante dos desafios que acometem seu dia a dia. Essa é a realidade da mulher sertaneja, que não se deixa vencer pelas dificuldades e que começa a enxergar nas crises o que pode gerar oportunidade a seu favor.

c) *Análise do protagonismo feminino no desenvolvimento do Semiárido*. Este objetivo e os resultados obtidos aqui é o resultado final do trabalho, que surgiu como resultados apontados pelos objetivos anteriores, fazendo um desdobramento sobre a organização da comunidade, a distribuição de tarefas entre homens e mulheres, o acesso das mulheres às políticas públicas e o que mudou na sua vida e na sua relação familiar; discutindo sobre o controle e acesso aos recursos, a tomada de decisões, o mapa de movimento de homens e mulheres neste território em estudo e fora dele; identificando as dimensões da sustentabilidade no desenvolvimento da comunidade, sem esquecer de enfatizar a importância da mulher neste contexto.

Finalmente, as *Considerações Finais: a continuidade*. Neste, evidencio a sua importância ao concluir que a comunidade é detentora de um conjunto de elementos que reafirmam as conclusões dos capítulos anteriores estabelecendo uma relação ao que ainda necessita ser feito, em meio à riqueza da análise, que é apenas um ponto de partida para identificar esse protagonismo feminino que atua invisivelmente no desenvolvimento do Semiárido.

O trabalho com as matrizes descritas no capítulo 2 da metodologia e a apresentação dos resultados demonstrou um cenário que, afirma a relação de complementariedade desses resultados entre si. Em suma, não tenho como finalizar este estudo, mas traço algumas conclusões que me permitem a continuidade, ao perceber a grandiosidade que é este trabalho.

Porém, de forma sucinta, percebi que há uma organização comunitária apesar dos desafios; que há um elemento muito importante que sustenta essa organização pautada na união e na solidariedade entre as pessoas; que há um diferencial na comunidade, no que se refere ao trabalho produtivo, após a mulher provar que é capaz; que as mulheres conseguiram determinar seus espaços a partir de uma inquietação, e que hoje, conquistaram um grau de confiança que move ainda mais suas ações.

Percebi a importância que foi para essas mulheres a sua participação na associação e, a partir daí, o acesso às políticas públicas. Tudo isso causou uma mudança pessoal e profissional em suas vidas, principalmente, na relação familiar, ao expressar que hoje participam das decisões tanto no espaço familiar, quanto nos grupos nos quais estão envolvidas. Essas são as principais questões que percebi em relação à comunidade e de como ela consegue desenvolver as práticas de sustentabilidade de forma tão espontânea, mas que possui um efeito extremamente impactante.

Cabe ressaltar que há um conjunto de elementos que inter-relacionados condicionam a organização da comunidade e, conseqüentemente, abrem espaço para a inserção das mulheres

que assim atuam e contribuem de forma direta e indireta para o desenvolvimento do Semiárido brasileiro, a partir do seu envolvimento com o associativismo, com o acesso às políticas públicas e com os grupos comunitários, evidenciando suas relações como as dimensões da sustentabilidade (Sociocultural, Ambiental, Econômica, Política institucional e Afetiva).

De forma geral, como limitação do presente estudo, percebi que é necessário conhecer mais sobre o Semiárido, com o intuito de potencializar o desconhecido, o invisível, que ora se faz presente como um reverberar frente ao visível.

Então, faço algumas sugestões para futuras pesquisas sobre a temática. Em função do que foi exposto, seria pertinente ampliar o estudo para mais casos no contexto do Semiárido brasileiro, inclusive, indo além da revelação desse protagonismo.

Assim, apontar outras experiências fora o associativismo, onde as mulheres estão envolvidas exercendo tamanha responsabilidade, ao promover mudança na vida das pessoas que ali vivem e aprofundar as análises sobre as relações de gênero e a participação feminina, no sentido de buscar a construção de um quadro com informações mais abrangentes de suas experiências em outras realidades.

Concentrar atenção nos indicadores de sustentabilidade, com ênfase na dimensão afetiva, esta sem um referencial definido e, por fim, pensar em uma metodologia para análise do protagonismo feminino no Semiárido brasileiro.

Para tanto, este trabalho foi realizado com a proposta de contribuir com a pesquisa científica e, principalmente, com a construção de novos espaços dentro e fora da comunidade em estudo, ao ressaltar a sua importância e seu potencial diante dos esforços dos atores sociais que dinamizam esse território e protagonizam sua própria história.

Há uma intenção de dar visibilidade às pessoas que vivem e já viveram nesta comunidade, disseminando os resultados encontrados na pesquisa, tornando visível o papel das mulheres do Semiárido brasileiro, colaborando, assim, para que as mesmas se reconheçam e fortaleçam suas relações. Foi um desafio escrever este trabalho, ao tentar expressar da melhor forma possível a condição da mulher no Semiárido brasileiro a partir dos resultados alcançados dos objetivos propostos.

Considerarei esse momento da pesquisa extremamente importante, diante o processo de reflexão, de afastamento e de aproximação, ao mesmo tempo, em que ser parte integrante do lugar de estudo é algo ainda mais complexo para desenvolver a pesquisa articulada a todo um contexto histórico que me envolve na condição de pesquisadora.

Deste modo, o retorno da pesquisa ao local e à sociedade civil como um todo se faz necessário, pois, o Semiárido brasileiro e a mulher da região Nordeste necessitam desse debate para compreender que são detentores de um conjunto de características que pode estimular o desenvolvimento do Semiárido a partir do seu potencial e das suas especificidades.

REFERÊNCIAS

ABDALLA, Maurício. **O princípio da cooperação**: em busca de uma nova racionalidade. São Paulo: Paulus, 2002.

ABRAMOVAY, Ricardo et al. **Juventude e agricultura familiar**: desafios dos novos padrões sucessórios. Brasília: UNESCO, 1998.

ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste e outras artes**. Prefácio de Margareth Rago. 3. ed. Recife: FJN, Ed. Massangana; São Paulo: Cortez, 2006.

ALVES, Branca M.; PITANGUY, Jacqueline. **O que é feminismo?** São Paulo: Abril Cultural, Brasiliense, 1985. (Coleção Primeiros Passos; 20).

ALVES, Maria Odete. **Mercado, arame e estado**: recursos comuns e resistência em Lagoas dos Cavalos no Sertão do Ceará. 2012. 341 p.: il. Tese (Doutorado) - Centro de Desenvolvimento Sustentável, Universidade de Brasília, Brasília, 2012.

BAUMAN, Zigmunt. **Globalização**: as consequências humanas. Tradução de Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

BERGAMASCO, Sonia Maria Pessoa Pereira; BLANC-PAMARD, Chantal; CHONCHOL, Maria-Edy. **Por um Atlas dos assentamentos brasileiros**: espaços de pesquisa. Rio de Janeiro: DL/Brasil, 1997.

BERGAMASCO, Sonia Maria Pessoa Pereira; NORDER, Luis Antonio Cabello. **O que são assentamentos rurais?** São Paulo: Brasiliense, 1996.

BOFF, Leonardo, **O cuidado necessário**: na vida, na saúde, na educação, na ecologia, na ética e na espiritualidade. Petrópolis: Vozes, 2012.

BORDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Tradução de Fernando Tomas. Lisboa – Portugal: ed. DIFEL, 1989.

BOSI, Ecléa. **Mémoria e sociedade**: lembrança dos velhos. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

_____. **O tempo vivo da memória**: ensaios de psicologia social. São Paulo: Ateliê Editoria, 2003.

BRANDÃO, Wilson. **A reforma agrária solidária do Ceará**. Fortaleza. nov. 1998.

BRASIL. Fundação Nacional de Saúde. **Manual de cloração de água em pequenas comunidades**: utilizando o clorador simplificado desenvolvido pela Funasa. Brasília: Funasa, 2014.

_____. Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. Secretaria de Defesa Agropecuária. **Como criar e administrar associações de produtores rurais**: manual de orientação. 6. ed. Brasília: MAPA/ACS, 2009. 155 p.; 20cm.

_____. Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior. **Base Conceitual do Artesanato Brasileiro**. Brasília: Programa do Artesanato Brasileiro (PAB), 2012.

CANUTO, João Carlos; ÁVILA, Patricia Camparo; CAMARGO, Ricardo Costa Rodrigues de. **Assentamentos rurais sustentáveis**: o processo de construção participativa do conhecimento agroecológico e o monitoramento de unidades de referência no Assentamento Sepé Tiaraju-SP. Jaguariúna, SP: Embrapa Meio Ambiente, 2013.

CAPELATTO, Roberto Ivan. **Diálogos sobre afetividade**. 3. ed. Papyrus, set. 2001.

CARVALHO, Maria Luiza Mello de. **Cuidado, Sociedade e Gênero**: um estudo com pais cuidadores. 2007. 378 p. Tese (Doutorado em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Programa EICOS – Pós-Graduação em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social, Rio de Janeiro, 2007.

CAZELLA, Ademir A.; BONNAL, Philippe; MALUF, Renato S. (Org.). **Agricultura familiar**: multifuncionalidade e desenvolvimento territorial no Brasil. Rio de Janeiro: Mauad X, 2009.

CHACON, Suely Salgueiro. **O Sertanejo e o caminho das águas**: políticas públicas, modernidade e sustentabilidade no semi-árido. Fortaleza: BNB, 2007.

COSTA, Antonio Carlos Gomes da. **Protagonismo juvenil**: adolescência, educação e participação democrática. Salvador: Fundação Odebrecht, 2000.

CUNHA, E. S. **Conferências de políticas públicas e inclusão participativa**. Rio de Janeiro. IPEA, 2012. (Texto para discussão).

DEMO, Pedro. **Participação é conquista**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

ESMERALDO, Gema Galgani Silveira Leite et al. **Ceará no feminino**: as condições de vida da mulher na zona rural. Fortaleza: Editora UFC, 2003.

FERRARINI, Adriane Vieira. **Pobreza**: possibilidades de construção de políticas emancipatórias. São Leopoldo: Oikos, 2008. 160 p.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Hollanda. **Pequeno dicionário Brasileiro da língua portuguesa**. Organização de José Baptista da Luz. 11. ed. RJ: Editora Gamma, 1943.

FRANÇA, Caio Galvão de; GROSSI, Mauro Eduardo del; MARQUES, Vicente P. M. de Azevedo. **O censo agropecuário 2006 e a agricultura familiar no Brasil**. Brasília: MDA, 2009. 96p.; 20cm.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

FURTADO, R.; FURTADO, E. **A Intervenção participativa dos Atores – INPA**: uma metodologia de capacitação para o desenvolvimento sustentável. Brasília: IICA, 2000.

GIBBS, Graham. **Análise de dados qualitativos**. Tradução de Roberto Cataldo Costa. Consultoria, supervisão e revisão técnica desta edição: Lorí Viali. Porto Alegre: Artmed, 2009.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. 2. reimpr. São Paulo: Atlas, 2009.

GORZ, André. **Metamorfoses do trabalho**: crítica da razão econômica. Tradução de Ana Montoia. 2. ed. São Paulo: Annablume, 2007.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Vocabulário Básico de Recursos Naturais e Meio Ambiente**. 2. ed. Rio de Janeiro: IBGE, 2004. 332 p.

IRVING, Marta de Azevedo; OLIVEIRA, Elisabeth. **Sustentabilidade e transformação social**. Rio de Janeiro: Senac Nacional, 2012. 176 chave.

JAPIASSU, Hilton. **Interdisciplinaridade e patologia do saber**. Rio de Janeiro: Ed. IMAGO, 1976.

JUSTINO, Ana Neri da Paz. **Desenvolvimento e sustentabilidade ambiental**. Natal: EdUnP, 2010.

KÜSTER, Angela; MARTI, Jaime Ferré (Org.). **Políticas Públicas para o Semiárido**: experiências e conquistas no nordeste do Brasil. Fortaleza: Fundação Konrad Adenauer, 2009. 152 p.

MALVEZZI, Roberto. **Semi-árido uma visão holística**. Brasília: Confea, 2007. (Série Pensar o Brasil e construir o Futuro da Nação).

MANIGLIA, Elisabete. **As interfaces do direito agrário e dos direitos humanos e a segurança alimentar** [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009. 277 páginas.

MARIN, Aldrin Martín Perez; SANTOS, Ana Paula Silva dos (Coord.). **O Semiárido brasileiro**: riquezas, diversidades e saberes. Campina Grande: INSA/MCTI, 2013. 33p.: il. (Coleção Reconhecendo o Semiárido, 1).

MARTINS, Gilberto de Andrade. **Estudo de caso**: uma estratégia de pesquisa. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

MELLO, João Alfredo Telles (Org.). **Reforma agrária quando?** CPI mostra as causas da luta pela terra o Brasil. Brasília: 2006.

MINAYO, Maria Cecília de Souza; DESLANDES, Suely Ferreira; GOMES, Romeu (Org.). **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. 32. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

NOLETO, Marlova Jovchelovitch; WERTHEIN, Jorge (Org.). **Pobreza e desigualdade no Brasil**: traçando caminhos para a inclusão social. Brasília: UNESCO, 2003.

OLIVEIRA, Gilson Batista de; SOUZA-LIMA, José Edmilson de (Org.). **O desenvolvimento sustentável em foco**: uma contribuição multidisciplinar. Curitiba; São Paulo: Annablume, 2006. 168 p.

ORNELLAS, Maria de Lourdes S. **[Entre]vista: a escuta revela**. Prefácio de Augusto César Rios Leiro. Salvador: EDUFBA 2011.

PAIS. Produção Agroecológica Integrada e Sustentável. **Manual de capacitação da tecnologia social**. Brasília: Fundação Banco do Brasil, 2009.

PATATIVA DO ASSARÉ, Antonio Gonçalves da Silva, 1909-2002. **Inspiração Nordestina**: Cantos de Patativa. São Paulo: Hedra, 2003.

PERNOUD, Regine. **A mulher no tempo das catedrais**. Tradução de Miguel Rodrigues. Lisboa: Departamento da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa; ed. Gradiva, 1980.

PRADO, Danda. **O que é família**. São Paulo: Abril Cultural: Brasiliense, 1985.

RIOS, Izabel Cristina. **Caminhos da humanização na saúde**: prática e reflexão. São Paulo: Àurea Editora, 2009.

SACHS, Ignacy. **Caminhos para o desenvolvimento sustentável**. Organização de Paula YoneStroh. Rio de Janeiro: Garamond, 2009.

SACHS, Wolfgang. **Dicionário do desenvolvimento: guia para o conhecimento como poder** / Wolfgang Sachs (editor); tradutores: Vera Lúcia M. Joscelyne, Susana de Gyalokay e Jaime A. Clasen. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

SAMPAIO, Ana Cristina. **Segundo caderno de sistematizações**: compartilhando experiências de vida no Semiárido. Cidade: Assessoria pedagógica ASA/FCVSA, 2013.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço**: Técnica e Tempo. Razão e Emoção. 4. ed. São Paulo: Edusp, 2012.

SANTOS, Milton; Maria Laura Silveira. **O Brasil**: território e sociedade no início do século XXI. 12. ed. Rio de Janeiro: Record, 2008.

SEEMANN, Jörn (Org.). **A aventura cartográfica**: perspectivas, pesquisas e reflexões sobre a cartografia humana. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2005. 224 p.

SENAR - Serviço Nacional de Aprendizagem Rural. **Associações rurais**: práticas associativas, características e formalização. Brasília: SENAR, 2011. 56p.: il.; 21 cm (Coleção SENAR; 153).

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 23. ed. rev. e atual. São Paulo: Cortez, 2007.

SHIVA, Vandana; MIES, Maria. **Ecofeminismo**. Epistemologia e Sociedade. Tradução: Fernando dias Antunes. Lisboa: Instituto Piaget, 1993. 433 p.

SICSÚ, João; CASTELAR, Armando (Org.). **Sociedade e economia: estratégias de crescimento e desenvolvimento**. Brasília: IPEA - Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, 2009.

SOUZA, Francisca Laudeci Martins Souza, **QUALIFICAR, CAPACITAR, HABILITAR: a educação e a produção de sujeitos outros, no Ceará do século XX (1987-2007)**. 2010. 158 p.: il. Tese (Doutorado) - Centro de Educação e Humanidades, Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.

STRABELI, José. **Associação é para fazer juntos**. Brasília: Instituto Internacional de Educação do Brasil, 2011.

VERDEJO, Miguel Exposito. **Diagnóstico rural participativo: guia prático DRP**. Revisão e adequação de Décio Cotrim e Ladjane Ramos. Brasília: MDA / Secretaria da Agricultura Familiar, 2010.

Artigos

ABRAMOVAY, Ricardo. **Agricultura familiar e desenvolvimento territorial**. 1999. Disponível em: <<http://www.econ.fea.usp.br/abramovay/artigos>>. Acesso em: 23 ago. 2013.

ALMEIDA, Carla; LÜCHMANN, Lígia; RIBEIRO, Ednaldo. Associativismo e representação política feminina no Brasil. **Rev. Bras. Ciênc. Polít.**, v. 8, p. 237-263, 2012. Disponível em: <<http://search.scielo.org/?q=associativismo&where=SCL>>. Acesso em: 06 set. 2013.

BALDISSERA. Pe. Deolino Pedro. **Dimensão humana afetiva na vida do presbítero**. Trabalho apresentado no 13º Encontro Nacional de Presbíteros. 03 a 09 de fevereiro de 2010, Itaici, Indaiatuba – SP. Disponível em: <http://www.cnbb.org.br/component/docman/doc_view/201-dimensao-humano-afetiva-na-vida-do-presbitero>. Acesso em: 20 dez. 2014.

BERGAMASCO, Sonia Maria Pessoa Pereira; ESQUERDO, Vanilde Ferreira de Souza. Reforma agrária e assentamentos rurais: perspectivas e desafios. **NEAD**, IICA, MDA, Brasília, 2015. Disponível em: <http://transformatoriomargaridas.org.br/sistema/wp-content/uploads/2015/02/1406231456wpdm_Texto-REFORMA-AGR%C3%81RIA-E-ASSENTAMENTOS-RURAIIS-PERSPECTIVAS-E-DESAFIOS-.pdf>. Acesso em: 24 maio 2015.

BIASI, Laura de. A condição feminina na agricultura e a viabilidade da agroecologia. **Agrária**, São Paulo, n. 7, p. 4-36, 2007.

DESSEN, Maria Auxiliadora; POLONIA, Ana da Costa. A família e a escola como contextos de desenvolvimento humano. **Paidéia**, Ribeirão Preto [online], v. 17, n. 36, p. 21-32, 2007. ISSN 1982-4327. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/paideia/v17n36/v17n36a03.pdf>>. Acesso em: 05 maio 2015.

FERNANDES, Bernardo. M. Reforma Agrária e educação do campo no governo Lula. **Revista Campo Território**, v. 7, n. 14, p. 1-23, ago. 2012.

FREITAS, Helana Célia de Abreu Freitas. Rumos da Educação do Campo. **Revista Brasileira**. Em Aberto, Brasília, v. 24, n. 85, p. 35-49, abr. 2011.

LÜCHMANN, Lígia Helena Hahn. **Impactos democráticos do associativismo**: questões teóricas e metodológicas. Trabalho apresentado no Encontro Internacional Participação, Democracia e Políticas Públicas: aproximando agendas e agentes, 23 a 25 de abril de 2013, UNESP, Araraquara, SP. Disponível em: <<http://www.fclar.unesp.br/Home/Pesquisa/GruposdePesquisa/participacaodemocraciaepoliticaspublicas/encontrosinternacionais/pdf-st05-trab-aceito-0439-11.pdf>>. Acesso em: 02 jan. 2014.

MOURA, Hélio A. de; TEIXEIRA, Pery. Tendências recentes do crescimento populacional. **Estud. av.** [online], v. 11, n. 29, p. 95-126, 1997. ISSN 0103-4014.

NAVARRO, Zander. **O projeto piloto "Cédula da Terra" comentário sobre as condições sociais e político institucionais de seu desenvolvimento recente**. Ago. 1998. Disponível em: <http://www.nead.gov.br/portal/nead/arquivos/view/textosdigitais/Artigo/arquivo_90.pdf>. Acesso em: 06 jan. 2014.

OLIVEIRA, Gilson Batista de. Uma discussão sobre o conceito de desenvolvimento. **Revista da FAE**, Curitiba, v. 5, n. 2, p. 41-48, maio/ago. 2002.

RIBEIRO, Gustavo Lins. Poder, redes e ideologia no campo do desenvolvimento. **Novos Estudos – CEBRAP**, 80, p. 109-125, mar. 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/nec/n80/a08n80.pdf>>. Acesso em: 22 jan. 2014.

ROCHA, Herivelto Fernandes. Disputa territorial, conceitualização e atualidade da Reforma Agrária no Brasil. **GeoGraphos**, [En línea], Alicante: Grupo Interdisciplinario de Estudios Críticos y de América Latina (GIECRYAL) de la Universidad de Alicante, v. 4, n. 50, p. 433-472, 28 de marzo de 2013. [ISSN: 2173-1276] [DL: A 371-2013] [DOI: 10.14198/GEOGRA2013.4.50].

SABOURIN, Eric. **A reciprocidade e os valores éticos da solidariedade econômica**. Dep. de sociologia da UnB, Cirad UR Arena. Disponível em: <http://www.jornaldomauss.org/jornal/extra/2007_11_21_16_48_04_sabourin_mr_sbs_2007.pdf>. Acesso em: 15 abr. 2015.

_____. Teoria da reciprocidade e sócio-antropologia do desenvolvimento. **Sociologias**, Porto Alegre, ano 13, n. 27, maio/ago. 2011, p. 24-51.

SALES, Celina de Maria Veras. Mulheres rurais: tecendo novas relações e reconhecendo direitos. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 15, n. 2, 2007.

SILVA, Patrícia Andrade de Oliveira e. Programa Cédula da Terra: mudança institucional do rural brasileiro? **Revista Economia e Desenvolvimento UFSM**, Ciências Sociais e Humanas da Universidade Federal de Santa Maria (Santa Maria, RS), n. 25, v. 1, jul. 2013.

SOUZA, Dilmara Veríssimo de; ZIONI, Fabiola. Novas perspectivas de análise em investigações sobre meio ambiente: a teoria das Representações Sociais e a técnica qualitativa

da triangulação de dados. **Saúde soc.** [online], v. 12, n. 2, p. 76-85, 2003. ISSN 0104-1290. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/sausoc/v12n2/08.pdf>>. Acesso em: 20 dez. 2014.

SPINDOLA, Thelma; SANTOS, Rosângela da Silva. Trabalhando com a história de vida: percalços de uma pesquisa(dora?). **Rev Esc Enferm, USP**, v. 37, n. 2, p. 119-26, 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/reeusp/v37n2/14.pdf>>. Acesso em: 23 jan. 2014.

TAYRA, Flávio; RIBEIRO, Helena. Modelos de indicadores de sustentabilidade: síntese e valiação crítica das principais experiências. **Saúde soc.** [online], v. 15, n. 1, p. 84-95, 2006. ISSN 0104-1290. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/sausoc/v15n1/09.pdf>>. Acesso em: 10 jan. 2015.

TEIXEIRA, R. R. The performance of primary healthcare from the perspective of collective intelligence. **Interface - Comunic., Saúde, Educ.**, v. 9, n. 17, p. 219-34, mar./ago. 2005.

TORREÃO, Nádia. A liderança feminina no desenvolvimento sustentável. **Revista Ártemis**, v. 7, p. 101-121, dez 2007.

WOORTMANN, Ellen F.; MENACHE, Renata; HEREDIA, Beatriz (Org.). Margarida Alves: Coletânea sobre estudos rurais e gênero. **NEAD Especial**, Brasília: MDA, IICA, 2006.

Sites

ASA, Articulação do Semiárido Brasileiro. **Semiárido**. Disponível em: <http://www.asabrasil.org.br/Portal/Informacoes.asp?COD_MENU=105>. Acesso em: 04 dez. 2014.

BRASIL, Operação Sorriso. **Lábio leporino e fenda palatina**. Disponível em: <<http://www.operacaosorriso.org.br/>>. Acesso em: 02 maio 2015.

CPSMC - Consórcio Público de Saúde da Microrregião de Crato. **Mapa Municipal do Crato**. Disponível em: <<http://cpsmc.org/>>. Acesso em: 06 fev. 2015.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em: <<http://www.cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=230160&search=ceara|assa> re. <http://cod.ibge.gov.br/232G6>>. Acesso em: 20 jan. 2014.

INCRA. Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária. Disponível em: <<http://www.incra.gov.br/index.php/reforma-agraria-2/questao-agraria/reforma-agraria>>. Acesso em: 27 jan. 2014.

IPECE, Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará. 2010. Disponível em: <<http://www2.ipece.ce.gov.br/atlas/lista/>>. Acesso em: 05 jun. 2014.

JORNAL O POVO. [online]. **A Cura pela Fé: O trabalho de Rezadeiras e Curandeiras**. Outubro de 2011. Disponível em: <<http://pt.scribd.com/doc/20191561/REVISTA-RADIS1>>. Acesso em: 10 maio 2015.

MDA, Ministério do Desenvolvimento Agrário. **Ações e metas programas.** Disponíveis em: <<http://www.mda.gov.br/sitemda/pagina/a%C3%A7%C3%B5es-e-metas>>. Acesso em: 20 abr. 2015.

MDS, Ministério de Desenvolvimento Social. **Programas Sociais.** Disponível em: <<http://www.mds.gov.br/>>. Acesso em: 05 mar. 2015.

SAÚDE, Conhecer. **Septicemia.** Disponível em:

<<http://www.conhecersaude.com/adultos/3029-Septicemia.html>>. Acesso em: 08 dez. 2014.

SECRETARIA DA AGRICULTURA E DO ABASTECIMENTO. **Projeto mercados**

Institucionais PNAE e PAA. Disponível em:

<<http://www.emater.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=147>>. Acesso em: 08 dez. 2014.

SECRETARIA DA AGRICULTURA. PECUÁRIA, IRRIGAÇÃO REFORMA AGRÁRIA, PESCA E AQUICULTURA. **Seguro Safra.** Disponível em:

<<http://www.seagri.ba.gov.br/content/programa-garantia-safra-0>>. Acesso em: 10 dez. 2014.

APÊNDICES

APÊNDICE A - TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE DEPOIMENTOS E IMAGENS

Eu _____, CPF _____,
RG _____, morador (a) à _____
(endereço), depois de conhecer e entender os objetivos, procedimentos metodológicos, riscos e benefícios da pesquisa, bem como de estar ciente da necessidade da cessão do uso de minha imagem e/ou depoimento, AUTORIZO, através do presente termo, a Srta. _____ da pesquisa intitulada “ _____ ” a obter as fotografias que se façam necessárias e/ou a colher meu depoimento sem quaisquer ônus financeiros a nenhuma das partes.

Desta forma autorizo o uso desses depoimentos e/ou fotografias para fins científicos de estudos (dissertação, tese, livros, artigos, *slides*, *banners*), em favor da pesquisadora acima especificada.

Ao utilizar tais fotografias e/ou depoimentos, a referida pesquisadora deverá obedecer ao que está previsto nas leis que resguardam os direitos das crianças e adolescentes, dos idosos e das pessoas com deficiência (Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA, Lei Nº 8.069/1990; Estatuto de Idoso, Lei Nº 10.741/2003; Decreto 3.298/1999, alterado pelo Decreto Nº 5.296/2004).

Local, data, ano.

Pesquisadora responsável pela pesquisa

Sujeito da Pesquisa

APÊNDICE B - COLETA DE DADOS DA PESQUISA DE CAMPO I



PROGRAMA DE POS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO REGIONAL SUSTENTÁVEL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO CARIRI – UFCA

Coleta de dados da pesquisa de campo – Dissertação do Mestrado
Comunidade rural Baixio Grande – Assaré-CE

Nome: _____

Data: _____

MATRIZ DE DISTRIBUIÇÃO DAS TAREFAS ENTRE MULHERES E HOMENS

Tarefas	Mulheres	Homens
Trabalho produtivo		
*Agricultura		
Plantação		
Colheita		
*Criação de animais		
Ovelhas		
Galinhas		
Gado		
*Tarefas domésticas		
Pegar lenha		
Pegar água		
Cuidar das crianças		
*Atividades socioculturais		
Trabalho comunitário		
Atividades educativas		
Projetos de desenvolvimento		
Cerimônias		
*Atividades na hora das folgas		
Visitas		
Lazer		
Festas		
*Outras atividades produtivas		
Administração do dinheiro		
Compras de insumos		
Emprego		

APÊNDICE C - COLETA DE DADOS DA PESQUISA DE CAMPO II



PROGRAMA DE POS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO REGIONAL SUSTENTÁVEL

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CARIRI – UFCA

Coleta de dados da pesquisa de campo – Dissertação do Mestrado
Comunidade rural Baixio Grande – Assaré-CE

Nome: _____

Data: _____

MATRIZ DE TOMADA DE DECISÃO

DECISÕES	QUEM DECIDE?	
	HOMEM	MULHER
Compra de objetos (Estufas, móveis...)		
Comprar propriedades		
Comprar e vender animais		
Estudos dos filhos		
Tarefas domésticas		
Participar da igreja		
Participação em associações		
Comprar roupas e sapatos – objetos pessoais		

APÊNDICE D - COLETA DE DADOS DA PESQUISA DE CAMPO III



Coleta de dados da pesquisa de campo – Dissertação do Mestrado
Comunidade rural Baixio Grande – Assaré-CE

Nome: _____

Data: _____

MATRIZ DE CONTROLE E ACESSO

	CONTROLE		ACESSO	
	HOMEM	MULHER	HOMEM	MULHER
Terra própria				
Terra arrendada				
Água				
Receitas (renda)				
Produção agrícola				
Educação				
Filhos				
Trabalhos				
Participação comunitária				

APÊNDICE E - COLETA DE DADOS DA PESQUISA DE CAMPO IV



Coleta de dados da pesquisa de campo – Dissertação do Mestrado
Comunidade rural Baixio Grande – Assaré-CE

Nome: _____

Data: _____

MAPA DE MOVIMENTO

MOVIMENTO	HOMEM	MULHER
Banco		
Associação		
Igreja		
Ematerce		
Escola		
Feiras livres		